



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**ALESSANDRA CRISTINA PIMENTA BERGAMASCHI GARCIA**

**ARTE, CULTURA, IDENTIDADE E LITERATURA: MATO GROSSO DO SUL NA  
REVISTA *GRIFO***

---

Campo Grande/MS

2018

**ALESSANDRA CRISTINA PIMENTA BERGAMASCHI GARCIA**

**Arte, Cultura, Identidade e Literatura: Mato Grosso do Sul na revista *Grifo***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Historiografia Literária

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Susylene Dias de Araujo

Campo Grande/MS

2018

G198a Garcia, Alessandra Cristina Pimenta Bergamaschi  
Arte, cultura, identidade e literatura: Mato Grosso do Sul na  
revista Grifo/ Alessandra Cristina Pimenta Bergamaschi Garcia.  
– Campo Grande, MS: UEMS, 2018.  
124 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de  
Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Susylene Dias Araujo.

1. Identidade e cultura 2. Literatura – pesquisa 3. Arte I.  
Araujo, Susylene Dias II. Título

CDD 23. ed. - 306

**ALESSANDRA CRISTINA PIMENTA BERGAMASCHI GARCIA**

**Arte, Cultura, Identidade e Literatura: Mato Grosso do Sul na revista *Grifo***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Historiografia Literária

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Susylene Dias de Araujo (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Volmir Pereira Cardoso- Titular  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos- Titular  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Maria de Oliveira (suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Andre Rezende Benatti (suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande – MS  
2018

Àquele que significa tanto, que deu incentivo, que concedeu tranquilidade e foi apoio incondicional em todos os momentos, meu amado Márcio.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me manter firme na caminhada de fé, me abençoar com a vida, com saúde e com a vontade de buscar o saber.

À Bruna Maria e a José Pedro, filhos queridos, donos do meu coração, por compreenderem tantas vezes minha ausência e continuarem a torcer por mim.

À dona Luzia Lopes Pimenta, mãezinha, que muito se orgulha desta vossa filha, por seu imenso amor e suas fervorosas orações.

A Devair Pimenta, pai adorado das filhas, que mesmo em seu descanso eterno, acredito que sobre mim lança o olhar de satisfação e de dever cumprido.

À Cacau e Flavinha, irmãs-amigas, por todo o incentivo e os momentos do café, que ajudaram na retomada à concentração.

Aos idealizadores da Revista *Grifo*, os jornalistas Marília C. Leite e Mário Ramires, seus colaboradores Neuza Chacha, José Márcio Licerre e José Octávio Guizzo, por instituírem à população os registros da memória sul mato-grossense com suas composições.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Susylene Dias de Araujo, minha orientadora, por sua amizade e, principalmente, pela dedicação durante o processo da pesquisa, pela orientação comprometida com a qualidade e seriedade e por todas as horas extras compartilhadas.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por meio do Programa de Pós-Graduação, por oferecer oportunidades para a participação no Mestrado em Letras.

À Banca de Qualificação, formada pelos professores Dra. Eliane Maria de Oliveira e o Dr. Volmir Pereira Cardoso, pelo fomento e abordagem enriquecedores feitos durante a apresentação para a qualificação da referida pesquisa.

À Banca de Defesa, formada pelos professores Dr. Volmir Pereira Cardoso e Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos, por suas colaborações neste Programa de Pós-Graduação.

Aos professores envolvidos no projeto de Mestrado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por suas aulas dinâmicas e provocadoras, que tanto instigam à pesquisa.

Aos funcionários da UEMS, em especial à secretaria do Mestrado em Letras.

E a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para meu crescimento acadêmico.

“**Grifo** pegou.

Não só o nome, como também a proposta lançada na edição especial de janeiro, de fazer desta revista ‘um veículo de troca de idéias’. A receptividade encontrada junto às diversas faixas da população, aliada ao entusiasmo e confiança com que esse trabalho foi recebido dentro e fora do Estado, veio reforçar a nossa intenção de valorizar cada vez mais em nossas páginas a opinião e as esperanças dos que vivem e trabalham a realidade do oeste brasileiro.

E por isso estamos aí, no mesmo rumo, procurando grifar de forma séria e agradável os aspectos mais significativos do nosso dia-a-dia”.

(Marília C. Leite, Revista *Grifo*, março de 1979, p.3)

GARCIA, Alessandra C.P.B. *Arte, Cultura, Identidade e Literatura: Mato Grosso do Sul na revista Grifo*. 2018, 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMO

Após a divisão geopolítica de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, no ano de 1977, os cidadãos sul-mato-grossenses firmavam sua autonomia estatal e também cultural e como requisito para isso buscavam ser referência nacional não somente na agricultura, mas também nas artes, na literatura e na música. Um documento importante, que fez parte dos registros destas conquistas no início da formação do estado de Mato Grosso do Sul, é a revista *Grifo*, que circulou na região Centro-Oeste do país no ano de 1979. Ao esbarrarmos no tema dos Estudos Culturais, que buscam destacar a elaboração de significados culturais e sua disseminação nas sociedades contemporâneas, percebemos a relevância de tornar público o registro escrito nos âmbitos culturais e literários, presentes nas edições das revistas *Grifo*. Suas edições, produzidas por uma equipe voltada principalmente para o jornalismo cultural, deixaram traços culturais e literários representativos de um estado que na época encontrava-se em estreia. Muitas das manifestações culturais e literárias abordadas naquele tempo ainda têm seus resquícios presentes no cotidiano do cidadão sul-mato-grossense. Das análises e pesquisas feitas com a revista *Grifo*, pudemos constatar que alguns festivais de música e também de arte que tiveram seu início na época da circulação das revistas, ainda acontecem no estado e foram também responsáveis pelo lançamento de grandes nomes da música regional. E ícones de nossa literatura e nossa música, que hoje são ovacionados pelo público, tiveram suas primeiras entrevistas registradas nas páginas da revista *Grifo*. Retomar seus aspectos culturais e literários enriquece os registros da história deste estado que, no auge de seus 40 anos de autonomia, tem tanto a mostrar aos seus.

**Palavras-chave:** Revista *Grifo*; Cultura e Identidade em Mato Grosso do Sul; Arte e Literatura em Mato Grosso do Sul.



GARCIA, Alessandra C.P.B. *Art, Culture, Identity and Literature: Mato Grosso do Sul in Grifo magazine*. 2018, 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## ABSTRACT

After the geopolitical division of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul in 1977, South-Mato Grosso's citizens established their state and cultural autonomy, and as a requisite they sought to be a national reference not only in agriculture but also in the arts, in literature and in music. An important document, which was part of the records of these achievements at the beginning of the formation of the state of Mato Grosso do Sul, is *Grifo* magazine, which circulated in the Center-West region of the country in 1979. When we come to the theme of Cultural Studies, which seek to highlight the elaboration of cultural meanings and their dissemination in contemporary societies, we realize the relevance of making public the written record in the cultural and literary spheres present in the editions of the *Grifo* magazines. Its editions, produced by a team focused mainly on cultural journalism, left cultural and literary traits representative of a state that was at that time in the making. Many of the cultural and literary manifestations discussed at that time still have their remnants present in the daily life of the South-Mato Grossoan citizen. From the analysis and research done with the magazine *Grifo*, we could see that some music and art festivals that began during the circulation of magazines are still happening in the state and were also responsible for the launching of great names in regional music. And icons of our literature and music, which are now cheered by the public, had their first interviews recorded on the pages of *Grifo* magazine. Resuming its cultural and literary aspects enriches the records of the history of this state that, at the height of its 40 years of autonomy, has so much to show its own.

**Keywords:** *Grifo* magazine; Culture and Identity in Mato Grosso do Sul; Art and Literature in Mato Grosso do Sul.

## .LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Quadro de apresentação das capas das edições de <i>Grifo</i>	13
FIGURA 2 – Mapa Geográfico de MS	35
FIGURA 3 – Revista Grifo – Capa ed. n.00	48
FIGURA 4 – Capa da <i>Grifo</i> edição de nº 03	51
FIGURA 5 – Imagem do Santo ‘carnavalesco’	52
FIGURA 6 - Festa de São João em Corumbá	55
FIGURA 7 – Cultura Sul Mato Grossense?	65
FIGURA 8 – A cartunista Marlene Mourão	66
FIGURA 9 – Maria Dadô, por Marlene Mourão	67
FIGURA 10 - Maria Dadô, <i>Grifo</i> de maio de 1979	70
FIGURA 11 – Maria Dadô, <i>Grifo</i> de junho de 1979	71
FIGURA 12 - Maria Dadô, <i>Grifo</i> de agosto de 1979	71
FIGURA 13 - Maria Dadô, <i>Grifo</i> de setembro de 1979	72
FIGURA 14 - Maria Dadô, <i>Grifo</i> de setembro de 1979	72
FIGURA 15 – Cinema Nacional em MS	74
FIGURA 16 – Programação Cine Clube – Ano de 1979	76
FIGURA 17 – Tetê e os Lírios Selvagens com Almir Sater	78
FIGURA 18 – Capa da <i>Grifo</i> edição nº 02	79
FIGURA 19 - Grupo Acaba	80
FIGURA 20 – O poeta Manoel de Barros	83
FIGURA 21 – Entrevista com Manoel de Barros	86
FIGURA 22 – Manoel de Barros	89
FIGURA 23 – Os Fundadores	92
FIGURA 24 – Lobivar Matos	98
FIGURA 25 – Os artistas do Centro-Oeste	101
FIGURA 26 – A arte de Humberto Espíndola	102

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
<b>CAPÍTULO I</b>	
ESTUDOS CULTURAIS: BREVE HISTÓRICO.....	17
1.1 – Os Estudos Culturais no Brasil.....	24
1.2 – Os Estudos Culturais e a Historiografia Literária.....	26
<b>CAPÍTULO II</b>	
MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	34
2.1 – Contexto histórico e cultural de MS no final da década de 1970.....	34
2.2 – A cultura como Memória e Identidade.....	38
2.2.1 – Cultura e Memória: subsídios à formação da Identidade.....	43
2.2.2 – “São João Carnavalesco em Corumbá”, memória e identidade nas páginas de <i>Grifo</i> .....	50
2.2.3 - Revistas e periódicos como suportes de cultura.....	56
<b>CAPÍTULO III</b>	
A REVISTA <i>GRIFO</i> NO CONTEXTO DA CRIAÇÃO DE MS.....	62
3.1 – Aspectos formais e as expressões literárias e artísticas na <i>Grifo</i> .....	63
3.1.1 – Humor: as tirinhas de Marlene Mourão.....	65
3.1.2 – Cinema em Campo Grande.....	73
3.1.3 – O Grupo Acaba.....	76
3.1.4 – Literatura e outras artes em MS .....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	113

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quase sempre as criaturas que nascem repositórios de chão e de estrelas, só sabem fabricar poeira com palavras. E ainda outras que moram ruínas viçosas por dentro, se agarram nas palavras para sobreviver.

(Manoel de Barros – *Grifo*, 2ª ed., maio de 1979.)

No início dos anos de 1930 se fomentou a ideia de divisão do Estado de Mato Grosso. Desde então oligarquias se reuniam e buscavam formas de colocar o sonhado projeto em prática. Sem que entremos em questões políticas, pularemos para a década de 1970, quando entre os anos de 1977 a 1979 finalmente se deu a divisão de Mato Grosso, nomeando a outra parte de Mato Grosso do Sul. Numa região com peculiaridades próprias se viu a necessidade da representação de seus cidadãos e de sua identidade perante a nação. Sendo assim, a identidade de um povo, sua interação humana, seus valores e regras devem ter lugar de destaque como ponto de discussão a respeito da história da formação do novo Estado de Mato Grosso do Sul. Desta forma, qualquer registro da memória escrita e áudio visual referente à região do estado de Mato Grosso do Sul nos interessaria. Um documento importante, que fez parte dos registros destas conquistas no início da formação do estado de Mato Grosso do Sul, é a revista *Grifo* que circulou na região Centro-Oeste do país, no ano de 1979.

Num diálogo a respeito do que pesquisar, e já tendo tomado conhecimento da existência da revista *Grifo*, surgiu o desejo de participar a todos os interessados o quanto importante foram os relatos de suas edições para a formação, e também apresentação, da identidade do povo de Mato Grosso do Sul. Ao falarmos sobre o resgate da memória do cidadão sul mato-grossense, mais precisamente na época da divisão efetiva do estado nos finais da década de 1970, percebemos a relevância de tornar público o registro escrito nos âmbitos culturais e literários, presentes nas edições das revistas *Grifo*.

A principal justificativa que estimamos foi a originalidade do trabalho e do *corpus* selecionado. Ao fazermos o levantamento bibliográfico a respeito de estudos feitos com a revista *Grifo*, encontramos pesquisas e alguns relatos no campo de Jornalismo da UFMS – Universidade Federal de MS, que nos auxiliaram na decisão de nosso foco de estudo. Não havia ainda registros sobre o recorte cultural e literário pertencentes à revista *Grifo* nos arquivos da Historiografia Literária de Mato Grosso do Sul. Assim sendo, fizemos em nosso trabalho de pesquisa a análise crítico-interpretativa dos textos verbais e não verbais das

colunas voltadas para as manifestações literárias e culturais de Mato Grosso do Sul, nas páginas da *Grifo*, no período de sua circulação, no ano de 1979.

A revista *Grifo* difundiu-se no Estado e em toda a região Centro-Oeste do Brasil no início do ano de 1979. Seu lançamento ocorreu no mês de Janeiro, com a edição de número zero, estratégia que funcionou como um protótipo do que estava por vir. Na sequência, mais seis edições foram colocadas em circulação; no mês de Março, a de número um (01); no mês de Maio, número dois (02); a edição de Junho a de número três (03); Agosto, a edição de número quatro (04); de Setembro a de número cinco (05) e por fim a de Dezembro, com a edição de número seis (06).

**FIGURA 01 – Quadro de apresentação das capas das edições de *Grifo*<sup>1</sup>**



Fonte: Acervo pessoal da orientadora deste trabalho de pesquisa.

<sup>1</sup> Todas as capas das edições de *Grifo* estão apresentadas na íntegra em anexos.

Destes exemplares, contamos com os seis últimos em nossas posses, pertencentes ao acervo particular da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susylene Dias de Araujo, docente da Universidade Estadual de MS, coordenadora do Mestrado em Letras na unidade de Campo Grande, e que cuja orientação nos possibilitou o andamento da presente pesquisa. Estes seis exemplares da revista *Grifo* foram digitalizados e arquivados num pen-drive, para facilitar o acesso às imagens e fotos dos artigos e reportagens que compõem a pesquisa. O exemplar de n.0 (zero) nos foi presenteado digitalmente, em formato de arquivo *pdf* pelo professor e jornalista José Márcio Licerre, da Universidade Federal de MS, também na cidade de Campo Grande. Cabe ressaltar que o jornalista José Márcio Licerre fez parte da equipe de produção das Revistas *Grifo*, atuando na diagramação e arte e também como fotógrafo nas reportagens das edições.

Mesmo veiculada por alguns meses apenas, as edições da revista *Grifo* deixaram traços culturais e literários representativos de um estado que na época se encontrava em estreia o então recém-formado estado de Mato Grosso do Sul. Muitas das manifestações culturais e literárias abordadas naquele tempo ainda têm seus resquícios presentes no cotidiano do cidadão sul-mato-grossense. Das análises e pesquisas feitas com a revista *Grifo*, podemos constatar que alguns festivais de música e também de arte que tiveram seu início na época da circulação das revistas, ainda acontecem no estado. E grandes nomes da nossa literatura e de nossa música, que hoje são citados na mídia e ovacionados pelo público de um modo geral, tiveram suas primeiras entrevistas registradas nas páginas da revista *Grifo*.

A presente pesquisa apontará que além de todo um aspecto cultural e artístico que a revista apresentou ao estado estreante houve também sua relevância no âmbito político social, pois *Grifo*, em cada uma de suas edições, trazia aos leitores entrevistas, reportagens, informações esclarecedoras sobre o momento histórico pelo qual estavam atravessando na época de sua circulação. Não foi um trabalho insignificante, pois mesmo por ter sua trajetória encurtada deixou fragmentos de uma era transformadora e inovadora para o povo sul mato-grossense. Retomar seus aspectos culturais e literários enriquecerá mais ainda os registros da história deste estado, que no auge de seus 40 anos de fundação, é aclamado como o berço de talentos que encantam gerações com palavras expressas em textos, músicas, na arte da pintura, da escultura.

No primeiro capítulo, apresentamos como requisito para a compreensão deste trabalho, do ponto de vista geral, a questão dos Estudos Culturais e sua constituição a partir do olhar e pesquisas, entre outros, de Maria Elisa Cevalco, com suas *Dez lições sobre os Estudos Culturais* (2003). Em cada uma destas lições sobre os Estudos Culturais, a autora aborda os

aspectos históricos, literários e linguísticos que cercaram seus fundadores na década de 1950, os estudiosos Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson, que buscavam em seus projetos averiguar e renomear os conceitos de cultura e das identidades culturais, trazendo à tona propostas de igualdade e unificação das classes através da cultura, do literário. Além de Cevasco (2003), esse capítulo ainda conta com as observações feitas por Armand Mattelart e Érik Neveu em *Introdução aos Estudos Culturais* (2004), a respeito dos Estudos Culturais sob a visão econômica e política dos fatos sociais que difundiam a cultura de uma sociedade.

Em seguida, apresentamos os primeiros vestígios de tais Estudos no Brasil, quando citaremos nomes como o de Antonio Candido que se pronuncia em prol da importância da historiografia literária para com os Estudos Culturais. Candido, em *Vários Escritos* (2011), nos apresenta sua performance como a de um advogado de defesa, quando disserta em favor da literatura e da historiografia literária, utilizando como argumentos os feitos de seus antecessores que mesmo com outras nomenclaturas buscavam respostas no campo da cultura. Candido (2011) cita a relevância da influência dos conhecimentos de Mário de Andrade para a emancipação da cultura em nosso país. Veremos também as colocações de Antonio Candido nas questões dos direitos humanos e seu diálogo sobre o acesso à literatura.

No segundo capítulo, autores como Stuart Hall, que muito contribuíram com suas obras, nos fornecerão suporte para o entendimento e para que possamos dissertar sobre as possíveis definições de cultura, também das identidades que constituem determinada sociedade e das influências e mudanças que sofrem econômica e politicamente, com o transcorrer do tempo. E, para nos aproximarmos do recorte de nosso trabalho de pesquisa que é a análise das páginas da revista *Grifo*, voltadas para o âmbito literário, artístico e cultural, faremos antes um passeio pelas páginas de livros que nos remetem às épocas iniciais das revistas e periódicos no Brasil, para que sua compreensão possa fazer sentido.

No terceiro capítulo, apresentaremos o contexto histórico e cultural de Mato Grosso do Sul no final dos anos de 1970, o qual as Revistas *Grifo* estavam inseridas, com o intuito de justificar sua importância enquanto registro contundente ao então mais novo estado da República Brasileira. Exibiremos de forma detalhada as expressões literárias e artísticas, presentes nas páginas das sete edições das revistas *Grifo*, que circularam no mercado da região Centro-Oeste no ano de 1979. Ainda em anexo, apresentaremos todas as capas das edições formatadas, para que todos possam ter acesso.

Serão apresentadas também análises dos poemas pertinentes às revistas citadas e também todas as seções designadas às artes em geral. Nomes como o de Manoel de Barros, Lobivar de Matos e Marlene Mourão estão entre aqueles que trouxeram para as seções culturais das revistas traços identitários do cidadão sul-mato-grossense.

Nas considerações finais, reforçamos a importância dos Estudos Culturais e do Jornalismo Cultural como embasamentos teóricos e subsídios fundamentais à compreensão desta pesquisa. Edificamos os motivos pelos quais a pesquisa se fez importante, por ter trazido à tona o resgate da trajetória da primeira revista impressa do gênero de entretenimento de Mato Grosso do Sul. *Grifo* reuniu e deixou registros em suas páginas dos traços da cultura regional sul mato-grossense. Ficamos com a intenção de que aconteçam outras leituras a respeito do tema abordado, que possibilitem novos vieses para a continuidade dos registros da memória deste Estado.



## Capítulo I

### ESTUDOS CULTURAIS: BREVE HISTÓRICO

Não se pode pensar em democracia plena, sem que haja cultura, atendimento aos setores sociais, administração e organização do Estado.

Governador Harry Amorim, Revista *Grifo*, Janeiro de 1979.

Para fazermos um recorte sobre a vida cultural e artística, do período histórico que o Estado recém-criado de Mato Grosso do Sul vivenciava no ano de 1979, torna-se necessário que antes façamos uma análise a respeito dos Estudos Culturais. Comentaremos brevemente sobre a origem dos Estudos Culturais até sua permanência no Brasil, para que se justifique a relevância da pesquisa sobre os registros da memória e da trajetória cultural de Mato Grosso do Sul, vistos nas páginas das edições da revista *Grifo*. Desta maneira, um dos objetivos do presente capítulo se concentra em traçarmos um breve histórico sobre a questão dos Estudos Culturais, seu surgimento e desdobramentos no Brasil.

Iniciamos nossas considerações, contemplando os Estudos Culturais a partir das reflexões de Maria Elisa Cevasco em “Dez Lições sobre Estudos Culturais”, publicado no Brasil em 2003 e publicações correlatas. Segundo Cevasco (2003), os Estudos Culturais, enquanto representação dos estudos relacionados a diferentes formações culturais contribuem para o processo do desenvolvimento humano.

Os Estudos Culturais trazem novas perspectivas sobre a conversação das diversas culturas. A partir de meados do século XX, surgem outros propósitos de um novo sentido para a palavra ‘cultura’, que passa a traduzir o modo de vida e as artes em geral. Ainda pelas observações de Cevasco (2003), percebemos que tais Estudos nos ajudam a compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno; como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e de corporações multinacionais.

A referida obra, síntese da perspectiva histórica sobre os Estudos Culturais, nos revela que o movimento, que hoje é dado como disciplina acadêmica, surgiu nos anos de 1950, na Grã-Bretanha e veio para suprir as necessidades intelectuais de uma nova configuração social

e histórica. No livro, percebemos que a terminologia que oficializou a expressão Estudos Culturais foi reconhecida desde 1958.

Pelos estudos de Cevasco (2003), reunidos em dez lições que nos ajudam a compreender o desenvolvimento dos Estudos Culturais chegamos aos nomes de Richard Hoggart e Raymond Williams, apresentados logo na primeira lição de Cevasco (2003), que foram pioneiros e fundadores do *Birmingham Center for Contemporary Studies*, um centro de pesquisa concentrado especialmente na identificação dos efeitos culturais das desigualdades sociais, cujos objetivos principais eram traçar a formação social a partir do ponto em que as desigualdades surgiam, formular novas teorias, apresentar posturas políticas e acompanhar as transformações que os novos tempos determinavam e inter-relacionar os fenômenos culturais e socioeconômicos, além de lutar pela transformação do mundo.

Raymond Williams (1921-1988), que foi o expoente central na fundação dos Estudos Culturais enquanto disciplina, teve como discípulos Richard Hoggart e Edward P. Thompson. Entre suas obras mais relevantes estão: “Culture and Society, 1780 – 1950” (Raymond Williams); “The uses of Literacy” (Richard Hoggart) e “The making of the English working class” (Edward P. Thompson). Segundo as pesquisas de Cevasco (2003), Raymond Williams, mesmo tendo muito respeito pelas tradições culturais das classes mais abastadas, teve a sensibilidade de perceber que, dentro desta mesma cultura, ‘gritava’ a necessidade de findar com as divisões de classes, as divisões sociais e que fossem inseridos ali outras abordagens e interpretações de ‘cultura’.

A primeira providência é entender que a defesa de uma cultura comum não implica um despreço pelas artes. Williams modifica a relação entre arte e sociedade. Enquanto Leavis, na tradição da Arnold, colocava a cultura para além do âmbito social, Williams estabelece que o mundo das artes está inextricavelmente ligado à vida social e depende de meios sociais de produção de sentido - como vimos, a própria linguagem é um deles – para se fazer compreender e atingir seu significado (CEVASCO, 2003, p. 52).

Para Williams, a formação dos Estudos Culturais se deu no início com um tipo de Educação para Adultos, curso iniciado “como um empreendimento marginal, desconectado das disciplinas e das universidades consagradas, e começaram não porque este ou aquele intelectual os inventou, mas a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade” (CEVASCO, 2003, p.62). William, Hoggart e Thompson foram professores da Workers Educational Association (WEA), uma instituição de esquerda voltada para ensino e alfabetização da classe proletária.

Williams, Hoggart e Thompson se interessaram pela cultura dos “de baixo”, buscando formas de resistência à cultura capitalista nos significados, valores e conhecimentos produzidos por aqueles que o sistema deixava de lado e explorava.

Ensinar nesse tipo de instituição era mais uma intervenção política do que uma profissão. As escolas noturnas para trabalhadores eram uma tradição já estabelecida na Grã-Bretanha antes da Segunda Guerra Mundial, mas tiveram seu momento de expansão durante os tempos de maior integração social no pós-guerra, quando a sociedade tinha de, pelo menos, fazer um esforço para incluir os que tinham lutado para ganhar a guerra: nos anos 1950 havia 150 mil adultos matriculados em cursos de extensão universitária, e a própria WEA tinha 90 mil alunos (CEVASCO, 2003, p. 62).

Richard Hoggart (1918 -), assim como Raymond Williams, tinha formação em literatura e, segundo os escritos de Cevasco (2003), teve sua origem na classe menos favorecida. Com seu livro mais conhecido “The uses of Literacy”, que foi traduzido para o francês sob o título reduzido de “La culture du puvre” (A cultura do pobre), estudou as tradições culturais da classe trabalhadora urbana e o impacto da cultura de massas sobre seus hábitos e costumes. Fundou também, em 1964, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS), centro este que concentrou figuras importantes da nova disciplina, como o jamaicano Stuart Hall.

Nos anos de 1970 e 1980, os movimentos feministas e o movimento negro que travava a questão das raças foram marcados pelo encontro do privado e do público. E, segundo as pesquisas de Cevasco (2003) foram nesses momentos que os Estudos Culturais foram definitivamente formados. O futuro destes Estudos está na tentativa de levar o melhor que se pode em termos de trabalho intelectual até pessoas para quem esse trabalho não é um modo de vida ou emprego, mas uma questão de alto interesse para que entendam as pressões sofridas, incluindo das mais pessoais às mais amplamente políticas. Com este direcionamento intelectual, a Grã-Bretanha transforma-se em um centro internacional de discussão de esquerda marcada pelo surgimento da “nova esquerda”, a “new left”.

Na sequência dos estudos, as lições de Maria Elisa Cevasco vão recebendo títulos muito interessantes para a contextualização histórica dos estudos culturais. Na segunda lição, Cevasco (2003) faz uma retomada do contexto histórico nos parâmetros literários e voltando à década de 1930, nos apresenta o ensino de literatura inglesa como antecedente aos Estudos Culturais. Para tanto, a autora faz um levantamento de dados a respeito da evolução e desenvolvimento histórico aos quais se submeteu a literatura inglesa enquanto disciplina. Em

meados da década de 1930, a literatura inglesa se colocava à frente como representante das humanidades e somente depois da segunda metade do século XIX, começou a constituir-se como disciplina. Segundo suas pesquisas, a autora diz que entres seus vários atributos, a literatura inglesa, enquanto disciplina, tinha “o mérito de expor o leitor a outros pontos de vista, habituando-o ao pensamento e ao sentimento pluralistas, convencendo-o de que existem outras formas de ver o mundo além das suas”. (CEVASCO, 2003, p. 30) Outro aspecto que deveria ser considerado era o de difundir a literatura inglesa a uma literatura nacional, que despertasse o sentimento de orgulho pela pátria, com a finalidade de fortalecer o sentimento da identidade nacional.

Na terceira lição, Cevasco (2003) indica alguns contrapontos teóricos sobre as concepções de cultura de minoria que se referia à elite e da cultura em comum. Em suas análises, a pesquisadora pontua algumas considerações do crítico literário F. R. Leavis sobre a cultura de minoria, formada por apreciadores da arte e da literatura, pessoas advindas de uma elite social, capazes de um julgamento espontâneo à primeira vista. Segundo Leavis, (apud CEVASCO, 2003 p.46) “a esse público diferenciado cabe ainda a preservação da linguagem”. Em oposição ao pensamento de Leavis considerado como um elitista, há a cultura em comum, descrita por Raymond Williams como “a cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar” (Raymond Williams apud CEVASCO, 2003 p. 53), o que significa que todas as manifestações culturais e todo modo de vida voltado à cultura devem ser levados em consideração.

Sobre a formação dos Estudos Culturais, na quarta lição, Maria Elisa Cevasco (2003) apresenta, antes de quaisquer apontamentos, os registros da bibliografia clássica sobre o início de tudo e cita a concepção de Stuart Hall de que as origens dos Estudos Culturais estão na publicação dos três livros que aqui já foram referidos: “Culture and Society, 1780 – 1950” (1958) de Raymond Williams; “The uses of Literacy” (1957) de Richard Hoggart e “The making of the English working class” (1963) de Edward P. Thompson. Para o estudioso, estas obras representam uma ruptura com a tradição dos modos de estudos dos fenômenos sociais.

Nesta quarta lição, Cevasco (2003) apresenta que os três grandes nomes representativos do início dos estudos culturais, Hoggart, Thompson e Williams, além de escritores foram também professores de uma organização de esquerda para a alfabetização de trabalhadores, a Workers’ Educational Association (WEA). Implantaram o que poderia ser descrito como ensino democrático, pois os Estudos Culturais estavam separados das universidades consagradas ou de qualquer outra disciplina e se firmaram na necessidade de

uma educação democrática àqueles que haviam sido privados dessa chance. Os três se dedicaram pela cultura dos “de baixo”, buscando formas de resistência à cultura capitalista nos significados, nos valores e nos conhecimentos produzidos pelos que o sistema deixara de fora e explorara.

Em sua quinta lição, Maria Elisa Cevalco (2003) discorre sobre formações intelectuais, se atentando ao movimento da New Left, a Nova Esquerda, que foi um movimento voltado para novas formas de fazer e pensar política. Cevalco (2003), ao final de sua pesquisa e análise sobre a formação intelectual da New Left, pontua dois resultados em que esse movimento atuou, sendo um positivo e outro nem tanto. O primeiro como sendo um ganho ao abrir novos campos de estudos a várias disciplinas, como história e política e articulou novas disciplinas, como a dos estudos culturais. Mas, por outra via, há um lado negativo, pois a tendência dos Estudos Culturais é supervalorizar o cultural em relação ao político.

A sexta lição sintetizada por Maria Elisa Cevalco (2003), ao refletir sobre as posições da cultura como materialismo cultural, nos informa sobre a transformação dos Estudos Culturais do contexto de uma escola secundarista para a dimensão de disciplina acadêmica. No Centro de Birmingham, por meados da década de 1970, Stuart Hall reconhece dois paradigmas que passam a nortear a discussão: o culturalista e o estruturalista. No culturalismo, os fundadores do Centro de Estudos da Cultura Contemporâneo (CCCS) viam a cultura como um veículo de descoberta, de interpretação e luta social. Já “os estruturalistas buscavam na cultura a manifestação de dados estruturais de uma sociedade” (CEVASCO, 2003 p.100).

Na sétima lição, a pesquisadora Maria Elisa Cevalco (2003), aponta como parte do trabalho analítico de Raymond Williams algumas inferências sobre o marxismo e o materialismo cultural, nas quais Williams diz que em todas as sociedades, em um determinado tempo histórico, convivem três formas de estruturação de significados e valores, a dominante, que nunca é estática, sempre prevê meios de reprodução e citadas como fontes de transmissão das formas dominantes estão instituições como a família e a escola; a emergente, que faz parte de grupos opositoristas, estando sempre na busca de elementos do novo e a residual, que somam os restos de uma formação não mais dominante.

As relações entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais estão pautadas na oitava lição de Cevalco (2003). Segundo a estudiosa, tais relações podem se estabelecer do ponto de vista histórico, a partir do estudo da cultura, advindos de obras cujos pensadores atuavam

também como críticos literários, outra perspectiva apontada por Cevalasco sugere “pensar os estudos de cultura como tensão do campo dos estudos literários” (CEVASCO, 2003 p.138).

Sob os prismas de estudos de Cevalasco (2003), para Williams era necessário se contrapor às visões idealistas da cultura que insistem em pensa-la como domínio separado da vida concreta. Para Williams, deveria se pensar uma política cultural que pudesse dar acesso a todos às formas de cultura existentes, que na verdade são heranças em comum e representam todo um modo de vida. Trata se de algo comum a toda a sociedade, que inclui as grandes obras, mas também os significados e valores que organizam a vida comum. Ou seja, o pensamento produtivo de Williams visava lutar para que a cultura exclusivista começasse a fazer parte de uma cultura em comum, onde os significados e valores fossem construídos por todos e não por uns poucos privilegiados. Que houvesse participação democrática de todos em todos os níveis sociais e acesso igualitário às formas e meios de criação cultural.

Williams era contrário à ideia de que o que tem valor cultural seja produzido por poucos e vivido passivamente pela maioria. No campo materialista o fator principal é ver como a cultura é um elemento fundamental na organização da sociedade, ou seja, pensar a cultura com sua função social que venha contribuir para a construção de uma alternativa de uma sociedade mais justa e igualitária. O centro da teoria de Williams era a interligação cultura – vida social.

O materialismo cultural abre aos Estudos Culturais a possibilidade de descrever com destreza o funcionamento da cultura na sociedade. Já a visão de cultura em que se apoiava o ensino da literatura tinha a pretensão de contribuir para a propagação de valores, que eram endossados por um seletivo grupo de iniciados, por meio da educação tornando-os pessoas melhores que manteriam esses mesmos valores. Segundo Cevalasco (2003), Williams questionava a separação da alta cultura, que tinha a literatura como sua principal representante, da cultura comum, afirmando que uma dependia e definia a outra.

Para Williams a questão é pensar uma política cultural que dê acesso, a todos, às formas de cultura que, embora usurpadas para uso exclusivo por uma determinada classe, são herança comum que será mantida viva – e por tanto modificada – no momento em que tivermos uma forma participatória de cultura. Williams enfatiza que essa cultura em comum depende de uma mudança radical na organização econômica da sociedade. Não é coincidência que todas essas formulações se deem em tempos de esperanças fortes de possibilidade de mudanças como os anos 1960 (CEVASCO, 2003, p. 141).

Os temas abordados pelas nona lição na obra de Cevasco (2003) são pertinentes aos Estudos Culturais contemporâneos, assunto que por ora não será discutido em nosso estudo. Em relação a décima lição, que recebe o título de Estudos Culturais no Brasil, faremos a consideração mais apurada desse assunto num outro momento, como complemento das ideias centrais do próximo tópico deste capítulo.

Diante desse histórico da formação dos Estudos Culturais, percebemos que a obra de Maria Elisa Cevasco (2003) é de fundamental importância para compreendermos o assunto, pois reúne em seus escritos, de maneira clara e sintetizada toda a trajetória histórica e funcional dos Estudos Culturais, desde antes de sua formação com seus antecedentes na Grã-Bretanha até contemporaneidade, de forma expansiva.

Ainda sobre uma perspectiva histórica sobre os Estudos Culturais, Armand Mattelart e Érik Neveu em “Introdução aos Estudos Culturais” (2004), discorrem sobre o tema a partir de um novo ângulo de análise: a adesão econômica política da cultura através de uma leitura genealógica, leitura esta que pode constituir o motor de compreensão dos fatos sociais, reintroduzindo questões essenciais. Retomam críticos literários ingleses: Mathew Arnold, Williams Morris e Stuart Hall. Logo de início os autores apresentam as hipóteses e o início de estudos sobre cultura. O texto esclarece que no final do século XIX, recomendava-se o ensino de Literatura Inglesa nas escolas públicas, a fim de transmitir valores morais e cívicos para “pacificar” a classe trabalhadora.

Segundo Mattelart e Neveu (2004), tanto em Thompson quanto em Williams há a visão de uma história estabelecida a partir das lutas sociais e da relação entre cultura e economia, em que se evidencia sua resistência a uma diretriz assinalada pelo ‘capitalismo como sistema’. Essa concisa contradição gera um debate entre os intelectuais de esquerda sobre a oposição da base material da economia à cultura, fazendo com que a cultura torne-se um simples reflexo do sistema econômico. Pelas observações de Mattelart e Neveu, se livrar deste dilema foi um dos desafios dos Estudos Culturais.

E, destes pressupostos vem a releitura que Thompson faz das obras de Williams Morris, que ele considera ser um dos primeiros críticos do determinismo limitado. Esse mesmo determinismo direcionou a um empobrecimento da sensibilidade, à exclusão a toda uma zona de paixão imaginária. Os autores Mattelart e Neveu (2004) salientam que nas Universidades, os estudos sobre o ensino de inglês, que se deram entre as duas grandes guerras mundiais, foram enriquecidos pela criação da revista *Scrutiny*, por Frank Raymond Leavis, em 1932. A revista *Scrutiny*, tida como o eixo da luta moral e cultural contra o

‘travamento’ cultural da classe trabalhadora incentivado pela mídia, organizou os cultural studies ao se posicionar oposta às crueldades apresentadas pela indústria cultural.

Discorrendo ainda sobre a obra *Introdução aos Estudos Culturais*, de Mattelart e Neveu, vale salientar que os Estudos Culturais conheceram a sua verdadeira institucionalização em 1964, com a criação do *Centre of Contemporary Cultural Studies*, de Birmingham (CCCS). Sua meta era a de estudar “as formas, práticas e instituições culturais e as suas relações com a sociedade e a mudança social” (p.89). Os autores encerram sua obra discutindo o tema na América Latina, bem como a importância e o papel dos Estudos Culturais na pós-modernidade e no conjunto da sociedade.

No tópico seguinte, conforme já enunciamos, daremos ênfase aos Estudos Culturais no Brasil, suas perspectivas quanto aos Estudos Literários, para que se reforce a ideia da importância deste resgate de memória que são para o estado de Mato Grosso do Sul, as revistas *Grifo*.

### **1.1– Os Estudos Culturais no Brasil**

Antonio Candido, em *Vários Escritos* (2011), cita a obra de Mário de Andrade como a mais importante obra relacionada aos avanços da cultura no Brasil. Segundo Candido, Mário de Andrade, num breve período, chefiou o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, de 1935 a 1938. Candido afirma que foi a primeira vez que o Brasil teve uma organização da cultura que alcançou um amplo público. A Biblioteca Municipal foi remodelada em larga escala; foram criados parques infantis em áreas populares; bibliotecas em furgões que visitavam diversos bairros; discoteca pública; concertos com grandes propagações que surgiram ali como o quarteto de cordas, trio instrumental, orquestra sinfônica.

Ainda de acordo com Antonio Candido (2011), a cultura musical média atingiu um número maior de público, como aponta as fichas de consulta pública da Discoteca Municipal. Tudo isso como atividades culturais destinadas ao povo e não somente a grupos seletos de amadores. Mário de Andrade incentivou a pesquisa folclórica e etnográfica, valorizando a cultura popular, tendo em vista que as criações populares eram fontes das criações eruditas e que, de uma maneira geral, a arte vinha do povo. E num outro momento, com a troca de experiências com o sociólogo francês Roger Bastide, Mário de Andrade percebeu que há uma



corrente cultural erudita e uma popular que troca influências constantemente, fazendo com que as criações literárias e artísticas sejam um fenômeno de ampla intercomunicação.

No Brasil, a relação entre o Estado e a cultura tem uma longa história. De acordo com Lia Calabre em seu livro *Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI* (2009), a elaboração de políticas para o setor, ou seja, a preocupação na preparação e realização de ações de maior alcance data do século XX. Ou seja, foi a partir da década de 1930 que o Estado brasileiro passou por um processo de reforma administrativa que tentou implantar políticas governamentais específicas e com alcance nacional para uma série de setores.

Já no recenseamento de 1940, segundo Calabre (2009), por exemplo, a cultura mereceu a publicação de um volume específico, com considerações sobre as diversas áreas de abrangência. A diversidade cultural coloca em pauta a questão da democratização cultural. Um processo contínuo de democratização cultural deve estar baseado em uma visão de cultura como força social de interesse coletivo, que não pode ficar dependente das disposições do mercado.

Numa democracia participativa a cultura deve ser encarada como expressão de cidadania, um dos objetivos de governo deve ser, então, o da promoção das formas culturais de todos os grupos sociais, segundo as necessidades e desejos de cada um, procurando incentivar a participação popular no processo de criação cultural, promovendo modos de autogestão das iniciativas culturais. Ainda no contexto de sua obra, Calabre (2009) pontua que a cidadania democrática e cultural contribui para a superação de desigualdades, para o reconhecimento das diferenças reais existentes entre os sujeitos em suas dimensões social e cultural.

Ao valorizar as múltiplas práticas e demandas culturais, o Estado está permitindo a expressão da diversidade cultural, mesmo que em todas essas demandas estejam presentes os problemas da carência de recursos. Para Calabre (2009) é fundamental definir as relações que podem e devem ser estabelecidas entre os vários órgãos públicos de gestão cultural nos níveis federal, estadual e municipal, e destes com outras áreas governamentais, com as instituições privadas e com a sociedade civil.

Uma forma de darmos desenvolvimento à nova disciplina no Brasil é através da busca de pontos de conciliações entre a crítica cultural brasileira e os parâmetros dos Estudos Culturais do mesmo modo que se constituíram na Grã-Bretanha, como descreve Maria Elisa Cevasco (2003), em sua décima lição na obra “Dez lições sobre estudos culturais”. No caso brasileiro, é possível pensarmos que mesmo sem os rótulos oficiais de uma disciplina, os

Estudos Culturais já se encontravam intrínsecos entre os críticos da cultura no Brasil, nos diversos níveis de governo e órgãos responsáveis pela gestão cultural.

A crítica da cultura brasileira teve aqui no Brasil, através da Universidade de São Paulo, que foi fundada no ano de 1934, suas primeiras manifestações voltadas para a realidade nacional que se encontrava num ritmo crescente na área da industrialização. Assim como em Birmingham, na Inglaterra onde os idealizadores dos Estudos Culturais fundaram a *Workers' Educational Association*, para ensinar trabalhadores, a Universidade de São Paulo, que teve no início como projeto principal trazer para a cidade que crescia melhorias voltadas para a elite, também foi o berço de novos e revolucionários pensadores da crítica literária no Brasil.

Segundo Cevasco (2003), nomes como o de Antonio Candido estiveram envolvidos na criação e lançamento da revista *Clima*, que circulou entre os anos de 1941 e 1944 e teve papel fundamental no desenvolvimento dos Estudos Culturais no Brasil. A geração de escritores que compunham a cúpula de pensadores da revista *Clima*, apresentava também outra semelhança aos membros da primeira geração da revista *New Left*, de Birmingham, Inglaterra.

[...] ambos dão um passo decisivo em relação à tradição que os tornou possíveis. Vimos que a formação dos estudos culturais dependeu da existência de uma tradição de aferição de qualidade da vida social por meio da crítica da cultura, que Williams configurou em seu primeiro grande livro, *Culture and Society, 1780-1950*. De modo similar, a crítica da sociedade pela cultura, marca da formação brasileira e da britânica, foi possível no caso da primeira pela existência de uma tradição brasileira de cultura e sociedade (CEVASCO, 2003, p. 178).

A trajetória da evolução dos Estudos Culturais, desde sua formação com seus idealizadores em Birmingham, vista neste capítulo, terá sua sequência com nossos apontamentos sobre sua adesão na América do Norte e Latina, até sua firmação no Brasil, como veremos mais adiante nos tópicos seguintes.

## 1.2– Os estudos culturais e a historiografia literária

Meia noite...  
 É hora de São João tomar banho no rio.  
 A ladeira fica cheinha de gente,  
 de gente curiosa, que vai espiar  
 a passagem de São João,  
 do João Bagunceiro,  
 que não gosta de padre e é inimigo da igreja...  
 (trecho do poema de Lobivar de Matos, que descreve a festa folclórica em Corumbá - *Grifo*, 3ªed., junho de 1979.)

No momento em que se discute a correlação dos Estudos Culturais com a historiografia literária, cabe aqui revermos alguns pontos da evolução do papel da literatura brasileira na sociedade. Tomamos como apoio o livro escrito por Roberto Acízelo de Souza (2007), *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*, que reúne em seu cerne detalhes investigativos e documentais da formação e do desenvolvimento da historiografia da literatura nacional.

Roberto Acízelo (2007) nos apresenta informações sobre a evolução do papel literário no Brasil através dos olhares de dois grandes autores que são referência no campo dos estudos literários no final do século XIX e início do século XX. São eles Sílvio Romero, com a obra *História da literatura brasileira* (1953), que data do ano de 1888 e José Veríssimo, com *História da literatura brasileira; de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* (1969), datada em 1916.

Na primeira referência, Romero (1888), enquanto historiador e crítico literário, reuniu trabalhos intelectuais nacionalistas, assinados por escritores do início do século XIX e a partir desses textos lançou suas pontuações críticas fazendo inferências sobre obras que apresentavam aspectos políticos e culturais. No caso de José Veríssimo, há uma visão equilibrada e correta para a evolução da literatura brasileira, a partir de suas análises sobre as primeiras manifestações do que se foi considerado literárias que se tem registro até, quando pouco antes de sua morte, as obras e textos de Machado de Assis.

Segundo seus estudos, “o livro de José Veríssimo – intitulado *História da literatura brasileira* -, embora publicado em 1916, encerra, na verdade, graças à formação do autor e a seus fundamentos conceituais, o ciclo das histórias literárias nacionais oitocentistas” (ACÍZELO, 2007 p. 95).

Ainda na apresentação de Roberto Acízelo (2007), sobre a transformação e evolução da historiografia literária no Brasil, vimos que se faz importante ressaltar que no início do século XX, até meados dos anos de 1950, o modelo oitocentista que teoricamente caíra em desuso por nossos críticos e autores da literatura brasileira, ainda era referência teórica utilizada. Surgem então, segundo suas pesquisas, duas obras nessa década que “observa um ânimo mais determinado em reconhecer a ideia de história literária entre nós” (ACÍZELO, 2007 p. 129). O autor refere-se às obras de Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil* e Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*.

A coleção do crítico Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*, nos apresenta a ideia de uma reformulação profunda e ambiciosa da nossa historiografia literária, considerando assim

a história da literatura brasileira como um trabalho coletivo, no qual superaria as perspectivas sociológicas e histórico-culturais que até então eram absolutas nas histórias brasileiras, adotando pontos de vistas rigorosamente estéticos para o exame do processo literário, renovando o cânone brasileiro, incluindo novos autores e novas faces da tradição literária nacional.

Sob a visão das pesquisas teóricas de Roberto Acízelo (2007), já a obra do crítico Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*, de 1959, nos apresenta a necessidade de conciliar as perspectivas histórico-social e estética, utilizando como base de sua pesquisa os períodos literários do Arcadismo e do Romantismo, os quais o crítico Antonio Candido assinala como a constituição do nosso sistema literário, que consiste no triângulo ‘autor-obra-público’.

Todo o processo da formação de nossa historiografia literária serve como base para os pressupostos dos Estudos Culturais e para compreendermos melhor tais estudos se faz necessário citarmos nomes como Antonio Candido e posteriormente seu pupilo Roberto Schwarz que, de acordo com a autora Maria Elisa Cevalco em sua entrevista ao Jornal Folha de São Paulo (25/05/2003), são os principais representantes dos Estudos Culturais no Brasil. Nesta mesma entrevista, Maria Elisa Cevalco afirmou que o crítico Antonio Candido vê a literatura como instrumento de descoberta e interpretação da realidade sócio-histórica, e essa é a melhor tradição dos Estudos Culturais.

Partindo destas inferências de Cevalco, podemos dialogar sobre a maestria com que Antonio Candido se dispõe a dissertar sobre a importância e a presença intrínseca da literatura no cotidiano do homem comum. Para tanto, em sua obra *Vários Escritos* (5ª ed. 2011), dispõe de todo um capítulo para dialogar com seu leitor a respeito do assunto, trazendo como ponto de equilíbrio e comparação à literatura os direitos humanos.

Segundo Candido (2011), os direitos humanos trabalham justamente com a possibilidade de que todos reconheçam que o que pode ser indispensável a um seja também indispensável ao outro. Porém, a maior propensão é julgarmos nossos direitos mais urgentes que os dos outros. E é justamente neste ponto que as pessoas se contradizem. Afirmam que se deve ser assegurado que o próximo tenha direito aos bens fundamentais para viver, que representam suas necessidades básicas, como casa, saúde, alimento, escola. E quanto à literatura, às músicas clássicas, isso não lhes é essencial? Candido articula seus argumentos baseado nas considerações do sociólogo francês, o padre dominicano Louis-Joseph Lebret,

fundador do movimento Economia e Humanismo, sobre bens compressíveis e bens incompressíveis.

Para Candido (2011), a grande problemática que enfrenta os direitos humanos é que o que os bens incompressíveis representam para um indivíduo ou um grupo social possui uma pluralidade de significados. É importante que a luta pelos direitos humanos crie critérios que os definam e diferenciem tanto para um indivíduo como para toda uma sociedade, levando em consideração que bens incompressíveis não são somente os que nos garantem uma sobrevivência física descente, mas também tudo aquilo que nos remete, de maneira particular, a plenitude espiritual.

Sob essa perspectiva, Candido (2011) enfatiza como plenitude espiritual a liberdade de crença, opinião e lazer, no qual ele inclui o direito a arte e a literatura. E, nesta mesma linha de pensamento, Candido indaga sobre a possibilidade da literatura realmente estar entre as necessidades fundamentais para o homem.

O que Candido define como literatura num sentido mais amplo abrange desde todas as criações poéticas, ficcionais, dramáticas, as manifestações culturais dos homens de todas as épocas até mesmo as manifestações mais complexas de antigas civilizações, para então concluir da importância vital da literatura na vida do homem:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens de todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 2011, p. 176).

Neste contexto, Candido (2011) diz que a literatura enquanto veículo de humanização da sociedade se torna responsável pelo fortalecimento e propagação de valores que esta mesma sociedade cultua e utiliza. A literatura apresenta aspectos contraditórios quanto ao seu papel na formação do homem, pois ao mesmo tempo que ela não subverte também não edifica, mas traz em si o bem e o mal, humaniza num sentido intrínseco pois faz viver. Candido distingue ao menos três faces da literatura em seu papel humanizador: ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura; ela manifesta a visão do mundo dos homens e seus grupos e por fim, ela é uma forma de conhecimento.

O crítico literário Antonio Candido (2011) explica a expressão ‘humanização’ que tanto utiliza, como um processo que determina no homem traços que lhe parecem essenciais

como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa conduta com o outro, novas visões do mundo complexo em que está inserido, o desenvolvimento do humor, o senso de beleza.

A literatura social resulta numa literatura empenhada que parte de posições éticas, políticas, religiosas, quando seu autor deseja assumir suas próprias concepções frente aos problemas com os quais se depara. Mas a literatura não alcança sua verdadeira função quando é deste tipo. Sua validade depende da forma que suas mensagens são interpeladas pelo autor, veiculando determinado tipo de objeto. Candido (2011) segue exemplificando as participações da literatura nos períodos do Romantismo, Naturalismo até o Realismo, citando nomes de autores e suas obras que foram de suma importância para a história, por apresentarem uma literatura que assume o caráter de investigação orientada da sociedade, empenhados em tarefas ligadas aos direitos humanos.

Desta maneira, Candido nos apresenta duas formas que a literatura interage com os direitos humanos, primeiro quando esta, por dar formas aos sentimentos e a nossa visão de mundo, nos humaniza. E segundo o autor, quando a literatura age como um instrumento de desmitificação, de conscientização dos direitos ou da ausência destes, sendo veículo de informação, ainda que seja poeticamente. “Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos” (CANDIDO, 2011 p.188).

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2011, p. 188).

Ainda dissertando sobre os conceitos de literatura, o crítico Antonio Candido, na obra fundamental que é a *Formação da Literatura Brasileira* (2007, p. 529), uma literatura só pode ser considerada madura quando recusa “o valor aparente do comportamento e das ideias” e quando o ficcionista empreende uma profunda pesquisa psicológica de seus personagens. E segundo o mesmo autor,

[...] na medida em que atua deste modo, o romance tem para nós uma função insubstituível, auxiliando-nos a vislumbrar em nós mesmos, e nos outros homens, certos abismos sobre os quais a vida de relação constrói as suas pontes frágeis e questionáveis. [...] Uma literatura só pode ser considerada

madura quando experimenta a vertigem de tais abismos (CANDIDO, 2007 p.529).

Dessa forma, quando aceitamos embarcar na viagem proposta por romances como o Dom Casmurro, de 1900, ou O Ateneu, de 1888, por exemplo, nós apreendemos mais sobre nós mesmos e sobre os nossos semelhantes, ainda que esse saber não pareça fazer diferença imediata.

Heloísa Buarque de Hollanda, em seu site, no artigo *A questão do mútuo impacto entre a Historiografia Literária e os Estudos Culturais*, diz que “mesmo correndo o risco de simplificação, eu hoje diria que os Estudos Culturais nasceram de uma carência de História no interior das práticas disciplinares” (2015, p.1). Em suas palavras, define que os Estudos Culturais tenham se originado no campo disciplinar da sociologia e no quadro de uma Inglaterra profundamente marcada pelo panorama das transformações da classe operária inglesa do pós-guerra.

Segundo Hollanda (2015), nos EUA os Estudos Culturais encontram sua afiliação, bem mais tarde, por volta do final dos anos 70, no campo dos debates e disputas em torno dos direitos das minorias e dos imigrantes. E teve como seu principal representante Fredric Jameson, no campo das Letras. Nas pesquisas de Hollanda, está apontada como preocupação central de Jameson a investigação “da expressão cultural dos vários relacionamentos que os grupos entabulam uns com os outros”. E esta definição de Jameson, segundo Hollanda, não está muito diferente daquela definição que foi a precursora destes estudos lá no Centro de Birmingham. Mas a afiliação dos Estudos Culturais tanto nos EUA quanto na Europa estendem sua área de trabalho, tendo como outras diretrizes os estudos feministas e os estudos étnicos. Hollanda (2015) afirma que, neste mesmo período os estudos culturais, nos Estados Unidos se deparam com o cerne das disputas curriculares em torno do cânone, o que privilegia a área da literatura.

Na América Latina há um cenário diferente. No início dos anos de 1980, os Estudos Culturais marcam seu território como sendo o espaço acadêmico privilegiado para pensar a reinserção (ou a invenção) democrática em nossos países. Entre seus líderes havia sociólogos e antropólogos, com pesquisas específicas sobre consumo cultural e mídia, um objeto, sem dúvida, forte e decisivo enquanto promotor de consensos políticos no período ditatorial latino americano.

Hollanda (2015) cita nomes como Nestor Garcia Canclini, Jesus Martin Barbero e Beatriz Sarlo que iniciam esse processo de inserção dos Estudos Culturais na América Latina, através de estudos necessários para a formulação de novas políticas culturais, que sejam socialmente mais justas, num contexto primário de exercício democrático.

Ainda presentes na fala de Holanda (2015), estes estudos, no Brasil, não vão se dirigir inicialmente para a mídia, ainda que a importância da mídia brasileira, especialmente a televisiva, seja de grande influência. Os Estudos Culturais têm mais força na área de literatura, na qual são estudados tópicos literários que até muito pouco tempo foram identificados como áreas marginais cujos produtos foram tradicionalmente definidos como gêneros “menores” e cuja “qualidade” era, até então, metodicamente posta em questão pela crítica literária. Do ponto de vista teórico, não lhe parece imprudente afirmar também que os Estudos Culturais entre nós são acionados, neste momento, para flexibilizar os estudos literários de viés formalista e estruturalista predominantes na Universidade sob pressão da época da ditadura.

Dentre as relações entre Estudos Culturais e Literários pode-se dizer, por exemplo, da formação dos estudos de cultura a partir de obras de pensadores que eram críticos literários; pode-se pensar nos estudos culturais como ampliação do espaço dos estudos literários. Numa versão contemporânea, pensa-se nos estudos culturais como uma disciplina que vem para, segundo os críticos mais conservadores, destituir o valor da literatura, uma forma de excluir a alta literatura. Já numa versão oposta e complementar, os Estudos Culturais surgiram para desiluzir a cultura e celebrar o popular.

Na esteira da Historiografia Literária da Literatura Brasileira vigente no século XX, surgem as historiografias das regiões brasileiras e como não poderia ser diferente, também em Mato Grosso do Sul. Como sequência da historicidade literária e dos Estudos Culturais, cabe aqui registrarmos o percurso das produções literárias de Mato Grosso do Sul e de suas regiões fronteiriças e sobre sua relação com outros códigos linguísticos. Mas, antes devemos apontar as possíveis noções de identidade e cultura, pois abordaremos assuntos relacionados às produções literárias de um estado, então recém constituído. E o objeto principal de nossa pesquisa trata-se de um veículo de comunicação de massa, a revista *Grifo*, que traz em seus apontamentos as transformações e (des)encontros de uma região que busca a afirmação e autonomia de sua cultura e identidade.

No próximo capítulo, apresentaremos como respaldo à nossa pesquisa, a presença da Revista *Grifo* como ação cultural e política durante a criação do novo Estado de MS e



também citaremos estudos sobre a Cultura e a Identidade, sob a visão de autores como Stuart Hall, de um âmbito geral, sobre suas pesquisas e análises e descobertas sobre o tema.

## Capítulo II

### MEMÓRIA E IDENTIDADE

Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar  
(Manoel de Barros – *Grifo*, 2ª ed., maio de 1979).

O presente capítulo tem como intenção abordar elementos que caracterizam e influenciam as questões da identidade e de suas diferenças. Tal estudo torna-se necessário para compreendermos a formação da cultura e da identidade de cidadãos de uma região que outrora pertencia a um estado e agora atua no contexto histórico e geográfico do país com outra denominação, como um novo estado, o de Mato Grosso do Sul. Estas mudanças sofridas trazem questões existenciais que precisam ser esclarecidas ou mesmo apontadas, como o cerne das produções culturais e artísticas do Estado, o que na realidade são os objetos de nossa pesquisa.

#### 2.1 - Contexto histórico e cultural de MS no final da década de 1970

As revistas *Grifo*, de certa forma, estiveram presentes no contexto da criação do novo Estado de Mato Grosso do Sul, tornando-se repositório de trechos da história política, artística e cultural da época. E para falarmos, mesmo que de forma concisa, sobre o histórico do panorama sociocultural de Mato Grosso do Sul, por ocasião de sua criação, é relevante lembrarmos aqui as questões sociais, políticas e econômicas que o Brasil atravessava nesta época.

No governo militar do Presidente Ernesto Geisel, que se estendeu de 1974 a 1979, o Brasil atravessava uma forte crise, tanto político-econômica quanto social, em consequência às atrocidades impostas pela ditadura militar a governar o país desde 1964. Eram constantes a violência repressiva e o controle policial imposto sobre todos os setores da sociedade, além da inexistência de liberdades civis e públicas. De acordo com os excertos retirados do site da Biblioteca Presidência da República, podemos observar como funcionava o poder ditatorial na época do governo Geisel:

Ainda em 1976, foi elaborada a Lei Falcão, que alterou a propaganda eleitoral, impedindo o aparecimento de candidatos ao vivo no rádio e na

televisão. Em 1977, o Congresso Nacional foi fechado por 14 dias, em virtude da não aprovação da proposta de reforma do Poder Judiciário encaminhada pelo governo. Para assegurar a maioria governista no Legislativo, instituiu-se, em seguida, o chamado "pacote de abril", que incluía uma série de medidas, dentre as quais a manutenção de eleição indiretas para governadores; a eleição indireta de um terço dos membros do Senado, que resultaria na criação da figura do "senador biônico"; a ampliação das restrições impostas pela Lei Falcão e a extensão do mandato do sucessor de Geisel para seis anos (BIOGRAFIA, 2001, p.01).

Quanto à divisão de MT e a criação do novo Estado, segundo pontua a historiadora Marisa Bittar, foi uma decisão que “se respaldava na geopolítica militar e no interesse imediato de aumentar a base de sustentação política da ditadura” (BITTAR, 2009, p.16). Ou seja, uma das causas favoráveis à divisão era em manter uma melhor relação política com o partido da ditadura, o Arena, ampliando a sua base de apoio por meio da criação de mais uma seção.

**Figura 02 – Mapa de MT e MS**



Fonte: <http://profgilbertocantu.blogspot.com.br/2013/05/criacao-do-estado-de-mato-grosso-do-sul.html>

No dia 11 de outubro do ano de 1977, o general Ernesto Geisel, então presidente do Brasil, assina em Brasília a Lei Complementar nº 31, que dividiu Mato Grosso e criou Mato Grosso do Sul. A instalação do primeiro governo de Mato Grosso do Sul ocorreu no dia 1º de

janeiro de 1979, onde Harry Amorim Costa, nomeado por Geisel, toma posse como primeiro governador do estado.

Vale ressaltarmos que a história de Mato Grosso do Sul e todo conjunto de costumes, estilo de vida e manifestações culturais que hoje compõem o aspecto identitário do Estado, não começaram ontem e nem surgiram de repente ou um dia antes da emancipação. Devemos lembrar que há raízes profundas e personagens fundamentais que corroboraram com sua autonomia.

A historiadora Marisa Bittar, em sua obra *Mato Grosso do Sul: a construção de um estado* (2009), nos apresenta a gênese da divisão do grande Mato Grosso, que começa a ser ambicionada no final do século XIX, após a Guerra do Paraguai. Com base em fontes inéditas e raras, a autora analisa o recrescimento do regionalismo sul-mato-grossense, que se transformou em divisionismo e teve o seu desfecho quase cem anos depois, quando, em 1977, a ditadura militar dividiu Mato Grosso e criou Mato Grosso do Sul. Na visão da autora, ter sido criado por um ato da ditadura constitui a marca de nascença do estado. Algumas décadas antes dessa concretização, alguns grupos separatistas se formaram pela necessidade que sentiam e vivenciavam enquanto nesse espaço político e geográfico.

Na trajetória da criação de Mato Grosso do Sul, a classe dos grandes proprietários de terras contou com seus próprios intelectuais. Esses intelectuais atuaram na obtenção de convencimento, tanto de forma individual quanto coletiva, destacando-se a Liga Sul-Mato-Grossense criada em outubro de 1932. Já o jornal *Correio do Estado*, desde a sua fundação, se tornou uma espécie de partido ideológico da divisão de Mato Grosso e, por essa razão, ele foi incluído como uma das fontes de pesquisa. Além disso, é o único jornal de abrangência estadual que não sofreu interrupção em seu funcionamento desde 1954, data da sua criação, e se caracteriza por ter estado sempre ao lado do poder e dos grupos políticos hegemônicos no sul de Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul. (BITTAR, 2009, p.18)

Outra curiosidade que a autora nos aponta está relacionada às questões que permeiam as diferenças culturais e o regionalismo da parte sul de Mato Grosso não terem sido, desde então, motivos plausíveis o suficiente para justificar a divisão de Estado. Tal divisão vem a concretizar somente em 1977, após décadas de lutas, especulações e fortalecimento da classe latifundiária da região sul de Mato Grosso, juntando-se a estes fatos os interesses políticos do regime militar.

Sob outras perspectivas, para entendermos melhor as influências e riquezas culturais que Mato Grosso do Sul herdou, tomamos as informações sobre quando a povoação deste novo estado se intensificou, ou seja, durante a segunda metade do século XIX, pois a sociedade brasileira nas demais localidades passava por mudanças fundamentais, das quais

podemos citar o início da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, a modernização de fazendas de café e outras lavouras brasileiras, as instalações das primeiras indústrias nas cidades em crescimento.

No início do século XX, as grandes extensões de terras a baixo custo existentes na região central do Brasil atraíram pessoas de outros estados, como Minas Gerais, São Paulo e, sobretudo, do Sul do país, principalmente do Rio Grande do Sul, interessados em investir na pecuária e na agricultura. O estado do Mato Grosso do Sul recebeu, ao longo de sua história, “uma grande variedade de povoamentos por parte de migrações de outras regiões do país, bem como a imigração estrangeira como a de paraguaios, bolivianos, japoneses, árabes, libaneses, sírios, portugueses, espanhóis, italianos, entre outros” (BITTAR, 2009, p. 22).

A pecuária foi uma das atividades mais antigas em Mato Grosso, atividade difundida a partir de Cuiabá para outras regiões como o Pantanal – próximo a cidades como Poconé, Cáceres e Barão de Melgaço – além de outras como Corumbá, Aquidauana e Miranda, que hoje fazem parte do Mato Grosso do Sul. Na atualidade, esta atividade utiliza novas técnicas para a reprodução do gado, a utilização do transporte feito por caminhão no lugar das comitivas de peões, além do processo de engorda dos animais que está mais rápido e a venda da carne para os frigoríficos.

Este contexto histórico nos conduz ao ponto cerne da produção artística de nomes importantes como Humberto Espíndola, que traz como característica de sua arte a bovinocultura, que foi o carro chefe da economia do estado novo por vários anos, tornando Mato Grosso do Sul conhecido nacional e internacionalmente pela grande quantidade de cabeças de gado em suas terras.

A imigração paraguaia foi a mais expressiva na região do Mato Grosso do Sul, inicialmente na segunda metade do século XIX, após a Guerra do Paraguai, que deixou o país arrasado e muitos trabalhadores vieram para o cultivo da erva-mate. Posteriormente, ao longo de todo o século XX, os paraguaios formaram o maior grupo de imigrantes do Mato Grosso do Sul. Deste modo, também, o Mato Grosso do Sul é, depois de São Paulo, o segundo estado do Brasil que recebeu o maior número de japoneses. A princípio, os japoneses vieram para trabalhar na construção da ferrovia, mas em seguida passaram a se dedicar à produção de horticultura e granja em chácaras próximas às cidades de Campo Grande, Três Lagoas e Dourados.

As oportunidades de trabalho cada vez mais crescentes na região trouxeram os espanhóis e os árabes, muitos dos quais se dedicaram ao comércio em geral. Normalmente,

esta imigração começava pela cidade de Corumbá e depois se expandia para Campo Grande e outras cidades sul-mato-grossenses.

No ano de 1979, ano do primeiro governo do Estado novo, direcionada à produção e afirmação da identidade para Mato Grosso do Sul, é criada a Fundação da Cultura, que adota uma política de ação popular, visando à integração cultural das regiões do Estado. Desta maneira, muitos de seus artistas, mesmo tendo sido eleitos por alguns estudiosos e intelectuais como representantes genuínos da região, manifestaram a influência que receberam desse ‘hibridismo’ cultural em sua arte, sua música, sua produção literária.

## **2.2 - A Cultura como memória e identidade**

Contextualizado o âmbito político e social que atravessava o Estado na época de sua criação, agora se faz necessário compreender as relações que ocorrem entre sujeitos e o modo como eles são definidos e marcados. Em sua obra *A identidade cultural da pós-modernidade* (2006), o sociólogo e teórico cultural Stuart Hall debate temas como a crise de identidade do sujeito; a ‘descentração’ do sujeito; a questão das identidades nacionais e a influência da globalização no hibridismo e reforço das identidades.

Com a abordagem do tema sobre a crise de identidade do sujeito, podemos ressaltar as concepções de Identidade que, de acordo com Hall e seus estudos, partem de três pressupostos do sujeito: sujeito do Iluminismo; sujeito Sociológico e sujeito Pós-Moderno.

A 1ª concepção de Identidade sobre o *sujeito do Iluminismo* estava baseada num conceito de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Uma visão bastante individualista do sujeito.

A 2ª concepção de Identidade sobre o *sujeito sociológico* estava traduzida a crescente complexidade do mundo moderno, onde a identidade era construída na interação entre o indivíduo e a sociedade.

Na 3ª concepção de Identidade está o *sujeito pós-moderno*, possuidor de uma identidade estável que está se fragmentando e sendo composto por várias identidades. Esse sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. E, de acordo com as apresentações de Hall (2006), as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas. Na modernidade tardia, que pode ser pensada a partir da segunda metade do século XX, o sujeito foi sendo deslocado de sua

identidade e o indivíduo foi descentrado. Desta maneira, o homem racional e científico passou a ser o norteador dessa nova identidade.

O autor considera cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas, cujo maior argumento foi o ‘descentrador’ do sujeito (Hall, 2006). O primeiro grande avanço está nas tradições do pensamento de Karl Marx. O segundo foi a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud. O terceiro associa-se com a Linguística Estrutural de Ferdinand Saussure. O quarto grande avanço está no trabalho sobre Genealogia do Sujeito de Michael Foucault. E por fim, o quinto avanço trata-se do movimento feminista. A partir destes cinco tópicos analisados por Hall (2006), podemos entender a efetiva descentralização do sujeito e de sua identidade no período moderno e na então sugerida modernidade tardia.

Stuart Hall nos faz pensar sobre a identidade cultural nacional e seus deslocamentos ocasionados pela globalização. Para Hall (2006) a globalização é tratada como provocadora de uma sobreposição das identidades nacionais por outras mais particularistas, de identificação cultural. O processo de globalização está deslocando as identidades nacionais. Pois, segundo Hall, em consequência das migrações de diferentes culturas advindas dos mais variados lugares do mundo, tornou impossível manter as identidades culturais intactas e o não enfraquecimento das identidades nacionais.

Por fim, Hall (2006) sustenta o argumento de que vivemos em contexto de hibridismo, ocorrendo uma fusão entre as distintas tradições culturais e com sua poderosa fonte criativa produz novas formas de cultura, que são consideradas modernidade tardia:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

Para Hall (2006) a identidade do sujeito pós-moderno é contraditória e transitória, assim como é a própria sociedade. Além disso, entende-se que o sujeito é composto não só de uma, mas de várias identidades, seja de gênero, de classe, de raça, nacionalidade, religião. E todas essas identidades são móveis, transformam-se de acordo com o modo que o sujeito sofre os efeitos da cultura em que está inserido. Compreendemos desta forma que a identidade é fruto da linguagem e por conta disto está frequentemente diante de processos que tentam fixá-la, torná-la norma. Essa concepção de Identidade se refere às condições da sociedade em que vivemos, condições que criam incessantemente novas formas de representação, novos grupos

identitários e valores completamente diferentes das antigas estruturas sociais e que, ao mesmo tempo, modificam-se constantemente. E, de acordo com os estudos de Hall (2006), no novo modelo societário não há espaço para um valor soberano e único para todos, mas múltiplos com valores disputados mediante relações de poder em meio aos processos de significação que participam.

A identidade só pode ser compreendida em sua conexão imediata com a produção da diferença. O processo de construção de uma identidade nunca é completo, ele sempre é adiado, está constantemente em processo.

A identidade e a diferença são produzidas em um processo discursivo e simbólico, portanto, estão sujeitas às relações de poder expressas em ações que oprimem certa parcela de indivíduos e grupos, cujos efeitos acabam por desvalorizar ou silenciar suas vozes, suas histórias, seus anseios. “Indivíduo fragmentado, pertencendo a identidades diferentes, que ‘não são unificadas’, criando com isso contradições no seu interior que têm que ser negociadas” (HALL, 2006, p.14). A discussão sobre a *identidade* e a *diferença* concentra aspectos de reivindicações sociais e políticas de certos grupos, de quem pode acessar certos benefícios culturais e de quem não se pode. Para Hall (2006) afirmar a *identidade* e marcar a *diferença* tem a ver com questões de poder. Ambas são inseparáveis.

Lançaremos outro olhar para tais elementos culturais, que nos serão introduzidos sob o viés dos estudos e pesquisas organizados na obra: “Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais” (2014) que, dividida em três capítulos, apresenta as concepções de três teóricos sobre o assunto, Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall.

Kathryn Woodward apresenta em seu capítulo alguns conceitos e teorias sobre a Identidade e a Diferença. Inicia o capítulo nos mostrando como exemplo uma história sobre as guerras e disputas entre os povos sérvios e croatas. Nesta história, um estrangeiro tenta entender o porquê de tanta guerra entre vizinhos, quando é interpelado por um soldado sérvio que afirma que nunca os estrangeiros poderiam entender e que os croatas se julgam melhores que os sérvios. A partir destas indagações, a autora passa a pontuar seus conceitos, por exemplo, ao afirmar que determinada identidade, para existir, necessita de algo fora dela, que seja o seu oposto, que seja o que ela não é, mas que, todavia lhe forneça requisitos para existir.

Para a autora, no caso exemplificado a identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é por não ser croata. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD,



2014, p.09). Enquanto que a identidade é marcada através de símbolos, a diferença é mantida pela exclusão. Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais (WOODWARD, 2014, p.14).

Segundo os estudos e apontamentos de Woodward (2014), a identidade se destaca nas discussões contemporâneas, nas reconstruções das identidades nacionais e étnicas, também nos novos movimentos sociais, que muitas vezes se preocupam com a renovação das identidades pessoais e culturais. Toda essa movimentação faz com que muitas das certezas tradicionais relacionadas à identidade sejam postas à prova, reforçando a ideia de crise existencial, de identidade no público contemporâneo. Ainda sob o olhar da autora, percebemos que a diferença vem se contrapor à identidade, pois “a diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos” (WOODWARD, 2014, p.68).

O autor Tomaz Tadeu da Silva, em seu capítulo *A produção social da identidade e da diferença* nos apresenta as questões do multiculturalismo e da diferença. O autor nos leva a refletir em como o indivíduo passa a construir sua identidade ao longo da vida, através de elementos que adquire por meio da herança cultural. E, segundo o autor, essa identidade é construída ao longo de um processo de discursos, práticas e costumes sociais, passando por mudanças e transformações ao longo do tempo.

Tomaz Tadeu (2014) afirma ainda que devido a uma sociedade globalizada e que passa por constantes transformações não se pode afirmar que exista uma identidade fixa, imutável e única, pois os seres humanos se diferenciam a todo instante. “A identidade, tal como a diferença, é uma relação social” (SILVA, 2014, p.81). No caso de nosso trabalho, cabe aqui citarmos que a identidade do povo sul mato-grossense é também marcada pela diferença. O sul mato-grossense não mais se identifica com o mato-grossense e essa diferença é que traz a marca registrada de sua identidade, o que não sou passa a ser a afirmação de minha real identidade.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem,

assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (SILVA, 2014, p.82)

Segundo o autor Tomaz Tadeu (2014), de acordo com a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença têm que ser representadas, pois elas estão ligadas a sistemas de significação. Devemos compreender antes os conceitos de representação, os quais o autor nos aponta como sendo um sistema linguístico e cultural, uma forma de atribuição de sentidos. Para o autor, “é por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’” (SILVA, 2014, p.91).

O autor aborda a questão de que os indivíduos deveriam ir atrás de novas possibilidades de transgressão das identidades preexistentes e que estimular o impensado e o inexplorado lhes proporcionariam situações de novas descobertas nas quais o ‘eu’ de cada indivíduo não retornaria ao idêntico e previsível, nomeando este movimento de multiplicidade, que é ativa, produtiva ao invés de diversidade, que é estéril.

Respeitar a diferença não pode significar ‘deixar que o outro seja como eu sou’ ou ‘deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)’, mas deixar que o outro seja como eu *não sou*, deixar que ele seja esse outro que *não pode* ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença *da* identidade, deixar ser uma outridade que não é outra ‘relativamente a mim’ ou ‘relativamente ao mesmo’, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com identidade ou com a mesmidade (PARDO, 1996: 154 apud SILVA, 2014 p.101).

Desta forma, Silva (2014) nos apresenta a pedagogia da diferença como mais um instrumento a favor de conceituar e explicar sobre as influências que as diferenças operam nas identidades e sobre a possibilidade de um outro olhar sobre o outro. Pela apresentação dessas perspectivas torna-se útil para nossa pesquisa aprofundar-nos um pouco mais nas prerrogativas que são dadas ao termo ‘cultura’ e ‘memória’, como veremos mais além no próximo tópico a ser abordado.

Para o terceiro e último capítulo da obra “Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais” (2014), que nos está servindo de apoio teórico às pesquisas, comentaremos a respeito das pontuações e conceitos de Stuart Hall. O organizador Tomaz Tadeu da Silva

(2014) salienta nesse ensaio as habilidades com as quais o sociólogo Stuart Hall busca esclarecer todos seus preceitos sobre a teoria cultural e social da contemporaneidade. Silva (2014), ao longo do capítulo, cita o teórico Stuart Hall e outros nomes como os de Foucault e Lacan para justificar ou mesmo questionar sobre as condições da sociedade e da cultura contemporânea diante da problemática da formação da identidade e da subjetividade.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’ (HALL, 2014, p.108 e 109).

Silva (2014) diz que a diferença e a identidade não estão simplesmente aí como dados da natureza. Elas são cultural e socialmente produzidas e como tal devem ser – mais do que celebradas – questionadas e problematizadas.

No tópico a seguir, poderemos ter mais exemplos de definições culturais e sua relevância na constituição da memória de uma sociedade, enquanto suportes à formação de sua identidade, assuntos esses expressivos e relevantes à nossa pesquisa.

### **2.2.1 – Cultura e Memória: subsídios à formação da identidade**

...a impaciência absoluta de um desejo de memória.

Jacques Derrida (1930 – 2004)

Num primeiro momento uma possível definição de cultura pode designar um termo que resuma o conjunto de ações do homem ao longo da história, mas por outro lado essa mesma ideia, esse mesmo conceito parece ser ilusório, pois quaisquer definições absolutas seriam muito vagas diante da complexidade que o léxico apresenta. Depois de estarmos entretidos entre várias leituras sobre o tema, não há como definir um conceito fechado em si, pois o termo ‘cultura’ e sua própria condição rejeitam qualquer descrição exata.

Ao tomarmos como apoio a obra de Terry Eagleton, “A ideia de cultura” (2005), também emprestamos do autor algumas definições para a palavra que, etimologicamente tem seu conceito derivado da natureza, sendo que “um de seus significados originais é ‘lavoura’

ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo do que cresce naturalmente”. (EAGLETON, 2005, p.09). E, após um longo processo linguístico que viu a ‘cultura’ como uma atividade material, ou seja, tudo aquilo que resultaria das produções concretas das mãos do homem, transformou-a e mesmo acompanhou-a como o que foi chamada de uma atividade imaterial, que transcendeu as formas físicas, podendo de maneira metafórica, com o passar do tempo, resultar em questões espirituais.

Como um respaldo para tal percepção, Terry Eagleton afirma que “(...) Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz (...)” (EAGLETON, 2005, p.11). Também poderíamos resumi-la como sendo o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que formam o modo de vida de determinado grupo na sociedade. Porém, em seu vasto percurso, vimos que a designação para o termo “cultura” passa por muitas transformações, em que seu conceito é pluralizado e sofre influências políticas, religiosas, das ciências e mesmo semânticas.

O crítico Eagleton (2005) faz um passeio pela história para exemplificar ‘cultura’ a partir dos pontos de vista antropológico e estético, dos quais passa desde a definição de que ‘cultura’ mapeia a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, a herdar o manto da autoridade religiosa; apresenta direções opostas que compreendem uma tensão entre fazer e ser feito e entre a racionalidade e espontaneidade, também sugere uma divisão dentro de nós mesmos, onde nos transfere do natural para o espiritual, além de servir para realçar a diferença.

Em outras palavras, ‘cultura’ pode ser definida como, no sentido das artes, uma qualidade de vida refinada ou como civilidade, que em sua realização apresenta no sentido da vida social sua organização política.

Torna-se inegável, dessa maneira, o vínculo estabelecido entre os termos “arte” e “cultura”, levando em conta que uma das nuances da palavra ‘cultura’, além de ter significado para os marxistas um modo de vida total, também foi conceituada, mais recentemente, como o universo das atividades intelectuais ou imaginativas como a ciência, a filosofia, a música, a poesia, a literatura, a pintura, etc. “Pessoas ‘cultas’ são pessoas que tem cultura nesse sentido” (EAGLETON, 2005, p. 29).

Em seu terceiro capítulo, Eagleton (2005) nos aproxima do conflito global que se tornou o choque entre “Cultura” e “cultura”. A “Cultura” se autodenomina universal, como

uma espécie de símbolo romântico, o ponto imóvel do mundo em rotação, enquanto que “cultura” sugere o particular e identificável.

O que a própria Cultura estima não é o particular, mas algo muito diferente, o indivíduo. Com efeito, ela vê uma relação direta entre o individual e o universal. É na unicidade de alguma coisa que o espírito do mundo pode ser mais intimamente sentido; mas revelar a essência de uma coisa significa despi-la de seus particulares acidentais. O que constitui minha própria auto-identidade é a auto-identidade do espírito humano. O que me faz aquilo que sou é minha essência, que é a espécie à qual pertença. A Cultura é em si mesma o espírito da humanidade individualizando-se em obras específicas; e o seu discurso liga o individual ao universal, o âmago do eu e a verdade da humanidade, sem a mediação do historicamente particular. De fato, nada poderia assemelhar-se mais estreitamente ao universo do que aquilo que é puramente ele mesmo, sem nenhuma relação externa. O universal não é apenas o oposto do individual, mas o próprio paradigma dele (EAGLETON, 2005, p.84-5).

Como percebemos, cultura escrita com letra maiúscula nos remete à ideia da junção de dados e atividades relacionados ao próprio indivíduo e suas obras, que passam a ser (com)partilhadas com o coletivo, fazendo com que o indivíduo torne-se parte de um todo, inserindo-o ao universal, possibilitando-o em interagir com o meio. A “Cultura” exerce senão a função de esclarecer as propriedades de cada indivíduo, que traz em si sua essência ímpar, mas que ao mesmo tempo assemelha-se com os demais que o cerca.

Segundo Alfredo Bosi em *A dialética da colonização* (1996), a “Cultura”, com a letra maiúscula, poderia ser revista como a ‘cultura popular’, ou seja, toda a manifestação de determinado povo, que cria sua arte através de suas experiências, em suas tradições e costumes. Bosi (1996), quando exemplifica seus apontamentos sobre a cultura popular e cultura erudita, expõe o poder que a indústria do consumo exerce sobre esse mesmo indivíduo citado acima, sobre como suas referências acabam sendo fabricadas e moldadas de acordo com as idealizações deste mercado.

O uso que a indústria de bens simbólicos faz do folclore se parecer com a expropriação. Assim como a indústria tira a força de trabalho do despossuído, pagando-lhe um salário mínimo, a cultura para massas surripia quanto pode da sensibilidade e da imaginação popular para compensá-la com um lazer mínimo, entrecortado de imagens e slogans de propaganda. E, no entanto, ou talvez por isso mesmo, porque somos uma sociedade de consumidores de coisas, de notícias, de signos, essa indústria cultural é a que nos penetra mais assiduamente, nos invade, nos habita e nos modela. O consumidor culto é um voyeur enfastiado, um perverso. Mas... e a cultura erudita? Esta, ou ignora pura e simplesmente as manifestações simbólicas do povo, de que está, em geral, distante, ou debruça-se, simpática, interrogativa, e até mesmo encantada pelo que lhe parece forte, espontâneo, inteiriço,

enérgico, vital, em suma, diverso e oposto à frieza, *secura* e inibição peculiares ao intelectualismo ou à rotina universitária. A cultura erudita quer sentir um arrepio diante do selvagem (BOSI, 1996, p. 329).

Para Bosi seria contraditório e impensável usar o termo ‘cultura’ no singular, como sendo uma única cultura, tendo em vista que não há uma só cultura seja brasileira ou de qualquer outra etnia. Bosi (1996), em outras palavras, diz que a cultura de massas está intrinsecamente ligada ao mercado de bens de consumo. Apresenta o cidadão inserido numa sociedade de massa, onde cada marca representativa de sua cultura acaba por ser direcionada por recursos da mídia, no mercado consumista, que interferem e causam mudanças nas atitudes culturais nas sociedades regionalizadas.

Para entrar no cerne do problema, só há uma relação válida e fecunda entre o artista culto e a vida popular: a relação amorosa. Sem um enraizamento profundo, sem uma empatia sincera e prolongada, o escritor, homem de cultura universitária, e pertencente à linguagem redutora dominante, se enredará nas malhas do preconceito, ou mitizará irracionalmente tudo o que lhe pareça popular, ou ainda projetará pesadamente as suas próprias angústias e inibições na cultura do outro, ou, enfim, interpretará de modo fatalmente etnocêntrico e colonizador os modos de viver do primitivo, do rústico, do suburbano (BOSI, 1996, p.330).

E ao se referir ao homem de cultura universitária, aquele que define o termo ‘culto’ em sua essência, Bosi (1996) o aponta como representante de uma classe privilegiada, desejada pela classe alta e também a média. E que possivelmente sofrerá preconceitos por não se enquadrar, não aceitar ou mesmo ter interpretações errôneas a respeito da cultura do outro.

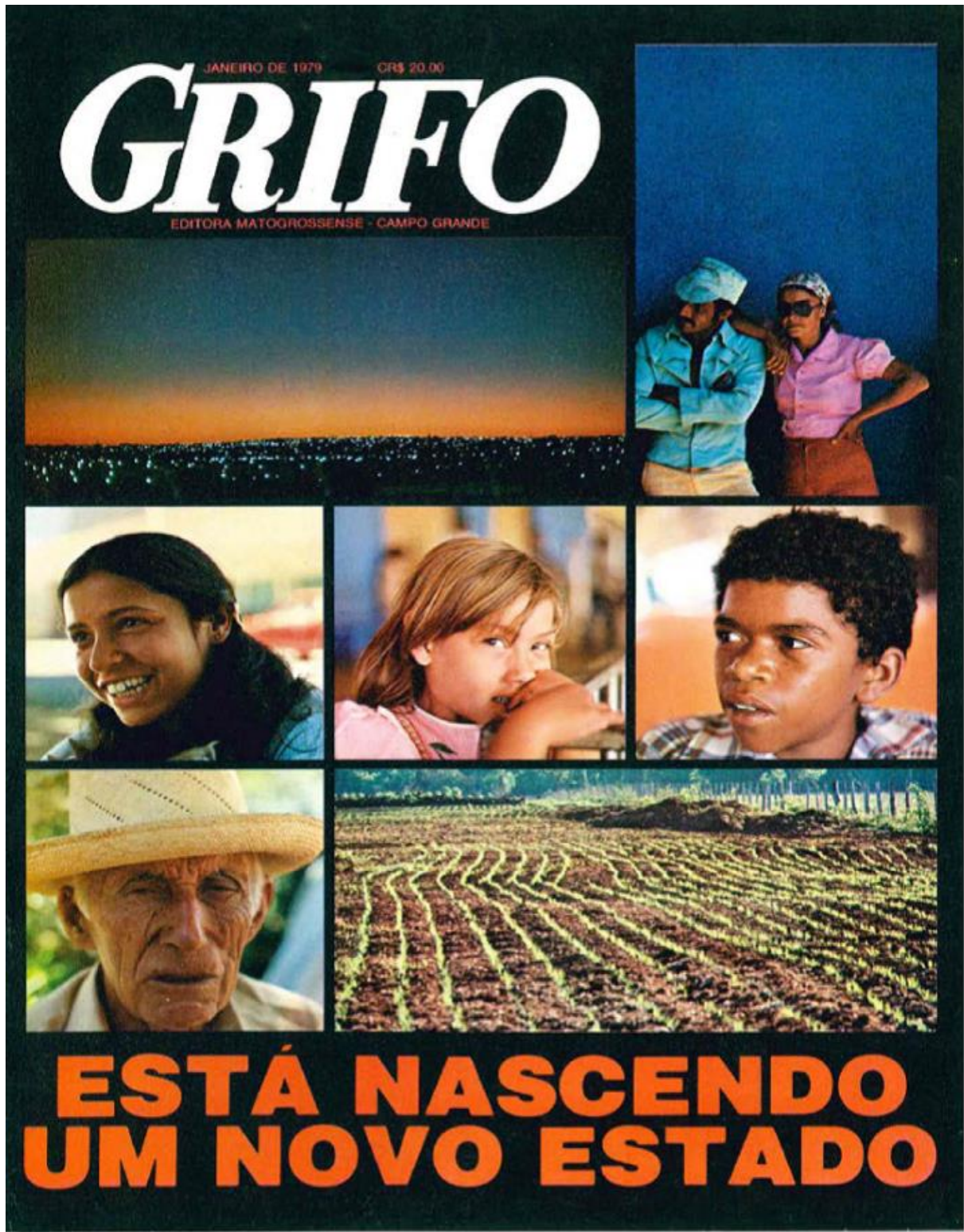
Não existe comunicação sem cultura e nem cultura sem comunicação. Eagleton (2005) cita T.S. Eliot quando busca conceitos mais apropriados para os termos *Cultura* e *cultura*, pois, “Eliot pode ser um conhecedor da alta cultura, mas também é um campeão da cultura como modo de vida popular” (EAGLETON, 2005, p.159). Desta forma, Eagleton nos apresenta os ideais de cultura que observou nas obras de Eliot, como este sendo um visionário sobre as disputas entre os tipos de cultura ao afirmar que “todas as classes sociais vão partilhar a mesma cultura” (EAGLETON, 2005, p.166).

Outro contraponto apresentado por Eagleton é a aproximação das concepções de Eliot com Raymond Williams, quando diz que ambos valorizam os componentes inconscientes da cultura.

Uma cultura, enquanto está sendo vivida, é sempre em parte desconhecida, em parte irrealizada. A construção de uma comunidade é sempre uma exploração, pois a consciência não pode perceber a criação, e não existe

nenhuma fórmula para uma experiência desconhecida. Uma boa comunidade, uma cultura viva, irá, por causa disso, não apenas dar espaço para, mas encorajar ativamente, todo e qualquer um que possa contribuir para o avanço em consciência que é a necessidade comum... Precisamos considerar com toda a atenção qualquer afeto, qualquer valor, pois não conhecemos o futuro, pode ser que jamais estejamos certos do que pode enriquecê-lo (WILLIAMS, 1958 *apud* EAGLETON, 2005, P.168).

Portanto, observamos a necessidade de aqui ser feita uma ressalva. Pois, mesmo essas expectativas de Williams (1958) terem sido profetizadas num outro momento, com realidades de outro continente, não deixam de valer para o que acontecia no ano de 1979, no Brasil, mais precisamente no estado de Mato Grosso do Sul. Paralelo às questões políticas e idealistas no que dizia respeito à divisão do estado de Mato Grosso e à formação de outro estado, surgia um novo conceito em informação, a criação da Revista *Grifo* que nasceu na cidade de Campo Grande, que veio a se tornar a capital do recém-formado estado de Mato Grosso do Sul, revista que trazia em suas páginas informações para toda a região centro-oeste. A seguir, podemos apreciar na íntegra a capa da edição inaugural de *Grifo*, que mostra os semblantes daqueles que representam o Estado, do mais velho que carrega as marcas de muita labuta e lutas vividas; os mais jovens que caracterizam um futuro de possibilidades infinitas de crescimento e aprimoramento; há ainda a imagem do campo, representando a agricultura que contribui muito na produção de alimentos do país e o céu limpo no horizonte, apontando que esse realmente é o caminho certo.

FIGURA 3 – Revista *Grifo* edição n.00

Fonte: Revista *Grifo*- Capa da edição de Janeiro de 1979.



Mesmo que breve, a existência da revista *Grifo* não foi menos importante, pois contribuiu para a representação da identidade do povo sul-mato-grossense por meio de suas manifestações políticas e culturais, as quais, hoje, devem estar resgatadas na memória de poucos, através do que esteve registrado nas páginas de *Grifo*. Então a urgência de (re)tornar público todas as demonstrações artísticas e literárias que outrora trouxeram destaque para o que conceituamos ainda como cultura de massa.

Não cabe a discussão aqui do certo ou errado nos termos conceituais do que é cultura, mas aproximar de nossa pesquisa o vínculo que a cultura possui com a humanidade, abolindo assim as imposições políticas de dominação e trazendo à luz seu lado artístico, sensível e de certa forma, poético de descrever a vida, descrever o homem. E ela, a cultura, conta com um eixo de conexão com o mundo, a nossa memória, durante nosso desenvolvimento no processo sócio histórico. Nossa memória é constituída por nosso passado e nosso presente, o que somos hoje é resultado dos sentimentos e acontecimentos que resgatam nossas recordações do ontem. A memória se firma através de registros de oralidade, de fatos documentados, que passam serem ferramentas extremamente importantes para a sua construção. E a memória por sua vez, é forte aliada da reafirmação do contexto cultural. A identidade é decorrente da memória.

Falaremos um pouco sobre memória, não a individual, mas da memória coletiva, em seus aspectos históricos e antropológicos a fim de argumentar a relevância do resgate da memória cultural, artística e literária deste jovem estado brasileiro, em seus 40 anos de existência. Como base teórica, dissertaremos pelo viés das teorias de Jacques Le Goff, com sua obra “História e Memória” (1990), mais precisamente no capítulo 08 denominado *Memória*.

O autor diz que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. (LE GOFF, 1990, p.427) Para Jacques Le Goff se faz necessário separar as sociedades de memória oral e as sociedades de memória escrita. E o autor cita estudiosos como Leroi-Gourhan que consideram que a memória coletiva, ou étnica, é uma característica intrínseca de todas as sociedades, porém Le Goff defende que ela é uma forma característica dos povos sem escrita. Já no tempo da Antiguidade, com o desenvolvimento da memória, que passa da oralidade a escrita, Le Goff faz menção às ideias de Leroi-Gourhan.

Para Leroi-Gourhan, a evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende essencialmente da evolução social e especialmente do desenvolvimento urbano: "A memória coletiva, no início da escrita, não deve romper o seu movimento tradicional a não ser pelo interesse que tem em se fixar de modo excepcional num sistema social nascente. Não é pois pura coincidência o fato de a escrita anotar o que não se fabrica nem se vive cotidianamente, mas sim o que constitui a ossatura duma sociedade urbanizada, para a qual o nó do sistema vegetativo está numa economia de circulação entre produtos, celestes e humanos, e dirigentes. A inovação diz respeito ao vértice do sistema e engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória de modo completo, nem em cadeias de gestos, nem em produtos (LEROI-GOURBAN, 1964-65, *apud* LE GOFF, 1990 p.433).

De forma a expor sua complexa evolução e importância para a história, Le Goff (1990) faz uma retomada dos estudos e conceitos de memória desenvolvidos ao longo da história. Transita de maneira sucinta desde os primórdios até a invenção da escrita, dialoga sobre as diversas manifestações da memória em diversas culturas, como as da memória coletiva das sociedades “selvagens” e sem escrita, das grandes civilizações, na Mesopotâmia, no Egito, na China e na América pré-colombiana, depois, mais adiante cita a influência do judaico-cristianismo que utiliza a memória em seus registros bíblicos até mesmo como exercício religioso.

A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia (LE GOFF, 1990, p.431).

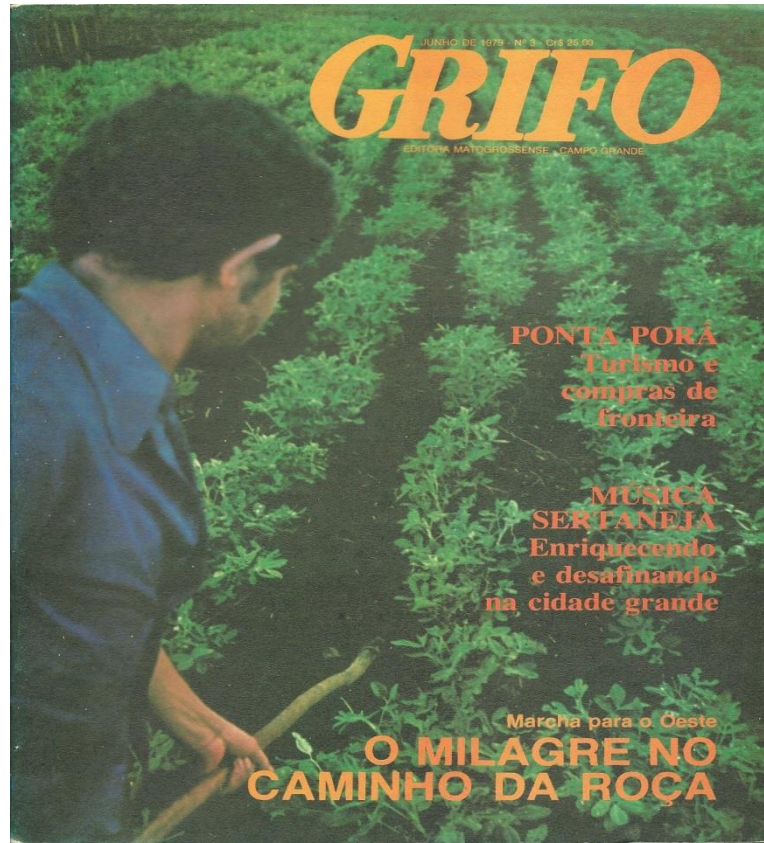
Assim, podemos utilizar as definições de Le Goff (1990) como respaldo aos nossos estudos e tomarmos como exemplo, a festa de São João Carnavalesco, da cidade de Corumbá, MS, tema de algumas páginas da edição 03, conforme veremos .

### **2.2.2 – “São João Carnavalesco em Corumbá”, memória e identidade nas páginas de *Grifo***

Esta festiva religiosa que teve seus registros na revista de edição nº 03 de *Grifo* que chegava às bancas no mês de junho de 1979. Esta edição apresentava em sua capa a manchete “Marcha para o Oeste – O milagre do caminho da roça” e como reportagem para

esse título dispensa mais de dez páginas num artigo que mostra o crescimento da agricultura como incentivo à economia do Brasil. Também traz algumas peculiaridades a respeito da cidade fronteiriça de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, Ponta Porã. E na demonstração cultural, que é relevante aqui registrar, fala sobre a festa de São João de Corumbá.

**FIGURA 04 – Capa da *Grifo* edição de nº 03**



Fonte: Revista *Grifo*- Capa da edição de Junho de 1979.

Esse será nosso foco de estudo e pesquisa, a partir das páginas 62 e 63 desta edição, escritas pelo jornalista José Octávio Guizzo. Mesmo que não apresente nenhum registro no campo literário que seja relevante citarmos aqui, esta edição dá ênfase e destaque à parte cultural ao descrever com ricos detalhes a festa de São João Carnavalesco, assim mencionado.

Tomando como exemplo concreto a análise deste evento, que se tornou uma das manifestações culturais mais representativas da população corumbaense e de toda a região, compreendemos que por meio da memória coletiva se pode distinguir a identidade social, que

é local. Então, preservamos a memória coletiva para que possamos preservar a identidade de um povo, de determinado grupo.

A festa que comemora o Santo junino de maior ‘prestígio’ entre os devotos, São João Batista, acontece no dia 24 de Junho na maioria das cidades interioranas do Brasil. Mas não na Cidade Branca, como é conhecida a cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. Lá a festa de São João é grandiosa e começa na noite anterior, do dia 23 de junho para o dia 24. O jornalista José Octávio Guizzo (1979, p. 62) comenta em seu artigo sobre a festa que de todas as comemorações e lugares possíveis “nenhum deles tem o brilho e a originalidade do São João de Corumbá, a bela cidade fronteiriça de nosso Estado”.

#### FIGURA 05 – Imagem do Santo ‘carnavalesco’



*Deus te salve, João  
Batista Sagrado,  
O teu nascimento  
Nos tem alegrado.*

*Se São João soubesse  
que hoje era seu dia  
descia do céu à terra  
com prazer e alegria.*

*João Batiza Cristo  
Cristo batiza João  
todos foram batizados  
lá no rio Jordão.*

Trecho do Hino cantado para o santo homenageado durante todo o percurso da procissão.

Foto de José Octávio Guizzo (1979).

Na reportagem, Guizzo se posiciona ao queixar-se sobre a perda considerável que vinha sofrendo a festa de Carnaval nessa época, em Corumbá, por cada vez mais colocar o povo em segundo plano, tornando a festa industrializada e descaracterizada, com suas arquibancadas espalhadas nas laterais de uma avenida e turistas assistindo a tudo passivamente. Comenta que a descontração da festa de Carnaval estava se perdendo. Porém, sobre a festa de São João, Guizzo discorre com a maestria de um poeta ao descrever a comemoração, utilizando predicados que lhe fazem jus.

Percebemos a paixão regionalista que Guizzo mantém com seu Estado ao apresentar em suas reportagens às revistas *Grifo*, todos os detalhes que são peculiares ao sua gente, ao destacar seus poetas, seus artistas, seus músicos, sua história. Não haveria de ser diferente com este artigo sobre “São João Carnavalesco em Corumbá” em que o crítico e jornalista faz questão de citar Lobivar Matos, um dos filhos mais ilustres da Cidade Branca. Segundo Guizzo (1979, p.62), Lobivar foi o poeta “[...] que mais cantou os motivos folclóricos de nosso povo [...]”. E como adorno a esse artigo, Guizzo apresenta um poema de Lobivar, nos idos de 1933, sobre a popular festa religiosa de sua estimada Corumbá, que disporemos aqui, para que permaneça, e não mais se perca ou caia no esquecimento, os registros que *Grifo* apresentava aos seus leitores.

**“São João... São João...**

Vai escurecendo... anoitecendo...  
 traque,  
 bomba,  
 foguetes,  
 balão subindo,  
 balão caindo;  
 fogueira chiando,  
 batata doce queimando;  
 churrasco... carne de vitela...  
 cerveja,  
 chopp,  
 cachaça...  
 Depois é baile em todo o canto, em todo o lado:  
 Baile de primeira,  
 baile de segunda,  
 baile de terceira;  
 a rapaziada não perde nenhum,  
 dança em todos, alegre,  
 bebendo,  
 cantando,  
 pulando...

Meia noite...  
 É hora de São João tomar banho no rio,  
 A ladeira fica cheinha de gente,  
 de gente curiosa, que vai espionar  
 a passagem de São João,  
 do João Bagunceiro,  
 que não gosta de padre e é inimigo da igreja,  
 São João é um só,  
 mas na noite em que o povo festeja o seu dia  
 ele se multiplica e, em múltiplos bandos,  
 à frente, nos braços dos festeiros,  
 embandeirados,  
 vai ao rio de água fria tomar banho.

Volta de lá mais animado,  
dançando,  
pulando,  
cantando:

São João é bagunceiro,  
bagunceiro da avenida  
dançou com Mané Caetano  
e apaixonou por Margarida! (MATOS, 1933 *apud* GUIZZO, 1979, p.62)

Observamos o poema acima tão bem descrever o ritmo da tradicional festa de São João, em que seus fieis se reúnem e em procissão seguem ladeira abaixo para, diferentemente de outras regiões do Brasil, com exceção do Amazonas, banhar a imagem de seu santo devoto, o São João Batista, aquele cuja trajetória de vida era ser o que banhava e batizava nos rios os homens de bem, em nome de Deus e não o contrário. Durante o percurso na procissão o número de fieis se multiplica, surgem de suas ricas casas ou de casebres nem tanto ostensivos, vêm os brancos e os negros, os velhos e os jovens, não há diferenças segundo Guizzo, todos juntos em fé e devoção ao Santo. A festa religiosa, ora apresenta ares profanos segundo explica Guizzo:

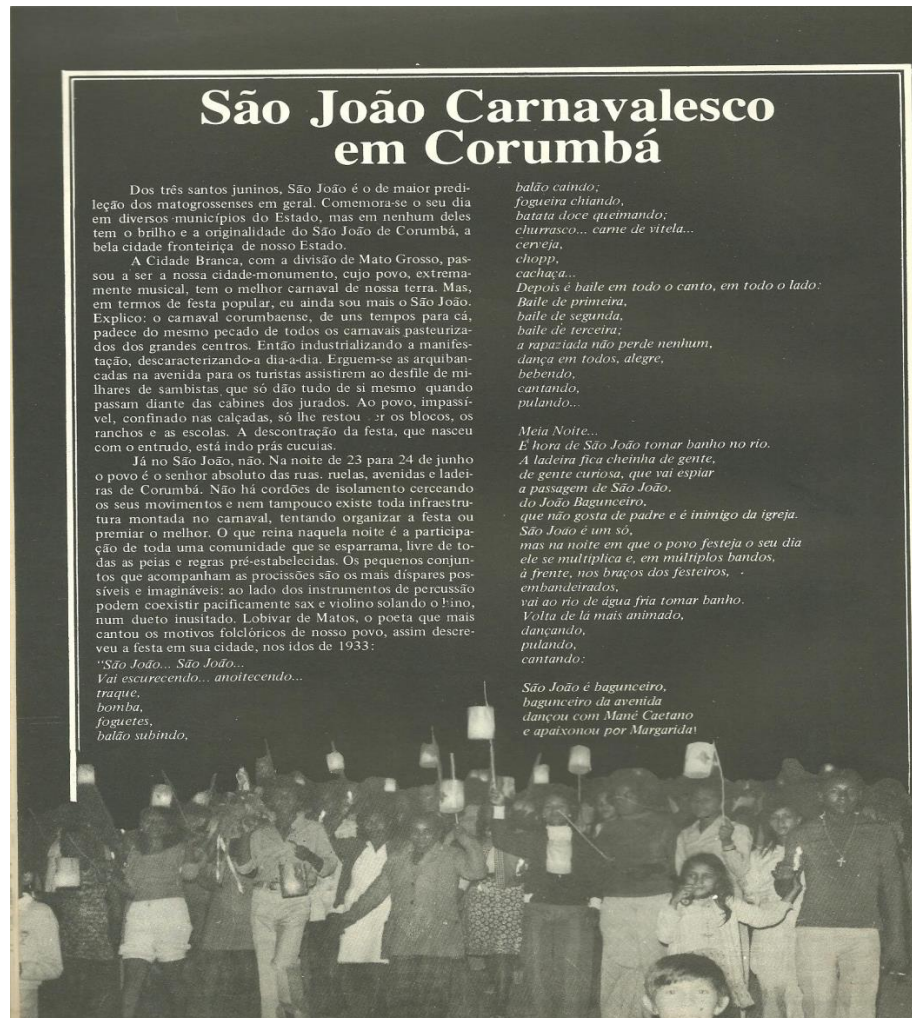
“Outra característica importantíssima da festa: os conjuntos executam os hinos e os devotos cantam a primeira vez numa entonação de canto-sacro, para no final voltarem ao início do hino, só que, surpreendentemente, no ritmo frenético de marcha carnavalesca! Caixas, tamborins, surdos, violões, violinos, trombones, saxofones acompanham os inúmeros grupos que seguem pulando animadamente até o final do hino, quando todos voltam novamente a cantar em tom de hino-sacro caminhando como antes. [...] esse aspecto pagão de uma festa eminentemente religiosa, é que torna ‘sui-gêneris’ as comemorações das festividades do São João em Corumbá”. (GUIZZO, 1979, p. 63)

De acordo com os relatos da prof.<sup>a</sup> Eunice Ayala Rocha (1997), estudiosa do assunto, conforme diz a tradição oral, no início, a festa ocorria em comunidades locais de modo que eram atribuídas funções para os moradores. Além disso, durante o arraial, os mais ricos bancavam as despesas enquanto os mais pobres faziam coleta para conseguir oferecer a comida e cumprir sua promessa, o que gerava ao fenômeno um caráter de partilha e solidariedade.

Atualmente essa festa é muito valorizada não somente pelos cidadãos corumbaenses que trazem em seu falar e em seus olhos o orgulho, mas também por aqueles que vêm de longe e apreciam a festiva, alimentando sua fé a cada banho dado no devotado, lavando de certa forma, a própria alma. E não poderíamos desconsiderar o potencial econômico que a festa desperta na cidade de Corumbá, por atrair um grande número de turistas.



FIGURA 06 – Festa de São João em Corumbá



## São João Carnavalesco em Corumbá

Des dos santos juninos, São João é o de maior predileção dos matogrossenses em geral. Comemora-se o seu dia em diversos municípios do Estado, mas em nenhum deles tem o brilho e a originalidade do São João de Corumbá, a bela cidade fronteiriça de nosso Estado.

A Cidade Branca, com a divisão de Mato Grosso, passou a ser a nossa cidade-monumento, cujo povo, extremamente musical, tem o melhor carnaval de nossa terra. Mas, em termos de festa popular, eu ainda sou mais o São João. Explico: o carnaval corumbaense, de uns tempos para cá, padece do mesmo pecado de todos os carnavais pasteurizados dos grandes centros. Então industrializando a manifestação, descaracterizando-a dia-a-dia. Erguem-se as arquibancadas na avenida para os turistas assistirem ao desfile de milhares de sambistas que só dão tudo de si mesmo quando passam diante das cabines dos jurados. Ao povo, impassível, confinado nas calçadas, só lhe restou — os blocos, os ranchos e as escolas. A descontração da festa, que nasceu com o entrudo, está indo prá's cucuias.

Já no São João, não. Na noite de 23 para 24 de junho o povo é o senhor absoluto das ruas, ruelas, avenidas e ladeiras de Corumbá. Não há cordões de isolamento cercando os seus movimentos e nem tampouco existe toda infraestrutura montada no carnaval, tentando organizar a festa ou premiar o melhor. O que reina naquela noite é a participação de toda uma comunidade que se esparrama, livre de todas as peias e regras pré-estabelecidas. Os pequenos conjuntos que acompanham as procissões são os mais díspares possíveis e imagináveis: ao lado dos instrumentos de percussão podem coexistir pacificamente sax e violino solando o fôno, num dueto inusitado. Lobivar de Matos, o poeta que mais cantou os motivos folclóricos de nosso povo, assim descreveu a festa em sua cidade, nos idos de 1933:

*"São João... São João...  
Vai escurecendo... anoitecendo...  
traque,  
bomba,  
fofocetes,  
balão subindo,*

*balão caindo;  
fogueira chiando,  
batata doce queimando;  
churrasco... carne de vitela...  
cerveja,  
chopp,*

*cachaça...  
Depois é baile em todo o canto, em todo o lado:  
Baile de primeira,  
baile de segunda,  
baile de terceira;  
a rapaziada não perde nenhum,  
dança em todos, alegre,  
bebendo,  
cantando,  
pulando...*

*Meia Noite...  
É hora de São João tomar banho no rio.  
A ladeira fica cheia de gente,  
de gente curiosa, que vai espiar  
a passagem de São João,  
do João Bagunceiro,  
que não gosta de padre e é inimigo da igreja.  
São João é um só,  
mas na noite em que o povo festeja o seu dia  
ele se multiplica e, em múltiplos bandos,  
à frente, nos braços dos festeiros,  
embandeirados,  
vai ao rio de água fria tomar banho.  
Volta de lá mais animado,  
dançando,  
pulando,  
cantando:*

*São João é bagunceiro,  
bagunceiro da avenida  
dançou com Mané Caetano  
e apaixonou por Margarida*

Fonte: Revista *Grifo*, ed. 03, junho de 1979.

A memória sustenta a história desse povo, dando-lhe subsídios para seu desenvolvimento, a memória não se remete ao esquecimento.

Uma de suas características é que ao ser refrescada constantemente, sendo grafada, narrada, ou se tornando fonte histórica, passa-se a utilizar a memória social como um dos meios fundamentais quando o intuito é o de abordar os problemas do tempo e da história (LE GOFF, 1996, p. 426).

Desta forma, compreendemos que o aparecimento da escrita estava intimamente ligado à transformação da memória coletiva, mas que dependia essencialmente da evolução social e do desenvolvimento urbano e a memória individual não pode se distanciar das

memórias coletivas. Temos as revistas e periódicos como meio para o registro dessas memórias, como pudemos observar nos relatos da Festa de São João de Corumbá e também veremos no tópico a ser tratado logo em seguida.

### 2.2.3 - Revistas e periódicos como suportes da cultura

*Grifo* tem uma proposta:  
Fazer desta revista um veículo de ideias. De troca de ideias, palpites e opiniões, sobretudo entre nós que estamos vivendo a realidade do oeste brasileiro.  
(*Grifo*, ed, nº 0, março de 1979.)

Na história da formação da sociedade brasileira, a revista vem desempenhando o papel de importância como um veículo democrático ao lançar mão de temas sobre a cultura, a vida em sociedade, o papel crítico mediante essas esferas. Adquiriu no início de sua propagação a função, mesmo que indiretamente, de estimular culturalmente a formação de uma identidade brasileira.

Mesmo que ao longo de sua existência a revista tenha sofrido significativas transformações, como por exemplo, estar intrinsecamente direcionada à publicidade, os registros e memória nelas contidos devem ser preservados. Utilizando um viés a partir desta perspectiva, observamos também a relevância da preservação e divulgação das memórias contidas na revista *Grifo*, nosso objeto de estudo, que mesmo tendo sido mantida em circulação por apenas um ano, deixou registros da história política, social e cultural no momento incisivo que foi para o estado de Mato Grosso do Sul em sua recente formação. Além do que, na realidade, firmar a representatividade que as revistas *Grifo* tiveram para a formação do leitor e do público num estado que se estabelecia.

Ao utilizarmos como base teórica o rico trabalho do jornalista e professor Carlos Costa em sua obra “A revista no Brasil do século XIX – A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro” (2012), faremos uma breve viagem às origens da revista no Brasil. Segundo Costa:

A tipografia, no entanto, era naqueles primeiros anos uma exclusividade do governo, que detinha o poder de censura: só se publicaria o permitido e aprovado, visto que particulares não tinham acesso à imprensa. Assim, a segunda impressora a funcionar no país, na Bahia, abriu suas oficinas em 1811, tendo à frente o patricio Manuel Antonio da Silva Serva, indicado para essas funções pelo governador e pelo bispo diocesano. Silva Serva criará no mesmo ano o jornal Idade d’Ouro do Brasil e de suas oficinas gráficas sairá,



em 1812, a que se considera a primeira revista do Brasil, *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (COSTA, 2012, p.72).

Segundo as pesquisas e apontamentos do autor, o Brasil após passar da condição de colônia de Portugal para a autonomia de um país, enfrentou muitas barreiras, além das políticas, no campo da radicação de uma identidade cultural ‘brasileira’. Os pequenos jornais que por ali circulavam não abrangiam o percentual esperado justamente pelo não letramento do povo brasileiro. Mesmo o ensino tendo sido obrigatório no Brasil de 1879, a triste realidade de que o país não conseguia superar tal realidade nos afligiu até a segunda metade do século XX. O jornalista pontua que em decorrência desta disfunção educacional, digamos assim, o país passou por um processo de “letramento mediado” o qual consistia em leitores do público letrado que repassavam seu conhecimento ou mesmo as histórias e romances dos folhetins através de sessões de leitura em grupo àqueles menos favorecidos, os iletrados.

Ao lado dessas sessões de leitura coletiva houve ainda a convivência e superposição das tradições orais, das narrativas que se transmitiam de boca em boca, com a leitura dos textos escritos – esta alimentando aquela, no que o mesmo Burke denomina como ‘comunicação multimídia’. A senhora que na reunião de leitura ouvia um conto ou tomava conhecimento de uma nova prática ou ensinamento contaria mais tarde para as comadres e vizinhas a novidade ou as peripécias do herói. Provavelmente muitas das proezas narradas nos folhetins se disseminavam entre o público e se tornavam populares nesse recontar, em que a oralidade ainda contava com um peso específico. Sem dúvida essa será uma das explicações para a grande popularidade que gozaram as revistas ilustradas do último quartil do século XIX (COSTA, 2012, p. 81).

E assim, segundo o autor, que “nesse contexto e para esse rarefeito público leitor que surgiram as nossas revistas” (COSTA, 2012, p.81). O autor não deixa de pontuar ainda o quão relevante e fundamental foram as revistas para o processo de formação da identidade do povo brasileiro. E utilizando uma brecha nesse mesmo pensamento, podemos salientar o quão relevante e importante foi a Revista *Grifo* com os registros das manifestações culturais, entre outras, para a compreensão da identidade, regionalidade e ideologia do povo sul-matogrossense, através de sua música, sua poesia, suas festas e cerimônias religiosas, seus hábitos alimentares, a miscigenação de raças, as influências de suas fronteiras.

O autor Carlos Costa, em suas considerações, reforça a ideia de que o leitor é ainda uma questão não resolvida entre nós, é público a ser criado, deixando uma incógnita sobre quem realmente foi o público leitor das revistas do século XIX. Percebemos que esse período de consolidação das revistas e periódicos em nosso país foi tido como um marco no comportamento e na mudança de olhar que os cidadãos passam a ter de si, esses que

transitavam numa época de ‘repatriamento’, de pertencimento, agora conseguem se identificar brasileiros. E para tanto, segundo COSTA (2012), houve quatro grandes eventos que contribuíram para essa fixação identitária; o primeiro foi o tráfico interprovincial de escravos; o segundo foi a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a qual provocou o exército brasileiro a constatar que poderia participar mais da causa nacional; o terceiro foi o recenseamento de 1872, que divulgou o quanto o país era mestiço e também iletrado e o quarto elemento, que é o que nos cabe destacar, foi o desenvolvimento dos meios impressos. “Além de reportar e difundir acontecimentos e ideias, os periódicos se tornaram fatores importantes na consolidação de uma opinião pública...” (COSTA, 2012 p.433).

Findara o tempo da imprensa boêmia e intuitiva. O século XIX sob esse aspecto cumpriu a sua missão: deixou o legado de um quadro de revisteiros formado e maduro. São editores, escritores, redatores, ilustradores, caricaturistas e artistas gráficos que dominam o seu ofício, sabem como criar uma revista e como torná-la atraente para o leitor (COSTA, 2012, p.434).

Em outras palavras, observamos que foi a partir do século XIX que as revistas e os periódicos tiveram seu papel fundamental para a sociedade brasileira, que pôde se reconhecer, se definir, pois eles deram espaço às discussões que impulsionaram a população nacional a participar mais efetivamente de situações em comum e se empenhar em construir um país.

Não fugiríamos de nosso tema de pesquisa ao parafrasear as colocações finais do jornalista Carlos Costa ao dizer que “o feito maior da revista e da imprensa na trajetória histórica do século XIX foi haver servido de espelho e de reforço dos traços de brasilidade do país nascente...” (COSTA, 2012, p.440). A revista *Grifo*, nosso objeto estudado, também em sua breve trajetória no ano de 1979 serviu de espelho aos cidadãos sul-mato-grossenses ao retratar assuntos pertinentes às realidades ali vividas, ao retratar conceitos e implicações de uma região que há muito se diferenciava da outra parte de sua divisão, o Mato Grosso. Afinal, estamos falando de influências regionais das fronteiras com outros países, das produções artísticas, do contexto geográfico. A revista *Grifo*, através de suas reportagens, enalteceu cada uma destas características, evidenciando as complexas diferenças de um povo que agora num novo estado poderia se reconhecer, formar sua consciência crítica e produtiva a respeito de suas ideologias.

E quanto ao papel cultural da Literatura como representação da população sul mato-grossense? A Literatura sul-mato grossense, por exemplo, muitas vezes dissemina os costumes pantaneiros de seu povo, a natureza que os cerca, apresentando aos leitores uma

parte de sua história e cultura. Quando questionada sobre a expressão do ‘não-lugar’ da literatura, Eneida Maria de Souza (2007), em seu livro *Crítica Cult*, reúne ensaios que abordam textos de escritores literários renomados no Brasil, nos quais permeia discussões a respeito da crítica cultural no país.

Nesta obra a autora, chama a atenção ao falar sobre o não-lugar da literatura frente aos estudos culturais e no sexto capítulo do livro, lança mão de vários textos, dentre os quais os da tese de doutorado em História Social de Thaís Pimentel, intitulada “De viagens e de narrativas – viajantes brasileiros no além-mar (1913 – 1957)”, para compará-los. Entre esses textos de narrativas e relatos de histórias de viagens, a autora enfatiza as diferenças culturais, de entendimento de mundo entre distintos grupos sociais, em que os intelectuais que trazem consigo a prática de leitura, apresentam uma visão não somente periférica e sim mais profunda a respeito da cultura do país visitado, por exemplo. Essa ideia funciona como modelo, segundo a autora, para se refletir sobre um dos possíveis lugares ocupados pela literatura, quando vista como produto ideológico de classe.

Segundo reflexões da autora, “do mesmo modo que o contato com o estrangeiro traduzia o status social e o gosto estético do viajante, o convívio com a literatura propiciava a formação humanista e superior dos leitores” (SOUZA, 2007, p.82).

O debate atual em torno dos estudos culturais e dos estudos literários se ancora em preconceitos oriundos de fontes distintas, além de se apresentar como ultrapassado, se levarmos em conta que, que no princípio do século, a elite intelectual brasileira desconhecia estarem os movimentos de vanguarda procedendo ao questionamento da noção de arte como peça de museu e valorizando outras manifestações culturais, como a publicidade e o jornal (SOUZA, 2007, p.77).

A partir desta perspectiva de SOUZA (2007), podemos nomear a revista também como manifestação cultural e artística do século XX e, por assim dizer, apresenta-la como instrumento fundamental de exposição da cultura de massa e também de divulgação de grandes nomes da Literatura que vinha ganhando força em Mato Grosso do Sul.

De acordo com Marília Scalzo (2011), em seu livro *Jornalismo de Revista*, “as revistas têm a capacidade de reafirmar a identidade de grupos de interesses específicos, funcionando muitas vezes como uma espécie de carteirinha de acesso a eles”. (SCALZO, 2011, p.48)

Não é por acaso que esse ou aquele texto e reportagem vão parar nas páginas de uma revista ou de um jornal. Tudo é intencional e tem uma finalidade de ser. O que as revistas *Grifo* apresentam de literário? Quais os textos que trouxeram à tona vértices que identificam o

povo sul mato-grossense? Mais adiante, durante as análises das entrevistas concedidas por *Grifo*, teremos como exemplos destes textos literários representativos de um povo os de Manoel de Barros e os de Lobivar Mattos.

Segundo Sérgio Vilas Boas, em seu livro “*O estilo magazine: o texto em revista*” (1996), ao serem editados, os textos de revistas tem a necessidade de passar por processos básicos para que haja sua aceitação e o sucesso entre o público leitor alvo. Neologismos, coloquialismos e gírias são alguns exemplos do que se deve evitar. Não são recursos rejeitados, mas devem ser evitados. Vilas Boas (1996) pontua alguns critérios importantes a serem seguidos, comenta e apresenta algumas dicas sobre eles. Pontua o contexto, onde a palavra utilizada deve estar em sintonia com o tema da matéria, e que seja a palavra que melhor expresse o pensamento, a ideia, de maneira fiel, clara e concisa. Mesmo sendo para uma revista, o texto também segue os padrões jornalísticos, mas isso não impede que se brinque com os sentidos das palavras, das frases, dando a eles sonoridade e ritmo. Segundo o autor:

Na revista as palavras podem ser usadas não apenas com o sentido que lhes atribuem os dicionários. Às vezes, é até bastante indicado lançar mão de uma palavra que não está diretamente ligada ao objeto ou ser ao qual dá o nome. No texto diário de jornal, o valor conotativo só é aceito em situações muito especiais, pois o jornalismo diário precisa de padronização e da velocidade para sobreviver. Além disso, o jornal diário é de leitura rápida, ao contrário da revista (VILAS BOAS, 1996, p. 18).

O autor caracteriza diversos subsídios que se deve ter nas mangas para a apresentação da angulação do texto, ou como ele denomina ‘o caminho para as Índias’. Apontadas como ferramentas importantes ao produzir textos para revistas temos os confrontos de ideias; enumeração de contextos; descrição dos detalhes; as analogias, os exemplos; comparações, ilustrações que são alguns dos percursos utilizados como ‘rota às Índias’, de acordo com Vilas Boas (1996). O clima em que esse texto está envolto também é de suma importância, pois atrai a atenção do leitor. E não deixa de ser menos valioso o fechamento do texto, sua finalização, de maneira concisa e certa, sem mais delongas, algo que não entedie o leitor. O ponto de vista é apontado como outro fator relevante na produção textual para revistas, mas desde que não seja confundido com a opinião de quem escreve. Segundo Villas Boas,

Mesmo o texto de revista, com as peculiaridades (...) não está imune a certa fórmula. Só que o texto de uma revista semanal é mais investigativo e interpretativo, mesmos objetos e mais criativos. Quanto à criatividade, aproxima-se muito do estilo literário. Grosso

modo, a fórmula mais comum da revista semanal de informações é a narrativa, privilegiando a prática da reportagem na maioria das sessões (VILAS BOAS, 1996, p.41).

De acordo com os estudos do autor, para que um texto seja bem redigido é indispensável que haja domínio das letras, que se escreva com elegância, mas também simplicidade. E assim eram as reportagens e entrevistas exibidas nas revistas *Grifo*, sempre com o intuito de agradar, contribuir e atingir seu público leitor. A revista *Grifo*, ao longo de sua breve existência, nos finais da década de 1970, reverenciou pela boa qualidade gráfica de impressão, utilizou em grande número as imagens fotográficas e ilustrações em suas reportagens, sempre empregando equilíbrio e leveza em seus textos. Infelizmente não obteve êxito por falta de recursos e investidores.

No capítulo seguinte, iniciaremos fazendo uma sucinta apresentação do contexto histórico o qual o novo estado estava inserido, relatando as situações que se encontrava na época de sua divisão, tanto política, geográfica, quanto cultural. E, apresentar tais contextos torna-se relevante a partir do momento que esclarecem todas as dualidades vividas pelo cidadão sul mato-grossense, sobre seu pertencimento a esse ou aquele lugar, sobre seus costumes e influências fronteiriças, os quais fizeram toda a diferença em suas produções literárias e artísticas.

### Capítulo III

#### A REVISTA *GRIFO* NO CONTEXTO DA CRIAÇÃO DE MS

A referida revista, tão bem cuidada e composta, só vem trazer benefícios úteis para a população do nosso estado.  
(Wilson Marques Barbos - *Grifo*, 6ªed., dezembro de 1979.)

Da idealização da revista à sua conclusão, muitos foram os caminhos e obstáculos a serem percorridos. Ao pontuarmos algumas características pertinentes à *Grifo*, não poderíamos simplesmente deixar de lado a história que envolveu sua criação, portanto, torna-se necessário que façamos um retrospecto desde o início da idealização deste projeto até seu término prematuro. Neste capítulo, apontamos alguns aspectos relevantes à criação da revista *Grifo*, tomando emprestados alguns dados da pesquisa realizada por Mário Luiz Fernandes, Doutor em Comunicação pela UFMS, e pelo acadêmico em jornalismo Gustavo Zampieri, também pela UFMS<sup>2</sup>.

A revista *Grifo* foi lançada o mesmo período da criação do Estado de Mato Grosso Sul em janeiro de 1979, como já citamos anteriormente, tornando-se então a primeira revista do novo estado. Percorreu um breve e significativo percurso, resultando na publicação de sete edições no período de um ano. Começou com a proposta de alguns jornalistas paulistas em sua maioria, erradicados no novo Estado, que buscavam retratar a realidade e as expectativas dos sul mato-grossenses dentro de uma nova configuração geopolítica. Em meio a este processo de transformação, destacamos o papel da mídia sul mato-grossense que estava em constante desenvolvimento. Diante deste contexto, em janeiro de 1979, simultaneamente à implantação do estado, foi lançado o número zero da revista *Grifo*, que continha um projeto editorial liderado pelo jornalista paulista Mário Marques Ramires, na época recém migrado para Mato Grosso do Sul e sua esposa, a também jornalista Marília C. Leite. A revista deixou uma marca expressiva na história da imprensa regional.

A notícia sobre o nascimento de Mato Grosso do Sul foi estampada em muitos jornais brasileiros. Foi em um deles, o *Jornal da Tarde*, fixado em uma banca de revistas no centro de São Paulo, que a jovem campo-grandense Marília Leite, estudante de Jornalismo na FAAP (Fundação Armando Álvaro Penteado), tomou conhecimento da novidade. Naquelas

---

<sup>2</sup>Os dados pertinentes a esta pesquisa podem ser encontrados em <<https://www.alcarco.com/caderno-de-resumos>>

letras garrafais, percebeu que era a oportunidade de retornar à terra natal e desenvolver algum projeto que contribuísse na formação do novo estado. A ideia de uma revista foi surgiu de imediato. O próximo passo foi a busca de parceiros para o projeto. Seu marido, o paulista e também jornalista Mário Marques Ramires, foi o primeiro a aderir. Outros jovens jornalistas paulistas também encamparam a proposta, como o casal Neusa e Jorge João Chacha – que viria a ser reitor da UFMS de 1996 a 2000 –, Miriam Duailibi e José Márcio Licerre, entre outros (FERNANDES; ZAMPIERI, 2016).

Em entrevista concedida aos pesquisadores Fernandes e Zampieri (2016), em 11 de maio de 2016, a jornalista Marília C. Leite, uma das idealizadoras da revista *Grifo* disse que a escolha pelo suporte revista foi devido a não existir outra publicação semelhante em Campo Grande e que a revista possibilitaria um conteúdo mais elaborado, sem a pressa de um jornal diário.

A revista *Grifo* teve como editores o jornalista paulista Mário Marques Ramires e Neusa Chacha e a responsável final, Marília C. Leite. Os responsáveis pela diagramação e pela Arte foram Marília C. Leite e Márcio Licerre. Em apenas um ano de circulação, a equipe publicou sete edições da revista, que variavam de 68 a 92 páginas cada uma. O conteúdo abordava economia, política, meio ambiente, questões indígenas, entrevistas e entretenimentos, buscando representar a realidade e a face do novo Estado.

### 3.1 – Aspectos formais e as expressões literárias e artísticas na *Grifo*<sup>3</sup>

A **edição inaugural da Revista *Grifo*** foi lançada em Janeiro de 1979, funcionando como uma mostra do que estava por vir. Foi enumerada como marco zero, a edição de número zero. A capa desta edição trazia como manchete “Está nascendo um novo estado”. Estampava fotos de crianças, jovens, adultos e idosos campo-grandenses, além de panorâmicas da cidade e de lavoura, como simbolismo das principais riquezas do novo estado: sua gente e sua terra. Das 68 páginas, onze e meia eram de anunciantes diversos que apoiavam e davam a sustentabilidade financeira ao projeto. O preço de capa era 20 *cruzeiros*.

A revista anunciava também que em março seguinte sairia sua primeira edição. De todas as informações possíveis sobre essa edição, as que nos interessam de fato e as quais serão o recorte para nossa primeira análise, estão nas páginas 40, 41 e 42, com a entrevista da

---

<sup>3</sup> É importante notificar nosso leitor que, em anexo, se encontram as fichas catalogadas das revistas *Grifo*, que especificam todas as estruturas, como número de páginas, manchetes de capa, título de capítulos e outras informações pertinentes.

revista *Grifo*, que reuniu numa só conversa nomes como o de Lenilde (Léa) Ramos, professora que por muitos anos se dedicou à música regional; José Octávio Guizzo, advogado e pesquisador o cinema e do folclore mato-grossense, além de ser um dos colaboradores da revista; Airton Sampaio, estudante e integrante do grupo de Teatro Carandá; Jorge Chacha, médico e um dos integrantes do Quinteto de Cordas de Campo Grande, entre outros.

Abordaram como tema de discussão a questão da cultura em Mato Grosso do Sul, tomando à atenção seus leitores com a chamada em letras garrafais e em destaque: “CULTURA SULMATOGROSSENSE?”

O pesquisador, um dos colaboradores de *Grifo* e jornalista José Octávio Guizzo, prontamente responde a essa questão apresentando justificativas de como o Norte de Mato Grosso, na região de Cuiabá evoluiu culturalmente mais fortemente que o Sul, quando cita por exemplo, sobre as encenações de óperas que lá ocorriam com frequência. Diz que um dos “germes” do movimento separatista foi justamente não ter havido diálogo cultural entre norte e sul, portanto, afirma ainda ser naquela época um povo sem identidade cultural definida, mesmo por que sofríamos influências das imigrações que o novo estado vinham recebendo com frequência. Atribui ao novo estado formado duas formas de cultura que lhe é peculiar, a cultura indígena e a cultura do Pantanal.

Quando questionados por *Grifo* sobre os elementos culturais indígenas que poderiam ser reconhecidos na cultura sul matogrossense, tanto na vida rural como na vida urbana, foi a vez de Chacha se manifestar e defender a possibilidade da cultura indígena permanecer e se difundir às demais manifestações culturais que estavam ganhando força no novo estado com seus novos habitantes, “...tem outro tipo de cultura que evolui, e essa que é a linguagem verdadeira. A cultura popular sob qualquer forma, é assimilada e evolui, não é estática” (CHACHA, 1979, p.41).

A partir do corpus eleito como objeto de pesquisa deste trabalho, podemos observar a importância e relevância que é dada a toda e qualquer forma artística de manifestação da cultura regional. As artes visuais, a literatura, a música, os cartuns.



FIGURA 7 – Cultura Sul Mato-Grossense?



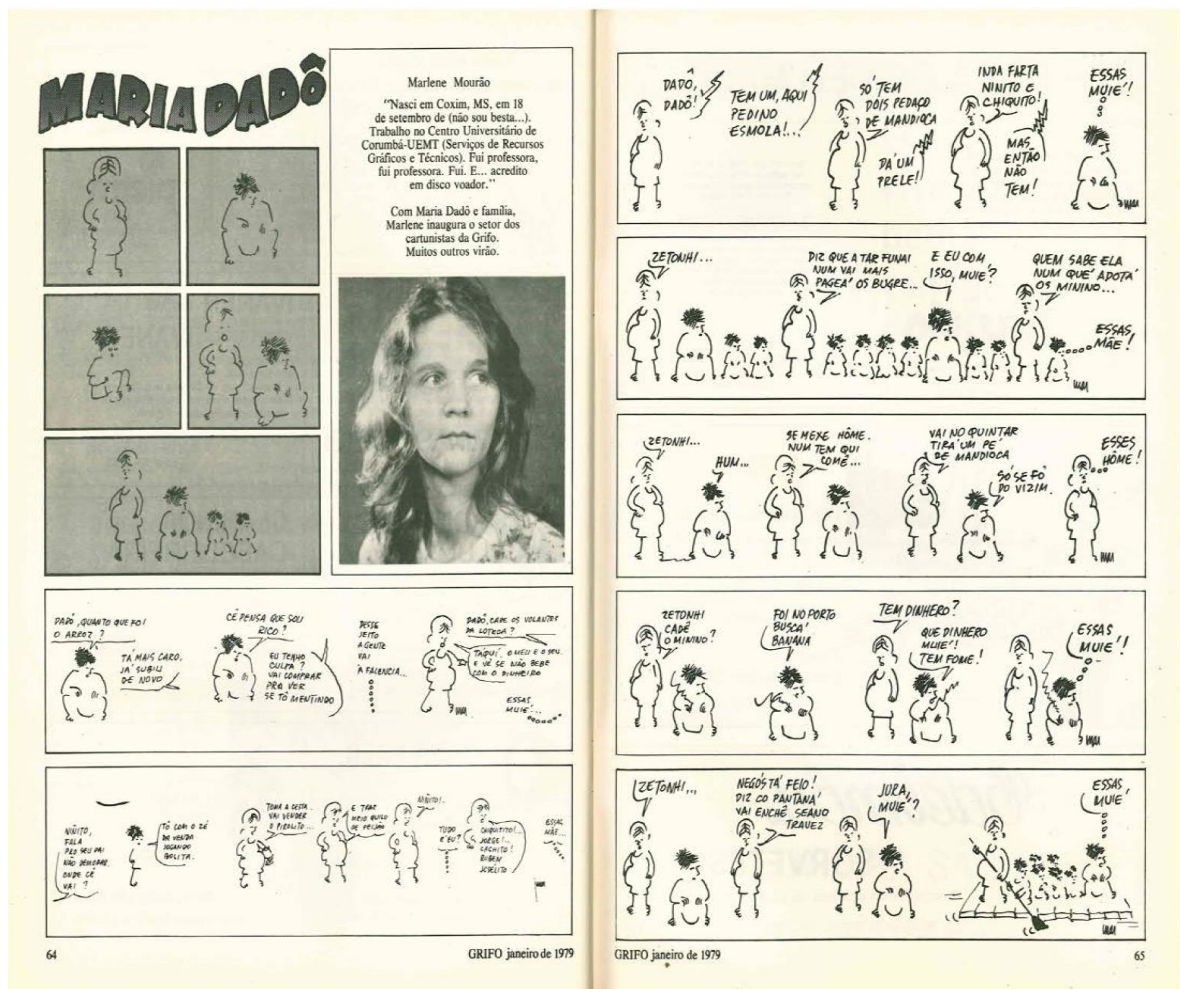
Fonte: Revista *Grifo*, edição n. zero de Janeiro de 1979, Entrevista da revista *Grifo* com críticos culturais sobre a Cultura de MS, nas páginas 40 – 44.

### 3.1.1 – Humor: as tirinhas de Marlene Mourão

A revista de lançamento apresenta também a cartunista e escritora corumbaense de coração, Marlene Mourão, conhecida carinhosamente como *Peninha*, professora de formação, mas artista por vocação, que criou a personagem caricata *Maria Dadô*, que passaria a partir daí fazer parte, com exclusividade, da sessão de humor das edições das revistas *Grifo*. Assim

como de costume nos demais segmentos do gênero, sua arte teve lugar de destaque e ficaram reservadas as últimas páginas nas edições da Revista *Grifo* para deleite de seu público.

**FIGURA 8 – A cartunista Marlene Mourão**



Fonte: Revista *Grifo*, edição n. zero, de Janeiro de 1979, nas páginas 64 e 65. Apresentação da cartunista oficial da Revista *Grifo*, Marlene Mourão e sua personagem *Maria Dadô*

No livro infantil *"Pacu: era um peixe que vivia feliz nas águas do Rio Paraguai"*, de 2002, Marlene Mourão alia literatura aos desenhos, encantando crianças e adultos.

Uma das articuladoras da *Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida no coração do Pantanal*, participou do Pacto pela Cidadania por meio do *Movimento Viva Corumbá*, na luta pelo Trem do Pantanal e também em defesa do rio Paraguai, quando coordenou a recém-fundada *Organização de Cidadania, Cultura e Ambiente (OCCA)*. Durante a 5ª edição do Festival América do Sul, em 2008, Marlene Mourão foi uma das cinco personalidades homenageadas no evento que reúne artistas de grande expressividade dos

países sul-americanos. As obras também trazem forte apelo em defesa do meio ambiente, sobretudo do Pantanal.

A personagem Maria Dadô, criada pela artista plástica Marlene Mourão, a “Peninha”, teve suas tirinhas publicadas toda sexta-feira pelo **Diário Corumbaense**, do ano de 2007 até o ano de 2015. Em 2010, virou alvo de estudos acadêmicos, pois o jeito peculiar de falar que identifica o pantaneiro, o corumbaense chamou a atenção da professora doutora Rosângela Villa da Silva, da UFMS – Universidade federal de Mato Grosso do Sul, que resolveu utilizar as tirinhas para demonstrar aos alunos da graduação em Letras como o meio social interfere na linguagem das pessoas.

Como pudemos observar, após quase 30 anos esquecidas nos fundos de alguma gaveta, as tiras engraçadas e satíricas de Maria Dadô vão parar em um livro. A cartunista e escritora Marlene Mourão publicou seu livro *Mariadadô – o livro*, junto a Scortecci Editora no ano de 2012.

**FIGURA 9 – Maria Dadô, por Marlene Mourão**



Fonte: Revista *Grifo*, edição n.01, de Março de 1979, página 65. Cartum da artista Marlene Mourão, apresentando a temática da fome.

Antes, como ressalva à abordagem da arte cartunista de Marlene Mourão em nossas pesquisas, cabe informar qual a intenção que produz os *cartoons* aqui apresentados. No artigo intitulado “*Brief Communication – Cartoons as information*”, do *Jornal de Informação Científica*, do inglês *Sage Journal*, as escritoras finlandesas Marian Ginman e Sarah von Ungern-Sternberg comentam sobre o gênero *cartoon*:

... a informação em forma de imagem foi mais eficiente em situações onde ela precisa de ser recebida, lembrada e que é difícil de ser entendida. As vantagens em distribuir informação sobre a forma de imagem, torna-se ainda

mais pronunciada se a memória for testada mais tarde. A informação visual parece exigir menos repetição para ficar na memória durante longos períodos de tempo. A informação visual também provou ser particularmente útil quando a população recetora está menos motivada em receber a mensagem (Ginman, 2003, p.70).

Geralmente, os cartunistas apelam para o humor ao transmitirem informações ao seu público leitor, satirizando questões sociais, culturais ou políticas da sociedade a qual pertence.

Sírio Possenti afirma que “O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]” (POSSENTI, 1998, p.49). Segundo Possenti (1998), fazer humor é umas das características desse gênero textual e isto o torna não somente uma atividade jornalística, por ser publicado em jornais ou revistas, mas podendo ser considerado uma atividade lúdica. O gênero textual do cartum, pela flexibilidade e leveza com que apresenta seus textos, está permitido a ser satírico tanto através da imagem como da linguagem verbal. Nesse caso, o humor é realizado pelas referências de mundo que o locutor possui e que é semelhante ao do leitor. E essas referências farão com que o leitor encontre caminhos suficientes para chegar à construção das ideias satirizadas pelo cartunista.

Percebemos que a intenção de Marlene Mourão apresenta a necessidade de criticar, de trazer à tona questões importantes e relevantes que muitas vezes são deixadas de lado, através das mensagens implícitas, ou às vezes não, que dão oportunidade de levar seu público à reflexão, com mensagens que podem ou não influenciá-lo.

Sobre o *humor*, Possenti (2010) faz uma complexa interpretação, através das funções e simplicidade que o mesmo exerce:

O humor [...] tem suas regras, seu universo, suas funções. Haverá certamente alguma relação com a realidade, mas construída segundo as regras do humor, análogas às da ficção. Nem retrata, pois não tem pretensões sociológicas, nem prega diretrizes, pois não tem função educativa ou moralizante. Contudo, não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturizando-os, ridicularizando-os) [...]. E os leitores ou ouvintes fazem com isso o que lhes der na telha – segundo seus valores e ideologias. (POSSENTI, 2010, p.179).

Por meio da genuinidade de suas ilustrações, a cartunista Marlene conseguiu transmitir emoções e provocou reações em seu público leitor, apresentando com um humor satírico as questões sociais da mulher pantaneira daquela época. Marlene buscava apresentar, de maneira irreverente e até mesmo engraçada, as mazelas pelas quais a mulher pantaneira e de baixa renda do Mato Grosso do Sul vivia.



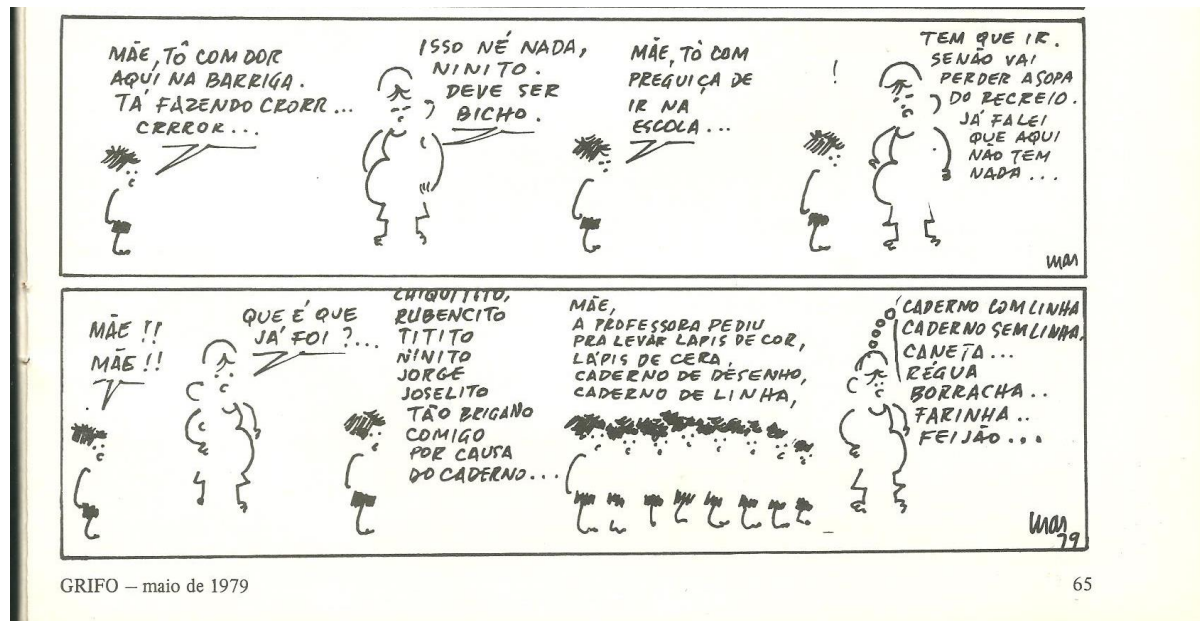
A personagem Maria Dadô, já traz em seu nome uma característica do modo de falar regional, que utiliza a junção de palavras, a começar pela supressão do nome Maria das Dores (Maria Dadô). Aparenta ser uma mulher que, mesmo em idade balzaquiana, está grávida, devido à figura de sua barriga proeminente; que utiliza vestimenta simples e linguajar brejeiro; é casada, mãe de muitos rebentos; está sempre a reclamar das dificuldades da vida. A personagem consegue dizer coisas sem ao menos falar muito, pois suas breves respostas, curtas e grossas representam seu jeito matuto de ser. Outra personagem corrente nos quadrinhos de *Dadô* é a figura engraçada de Zetonhi, marido preguiçoso de *Maria Dadô*.

Por mais ingênuas que as tirinhas pudessem parecer, traziam assuntos contextualizados com a realidade que estavam vivendo na época, fossem questões políticas, de meio ambiente ou outros temas. A cartunista Marlene Mourão, em entrevista concedida ao Diário Corumbaense, de 18 de maio de 2007, alega que “se a gente registrava, era por que o fato mexia com o povo” (MOURÃO, 2007, p.01). Segundo matéria publicada no jornal Diário Corumbaense, em 18 de maio de 2007:

A estrutura empregada nas tirinhas foi inovadora, pois Peninha preferiu não utilizar quadros para separar as cenas. Traços do temperamento de Dadô podem ser percebidos pela postura com a qual aparece diante do marido. Sempre em pé, ela se impõe diante do pacato Zetonhi que prefere a posição do espectador. Sentado, inerte, a não ser, entre uma tira e outra, pelo cigarro entre os dedos, o marido é a figura ideal para destacar, entre os diálogos, a personalidade da pantaneira [...] (GAERTNER, 2007).

Além da mulher de personalidade forte, do esposo Zetonhi, são citados os nomes de alguns de seus muitos filhos: Niñito, Chiquitito, Jorge, Cachito, Rubem, Josélito... Veremos a seguir, a sequência de parte das tirinhas que Marlene Mourão apresentou à Revista *Grifo*, em cada uma de suas edições, todas elas trazendo, numa dose de humor e ironia exatos, as dificuldades enfrentadas pela família pantaneira de baixa renda, como a fome, a falta de recursos para os filhos, as cheias dos rios, entre outras.

FIGURA 10 - Maria Dadô - Revista *Grifo* – Maio de 1979.



GRIFO – maio de 1979

65

Fonte: Revista *Grifo*, edição n. 02 de Maio de 1979, página 65.

Nas duas tiras acima, estão representadas as realidades vividas por muitas famílias de baixa renda, não somente no ano de 1979, onde estão ambientadas as tirinhas, mas nos dias atuais também. As tiras retratam a miséria com a qual Maria Dadô tem que conviver diariamente com seu marido e filhos. Na primeira tira, o filho de Dadô alega estar com dor na barriga, suprimindo a ideia de fome. Em seguida, utiliza essa ‘dor’ para se esquivar da obrigação de ir à escola. Logo, sua mãe o remete à sua reclamação, dizendo que não poderia faltar na escola, pois perderia a única chance de sanar sua ‘dor’ de barriga, com a sopa do recreio, fazendo referência à merenda escolar, deixando ao leitor a dedução de que essa seria a única fonte de alimento para o filho naquele momento.

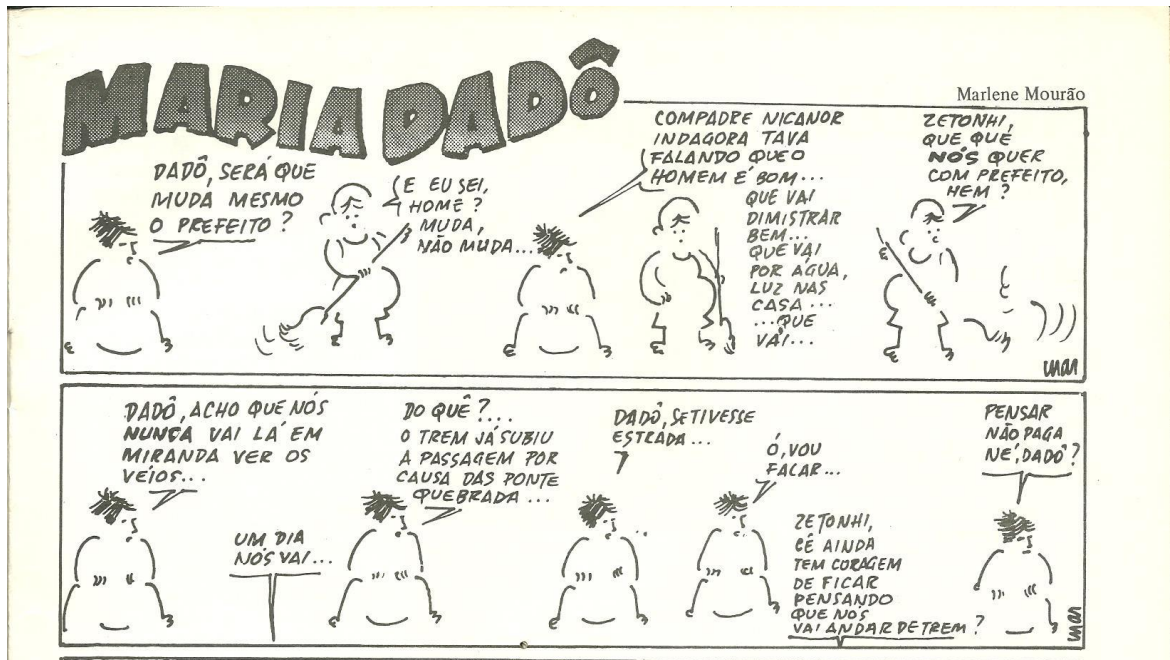
A tira seguinte apresenta ao leitor/ouvinte o desespero da mãe Maria Dadô quando seus muitos filhos reivindicam o material escolar. Maria Dadô, mentalmente faz uma lista das necessidades escolares dos filhos, acrescentando o que deveria ser básico em sua dispensa, mas que, ao que tudo indica não é, farinha, feijão... Há uma crítica camuflada à política da época nas lamúrias da personagem. Mas, não cabe a nós essa discussão, nem mesmo a análise dos discursos de cada fala, assunto que renderia muitas laudas, para quem sabe num outro momento, uma nova linha de pesquisa. Para esse trabalho de pesquisa, ficamos com a apreciação do trabalho eloquente e irreverente da escritora que, a seu modo irreverente, soube deixar o registro da história através do humor.

FIGURA 11 -Maria Dadô – Junho de 1979.



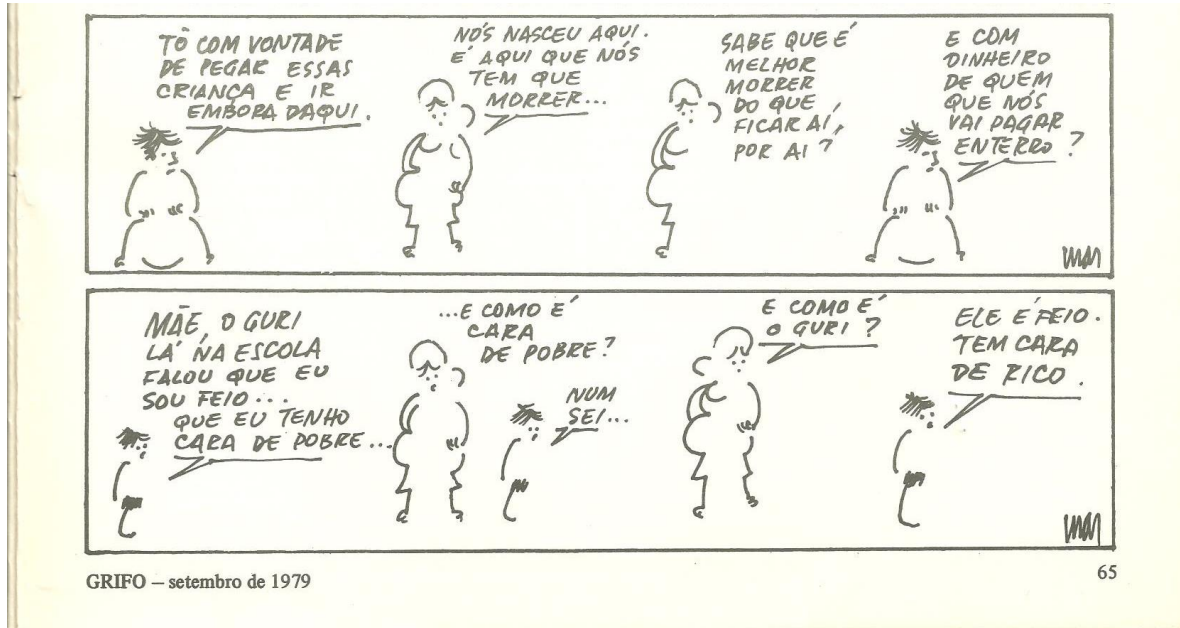
Fonte: Revista Grifo de edição n.03 de julho de 1979, página 65.

FIGURA 12 – Maria Dadô – Agosto de 1979.



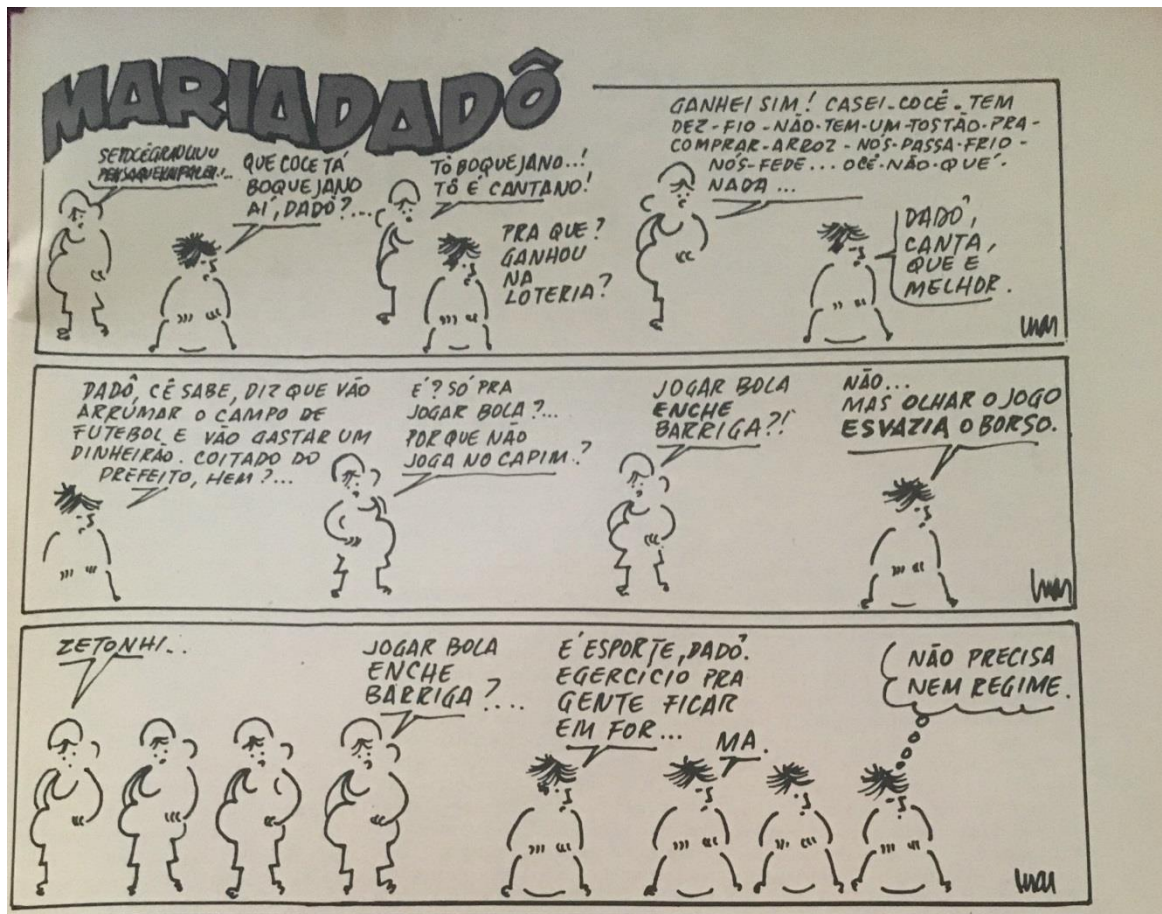
Fonte: Revista Grifo, edição n. 04 de Agosto de 1979.

FIGURA 13 – Maria Dadô – Setembro de 1979.



Fonte: Revista Grifo, edição n. 05, de Setembro de 1979.

FIGURA 14 – Maria Dadô – Setembro de 1979





### 3.1.2 – Cinema em Campo Grande

Anunciada como a **primeira edição da Revista Grifo**, a revista de número um (01) foi lançada nas bancas no mês de Março do ano de 1979. Esta edição trouxe como manchete “Mato Grosso do Sul – Uma nova constituição vem aí!”, onde mais abaixo instigava seus leitores a responderem: “*O que a gente vai ganhar com isso?*”. Nas páginas destinadas à entrevista sobre a matéria da capa, alguns dos deputados eleitos para representar o cidadão de Mato Grosso do Sul, falam sobre sua participação e seus projetos para a nova Constituição Estadual. Há uma reportagem sobre o turismo na Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. Uma entrevista com Dom Thomás Balduino, sobre a questão da luta dos índios Xavantes, das páginas 28 até a 32. São 66 páginas ao todo, com o preço de capa de 25 cruzeiros.

Destaque para o cinema na área do entretenimento, nas páginas finais da revista, que aborda temas sobre Arte e Cultura através do Cinema Nacional em Campo Grande. Descreve a mostra de cinema, com o filme “Tudo bem”, de Arnaldo Jabor, que se encontrava em cartaz no, agora extinto, Cine Plaza, dos dias 22 a 27 de Março de 1979. O cineasta Arnaldo Jabor, que já dirigiu filmes consagrados, como “Toda Nudez Será Castigada” e “O Casamento”, começou a se empenhar numa temática nacional, conforme os críticos, desde o seu primeiro longa metragem, “Opinião Pública”, rodado em 1967.

FIGURA 15 – Cinema Nacional em MS

# TUDO BEM

Um novo filme sobre a classe média brasileira

Campo Grande vai assistir ao filme nacional mais comentado do momento: "Tudo Bem". Uma fita de Arnaldo Jabor, consagrada com o título de "melhor filme do ano" em duas premiações, no Festival de Brasília e no prêmio Air France de cinema. Nesta última premiação, recebeu também a laurea de melhor direção e de melhor atriz (Fernanda Montenegro).

O filme procura apresentar a realidade brasileira, com seus múltiplos aspectos reunidos dentro de um apartamento de Copacabana. Na tentativa de isolar-se dos problemas da população do resto do País, Juarez Barata (Paulo Gracindo) e sua mulher Elvira (Fernanda Montenegro) encabeçam uma família cujo consenso é a alienação. Cada um de seus membros tem suas fantasias: a filha busca obstinadamente um marido; o filho, Relações Públicas de uma multinacional, desconhece qualquer comportamento moral; a mãe, por sua vez, vive atordoada com um caso imaginário de adultério, que seria praticado pelo marido. Ele, funcionário aposentado, passa horas cuidando de seus pássaros empalhados ao som de gravações da floresta amazônica ao mesmo tempo em que repassa suas ilusões políticas escrevendo aos jornais, cartas de alerta contra os perigos que ameaçam as instituições.

Tudo desmorona, no entanto, quando uma das empregadas recorre à prostituição ao passo que a outra se transforma numa curandeira, trazendo um contingente infidável deromeiros para dentro de casa. Não bastasse, a família Barata toma contato com a classe operária e seus problemas, através dos trabalhadores que reformam o apartamento.

A família Barata, desta forma, corporifica o sistema de alienação que tomou grande vulto na época do "milagre brasileiro" — o tempo do "Tudo Bem" — e que se mantém em seus traços gerais até hoje. Jabor, no entanto, não acredita que esta situação se mantenha eternamente. Por isso, o tom humorístico do filme: Se "Tudo Bem" fosse solene cairia no ridículo, pois solenidade rima com eternidade. O humor é a prova do efêmero", declarou ele à Revista Veja.

Jabor, que já dirigiu filmes consa-

gem realizado por Tânia Quaresma, sobre a música popular tradicional do nordeste.

Dia 31/3 — *Navalha na Carne*, de Adolfo Chadler, baseado na peça teatral de Plínio Marcos.

Dia 7/4 — *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos, baseado na narrativa de Guimarães Rosa.

Dia 14/4 — *A Grande Cidade*, de Carlos Diegues, que mostra as dificuldades enfrentadas por pessoas que vão tentar a vida no Rio de Janeiro.

Dia 21/4 — *Compasso de Espera*, de Antunes Filho, sobre a problemática do negro na sociedade urbana brasileira.

Dia 28/4 — *Undi, um índio à procura de Deus*, de Gustavo Dahl, que enfoca o choque da cultura indígena com a sociedade moderna envolvente.

## O jornalismo da TV Morena está mudando

A TV Morena, canal 6 de Campo Grande, entrou em 1.979 com uma série de mudanças em sua programação local, particularmente na área do telejornalismo.

Desde o dia 5 de janeiro, o Jornal Nacional vem trazendo aos telespectadores de todo o Mato Grosso do Sul um noticiário regional editado em Campo Grande. E já não era sem tempo, pois a população deste Estado sabia mais sobre os problemas cariocas (falta de água, metrô, praias poluídas, etc.) do que os fatos que aconteciam aqui mesmo, na capital e no interior.

A equipe de reportagem — Tereza Cristina, Fábio Rodrigues e Pio Lopes — sob a chefia de Isaias Pereira, vem trabalhando para garantir ao telespectador um noticiário bem elaborado e dinâmico. Apresentado por Pedro Dobes, o Jornal Nacional Regional está com duração de aproximadamente cinco minutos. Mas dentro de algumas semanas a Rede Globo vai eliminar essa parte do Jornal Nacional em todo o País. E será criado o "Jornal das Sete", com cerca de dez minutos, onde toda a informação regional deverá ser veiculada, sob a responsabilidade de cada emissora.

Também foram atingidos por essas mudanças o Jornal Hoje (levado ao ar ao meio-dia), que está com programação local desde janeiro, e o programa Roda Viva, que passará a ser transmitido diariamente na hora do almoço.



## Cinema nacional em Campo Grande

Para trazer ao público campograndense os filmes de grande valor cultural que dificilmente são exibidos nos circuitos comerciais da região, está reiniciando suas atividades o Cine-clube dos diretores DAFEZ E DAJS, da FUCMT, com uma programação inteiramente dedicada ao cinema nacional.

As projeções, com entrada franca, serão todos os sábados, às 15 horas, na sala 206 do Bloco "A" da FUCMT, na Avenida Mato Grosso. Os organizadores pretendem realizar debates após cada sessão, pois o objetivo do cine-clube é ser ao mesmo tempo uma opção de lazer e um ponto de encontro para trocas de idéias.

Ainda sujeito a alterações, o programa de março e abril é o seguinte:

Dia 10/3 — *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, baseado no livro de Graciliano Ramos.

Dia 17/3 — *O Amuleto de Ogum*, também de Nelson Pereira dos Santos, que enfoca a realidade da população marginalizada das grandes cidades.

Dia 24/3 — *Nordeste, Cordel, Repente e Canção*, documentário de longa metra-

GRIFO — março de 1979

61

Fonte: Revista *Grifo* – Edição n.01 de Março de 1979 - Reportagem sobre o Cinema Nacional em Campo Grande

Além deste filme, outros do Cinema Nacional ganharam notoriedade neste mês de Março de 1979, na cidade de Campo Grande. Para trazer ao público campo-grandense os

filmes de grande valor cultural que dificilmente são exibidos nos circuitos comerciais da região, se reiniciou as atividades o Cine Clube dos diretórios DAFEZ e DAJS, da FUCMT, com uma programação inteiramente dedicada ao cinema nacional. Segundo os relatos de Maria da Glória Sá Rosa, em “Memória da Arte em MS – Histórias de Vida” (1992), o responsável pela direção do Cine Clube em Campo Grande neste período foi João José de Souza Leite, advogado de formação, que também atuou como Secretário Estadual de Trabalho de Mato Grosso do Sul, no governo de Wilson Martins.

O nosso Cine Clube, cujos adeptos eram poucos, mas bastante atuantes, como Emílgio Cândido e Silva, Onilda Ouvires, Heitor Miranda Santos, funcionava em salas cedidas pela Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras. Tinha somente uma estante que a professora Glorinha mandou fazer, na sua gestão, e que lá se encontra até hoje. Possuíamos apenas uma máquina projetora, doada pelo então prefeito de Campo Grande, Plínio Barbosa Martins. (LEITE, in: ROSA, 1992, p.289)

As projeções foram exibidas todos os sábados de março e abril de 1979, com entrada gratuita, às 15:00 horas, na sala 206 do Bloco A da FUCMT, edificado na época na Avenida Mato Grosso. Após cada sessão, foram realizados debates a respeito dos tópicos abordados nos filmes, pois os organizadores acreditavam que ao mesmo tempo que o Cine Clube era uma opção de lazer, poderia também ser um ponto de encontro para trocas de ideias. Prova disto foram os frutos gerados por essa iniciativa, como observamos nos relatos das pesquisas do prof. da UFMS, José Carlos Ziliani:

...a Jornada Nacional de Cineclubes em 1980, resultante de anos de trabalho 9poiuytcultural gerido pelo Cine Clube de Campo Grande. O evento reuniu em Campo Grande, nas instalações da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, representantes do movimento cineclubista de todo o Brasil, momento em que foram discutidas propostas políticas do movimento e contou com a presença de nomes importantes da cultura e do cinema nacionais. Ressalta-se a pré-estréia do filme *O Homen que Virou Suco*, de João Batista de Andrade e a presença do diretor do MASP (Museu de Arte de São Paulo) Pietro Maria Bardi. (ZILIANI, 2006, p.101)

A programação da mostra de cinema exibida no período de março a abril do ano de 1979 contou com clássicos da Literatura Brasileira.

**FIGURA 16 - PROGRAMAÇÃO CINE-CLUBE – Ano de 1979**

-Dia 10/03/1979	“Vidas Secas”, de Nelson Pereira dos Santos, baseado no livro de Graciliano Ramos.
-Dia 17/03/1979	“O Amuleto de Ogum”, também de Nelson Pereira dos Santos, que enfoca a realidade da população marginalizada das grandes cidades.
-Dia 24/03/1979	“Nordeste, Cordel, Repente e Canção”, documentário de longa metragem realizado por Tânia Quaresma, sobre a música popular tradicional do nordeste.
-Dia 31/03/1979	“Navalha na Carne”, de Adolfo Chadler, baseado na peça teatral de Plínio Marcos.
-Dia 07/04/1979	“A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, de Roberto Santos, baseado na narrativa de Guimarães Rosa.
-Dia 14/04/1979	“A Grande Cidade”, de Carlos Diegues, que mostra as dificuldades enfrentadas por pessoas que vão tentar a vida no Rio de Janeiro.
-Dia 21/04/1979	“Compasso de Espera”, de Antunes Filho, sobre a problemática do negro na sociedade urbana brasileira.
-Dia 28/04/1979	“Uirá, um índio à procura de Deus”, de Gustavo Dahi, que enfoca o choque da cultura indígena com a sociedade moderna envolvente.

Fonte: Revista *Grifo* – Edição n.01 de Março de 1979. Cronograma da Mostra de cinema, em Campo Grande.

### 3.1.3 – O Grupo Acaba

Eu acho que a nossa linguagem é a linguagem pantaneira, do caboclo, é a linguagem indígena...Temos hoje quase sessenta composições com esse tema que é o Pantanal, o Índio...  
(Grupo Acaba - *Grifo*, 2ª ed., maio de 1979.)

Nesta mesma edição, há uma reportagem sobre o 1º Festival Sul Mato Grossense da Canção, que iria contar com a participação de mais de 200 músicas de artistas de vários outros estados também. Mais adiante, nas análises das páginas da Revista *Grifo* de número 01, haverá uma reportagem sobre a música pantaneira e sobre os vencedores deste concurso. O 1º FESSUL, como ficou reconhecido, representou também uma nova abertura para a TV Morena, tevê de canal aberto da região, que passou a apresentar todos os sábados um programa musical.

O professor Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, em seu texto “Notas sobre Divisionismo e Identidade em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul” (QUEIROZ, 2007), apontou algumas questões em relação à inquietude de alguns setores do governo, após a criação do novo Estado, em construir uma identidade ou mesmo retomar outras já experimentadas. (QUEIROZ, 2007, p.153). É relevante que abordemos sobre a questão da produção musical

no início da formação do novo Estado, justamente por sua corroboração com o que muitos acreditavam ser a construção da identidade sul mato-grossense.

Ao estabelecer uma referência para compreender e atuar a cultura, Maria da Glória Sá Rosa, diretora Executiva da Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos afirmou que:

[...] Além de serem trazidos valores de fora do nosso Estado, para que mostrem seus trabalhos, proporcionando assim maior enriquecimento cultural à população mato-grossense, grandes serão os projetos de atendimento cultural e artístico do novo Estado. [...] necessário que o Estado promova espetáculos artísticos e culturais para o povo, de forma acessível, conscientizando-os assim para a cultura e a arte (MS CULTURA, 1986, p. 41-2).

Neste contexto e no âmbito musical surge o “Grupo Acaba” - *Associação dos Compositores Anônimos do Bairro Amambaí* – e alguns nomes como os de Almir Sater, Paulo Simões e a família Espíndola, entre outros. Além deles, artistas como Geraldo Roca e Aurélio Miranda, que não são o que chamam aqui de “filhos da terra”, escolheram fixar residência e construir uma carreira artística em Mato Grosso do Sul.

Nesta mesma edição há a divulgação do sucesso que Tetê Espíndola e os Lírios Selvagens, grupo formado pela artista e seus irmãos, vêm fazendo com sua turnê “O Canto e as Cores do Mato Grosso” pelas principais cidades de Mato Grosso do Sul e comunicando que em seguida, concluirão a turnê pelo interior do estado de São Paulo.



**FIGURA 17 – Tetê Espíndola e os Lírios Selvagens com Almir Sater**



**TETÊ E O LÍRIO SELVAGEM** começam a viajar pelo interior com o show “O Canto a Cores do Mato Grosso”, produzido por Guillermo Fowler, com a participação de Almir Sater e cenário de Sebastião da Costa. Com um repertório composto de músicas inéditas e as gravadas no primeiro LP do grupo, Tetê, Alzira, Geraldo e Celito cantarão nos dias 15 e 16 no Teatro Dom Bosco, em Campo Grande, seguindo depois para Dourados (dia 17), Corumbá (dia 24), Cuiabá (dia 26), e em abril farão uma grande excursão pelo interior de SP.

Fonte: Revista *Grifo* – Edição n.01 de Março de 1979. Sobre 1º FEISSUL de Música.

Na sequência de nosso trabalho, temos a **revista *Grifo* de edição nº 02**, que apresenta em sua capa, como observamos abaixo, a imagem de uma mãe cuidando do filho, chamando atenção do leitor com o título “Trabalho de mãe. Quanto custa?” e no que se refere à representatividade literária e cultural que a edição traz na sessão Arte e Cultura, em especial, uma entrevista com o escritor e poeta Manoel de Barros.



**FIGURA 18 – Capa da *Grifo* da edição de nº 02**



Fonte: Revista *Grifo*- Capa da edição de Maio de 1979.

Dando sequência à pesquisa, esta edição também retoma o assunto do FEISSUL – Festival de Música e apresenta os nomes dos grandes vencedores do 1º FEISSUL o qual já havíamos mencionado para destacar a importância da música regional Pantaneira.





pintei meu corpo  
Com rabo de canastra fiz flauta  
Pra ter meu cantar

Pesquei pirarucú  
Com arupema e cipó-t imbó  
Mandioca braba, inhame e cará plantei  
Pra alimentar meu corpo

Aruanã-Hetô foi invadido  
Meu colar, meu tacape, minhas armas  
Não fazem mais sentido

Nada vive muito tempo  
Só a terra e as montanhas  
Vem ver o que resta do seu povo,  
Kananciuê

Vem Jurumá expulsar Anhanguera  
Jaci, Tupã, Filhos de Kananciuê  
Ninguém quer mais a paz do que eu  
na caminhada final  
Cante comigo o seu canto  
Grite comigo o meu grito  
Aruanã-Hetô  
Mixte-Purú  
Kananciuê  
Tacape, cocar, mangaba, cajá. (GRUPO ACABA, 1979.)

O “Grupo Acaba” foi eleito como representante da música regional por ter incorporado em suas músicas elementos pantaneiros, como o índio, o fazendeiro, o vaqueiro, a fauna e a flora. Segundo as pesquisas de ZILIANI (2006), em seus shows apresentavam uma rica indumentária que fazia alusão a esses valores. Sá Rosa afirma sobre eles que:

[...] da vivência no Pantanal, de onde se originam seus dois líderes Chico e Moacir, brotou uma produção, que mergulha fundo no sentimento humano. O herói, tanto pode ser o índio, como o vaqueiro, na luta contra as enchentes, a morte dos animais [...] Caminhando por entre as tradições indígenas, as lutas fratricidas pela posse de terra [...] fazem parte do painel de registro das contradições de Mato Grosso do Sul (ROSA, 1992, p.111).

Moacir Lacerda, um dos líderes do Grupo Acaba, conhecido também como Duda, em entrevista a Sá Rosa analisa todo o contexto da cultura do Estado no momento de sua criação e fala sobre sua posição sobre a cultura e a produção cultural, do sucesso com a música Kananciuê:

Foi o primeiro trabalho que fizemos em torno dos índios e aconteceu no momento em que o Estado buscava suas raízes, sua identidade cultural. [...]

Os anos 79/80, repito, foram de grande florescimento para as nossas artes. Não só a música, mas as artes plásticas, a poesia, o teatro receberam o maior incentivo [...]. (LACERDA, 1992, p.120-2).

O publicitário e escritor André Luiz Alvez publicou um artigo para o jornal Correio do Estado em 12/12/2013, no qual e descreve a emoção sentida, quando ainda menino no ano de 1979, viu o grupo Acaba se apresentando com a música “Kanaciuê”. Anos se passaram até que na última semana do mês de Novembro do ano de 2013 o Grupo se apresentaria na Praça da República, em São Paulo:

Aquele não foi um dia comum, mas o momento que tanto esperei, o aguardado reencontro com os canta as dores do Pantanal. “Nada vive muito tempo, só a terra e as montanhas.” No palco os homens de branco entoavam canções que faziam meu corpo inteiro arrepiar. “Ninguém quer mais a paz do que eu na caminhada final.” Não era frio, era emoção, o sangue pantaneiro correndo nas minhas veias e dilacerando o coração, pulso forte, ritmado, a cada melodia, a cada verso. “Mandioca braba, inhame, cará plantei pra alimentar meu corpo”. [...]Quando pude conversar com o Vandir, vocal principal da banda, a pergunta que lhe fiz foi: o quê significa Kanaciuê? E ele respondeu sem muitos rodeios: “Deus criador para a tribo Bororo, respeitado e adorado como um sol.” Agora tudo estava claro, é a divindade para os antigos donos da terra: “Cante comigo o seu canto, grite comigo o meu grito: “aruana-hetô, maxte puru Kanaciuê”, repeti completamente tomado pela emoção. (ALVEZ, 2013).

O Grupo Acaba participou ainda do Projeto Pantanal, patrocinado pelo Governo do Estado novo, que no decorrente ano de 1979 custeou o grupo durante turnê por várias cidades em Mato Grosso do Sul para divulgação de seu trabalho sobre a cultura sul mato-grossense, através de sua música regional.

### **3.1.4 – Literatura e outras artes em MS**

Falar sobre um dos ícones da poesia em Mato Grosso do Sul e um dos principais escritores da Literatura Brasileira, requer cuidado para não cair em redundância no que diz respeito à sua genialidade com as palavras. Manoel de Barros (1916 – 2014), que traz no conjunto de sua obra mais de 20 livros, dedicou-se inteiramente à atividade da poesia. Com seu jeito peculiar de escrever e expressar-se em palavras, a poesia de Barros lança um olhar para os elementos inúteis, enxergando neles possíveis relevantes sentidos. O escritor fez parte da geração de 45, onde despontaram os grandes poetas brasileiros da metade do século XX,

construiu uma linguagem inovadora, repleta de neologismos e, ao mesmo tempo, remete a língua portuguesa às suas raízes mais profundas.

### FIGURA 20 – O poeta Manoel de Barros



Fonte: Revista *Grifo* – O escritor Manoel de Barros entrevistado por José Octávio Guizzo, p. 50 – 53.

Em 1937, tem seu primeiro livro de poesias publicado, “Poemas concebidos sem pecado”, que já apresentava, segundo os críticos, traços da poesia moderna. Nesta obra o autor já mostra uma de suas características mais marcantes, a experimentação das palavras. Dentre os poemas do livro, destaque para *Cabeludinho*, considerado o mais famoso do livro.

“Considero meu primeiro livro ‘Poemas concebidos sem pecado’, que elaborei em plena consciência do fazer poético. É um livro que muito prezo. Todos os meus livros têm muito de surpresa, aliás é a surpresa que faz a graça da poesia. Um amigo meu observou que em meus versos a palavra sai fora do contexto comum[...] Tenho essa facilidade de criar surpresas com as palavras. Nos títulos, eu capricho, porque sei que toda vez que uma frase se desvia da sintaxe está aberto o caminho da poesia” (BARROS, 1989 apud ROSA, 1992, p. 55).

Nos idos do ano de 1979, numa entrevista concedida à Revista *Grifo*, na edição de n.02, ao crítico literário e um dos idealizadores de *Grifo*, José Octávio Guizzo, o escritor e poeta Manoel de Barros, aparece num momento de bastante descontração, como podemos observar nas fotos das figuras 13 e 14 mais adiante. Guizzo (1979) elevou Manoel de Barros ao status de grande poeta ao iniciar sua reportagem e ao mesmo tempo fez uma crítica a equipe de gestão do Governo de MS e às instituições cabíveis sobre a ausência de grandes estudos a respeito da obra de Barros, como se ao mesmo tempo profetizasse o que viria a acontecer anos depois,

[...] Se os homens públicos possuíssem alguma clarividência intelectual as obras de Manoel de Barros já deveriam de há muito estar reeditadas; frequentando as nossas bibliotecas; sendo estudadas pelas nossas jovens e a sua figura conhecida em seu Estado natal. Infelizmente a realidade não é essa. [...] Num Estado onde impera a ausência de realizações culturais, sufocando toda e qualquer motivação individual, Manoel de Barros se fez poeta pela simples razão de ter nascido poeta. (GUIZZO, 1979, p. 50)

Atualmente, Manoel de Barros tem toda sua obra designada a estudos por copiosos trabalhos acadêmicos. E nem sempre foi assim, como pudemos observar nas palavras de José Octávio Guizzo, o poeta estava inserido num contexto histórico marcado pelo desinteresse do grande público em relação ao gênero poético.

Guizzo inicia a entrevista com uma pergunta pertinente até os dias atuais, aquela sempre indagada por seus leitores: como foram os preâmbulos da vida imersa na literatura, no fazer de poemas? Quais elementos influenciaram em sua formação poética? Manoel de Barros, com sua figura de homem honesta, de posições definidas responde sem titubear, usando inclusive a fala poética em sua resposta:

Acho que foi minha inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego defecando e o faz pela metade. Do que eu poderia dizer resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, o que me deixa um saldo mortal de angústia. [...] Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar. (BARROS, 1979, p.51)

Dando continuidade à entrevista, que mais parecia uma prosa despretensiosa entre dois velhos conhecidos, Barros (1979) prossegue com sua fala sobre si mesmo, explicando sobre os elementos que o influenciaram em sua formação, que além de sua inaptidão para o diálogo, “talvez um sentimento dentro de mim do fragmentário, laços rompidos, o esboroo da crença

ainda na adolescência, saudade de Deus e de casa, ancestralidade bugra, nostalgia da selva, sei lá. Necessidade de reunir esses pedaços decerto fez de mim um poeta” (BARROS, 1979, p. 51).

A obra do poeta Manoel de Barros se associa às expressões essenciais do homem pantaneiro. Os traços poéticos que identificam sua obra são constituídos a partir do meio que o cerca, o Pantanal, a sua comunhão com a natureza, uma vez que ao retratar os pássaros do Pantanal, por exemplo, Barros não parte de um espaço não real, e sim da própria realidade construída a partir do que lhe é próprio.

Ainda sobre a entrevista concedida à Guizzo (1979), o poeta dialoga sobre a necessidade da poesia para lembrar aos homens “o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas”. (BARROS, 1979, p.53) E quando questionado sobre as funções da poesia,

Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para ela novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões, que estão morrendo cariadas, corroídas pelo uso em clichês. Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso, a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs. (BARROS, 1979, p. 53)

Podemos observar que Barros consegue olhar o mundo sob outras perspectivas, buscando ser original através de uma construção que lhe é própria, e por suas palavras poéticas provoca o interesse em seu público leitor, que termina por conhecer outros mundos que por ventura existam. A matéria de sua poesia “é tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, é também matéria de minha poesia, eu já disse” (BARROS, 1979, p. 53).

## FIGURA 21 – Entrevista com Manoel de Barros

Guizzo – Como é que começou a fazer poesia; que elementos influenciaram a sua formação poética?

Manoel – Acho que foi minha inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Sujeito complicado, se vou falar, uma coisa me bloqueia, me inibe, e eu corto a conversa no meio, como quem é pego defecando e o faz pela metade. Do que eu poderia dizer resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, o que me deixa um saldo mortal de angústia. Mesmo desde guri, no colégio, descobri essa barreira em mim que não posso vencer. Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar. Assim mesmo sem linearidade, por tranços, por sugestões, ambíguo – como requer a poesia.

Sobre elementos que influenciaram a minha formação, agora essa inaptidão para o diálogo, talvez um sentimento dentro de mim do fragmentário, laços rompidos, o esborão da crença ainda na adolescência, saudade de Deus e de casa, ancestralidade bugra, nostalgia da selva, sei lá. Necessidade de reunir esses pedaços decerto fez de mim um poeta. A incapacidade de agir também me mutila. Sou pela metade sempre ou menos da metade. A outra metade tenho que desforrar nas palavras. Ficar montando, em versos, pedacinhos de mim, resistentes, caídos por aí para que tudo afinal não se disperse. Um esforço para ficar inteiro é que é essa atividade poética. Minha poesia é, hoje, e foi sempre, uma catação de eus perdidos e ofendidos. Sinto quase orgasmo nessa tarefa de refazer-me. Pegar certas palavras já muito usadas, como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e esterco – pegar essas palavras e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova virgindade. Salvá-las assim da morte clichê. Não tenho outro gosto maior do que descobrir para algumas palavras relações dessuetas e até anômalas.

**NOÇÕES DE RUA**

As ruas inventam poetas que já nasceram tristes.  
As ruas descobrem esses cachorros gentis puxando suas donas para debaixo dos postes.  
De um modo geral os cachorros são bonitinhos e as donas não o que é uma pena...  
Há ruas que engendram casas onde seus joelhos crescem como nuvens...  
Outras aguentam anos inteiros no subúrbio com a mesma pobreza e honradez de um homem só como João.  
Até que um dia chega um serroteiro, desonra uma colégial no e ela é encontrada no capim, de borco, terreno baldio, cheia de formiga nos olhos vidrados...  
A rua pega fama e deita na cama.  
Certa feita uma rua de subúrbio, há muitos anos, botou no meu encaixo uma de suas casas com jardinzinho fronteiro só para me enternecer...  
De fato: seu jardinzinho seu gato sua dona (os joelhos brancos à mostra) o pé de manacá e mais aquelas grades tão roídas de ferrugem, quase me arrebatam de Que descontrolo louco, meu Deus, temuras idiotas...  
Se não me agacho me casava naqueles joelhos...  
Essas doces ruínas mortas ou alamedas esquecidas em sua tranquilidade de coisas anônimas, – cuidado com elas – são infestadas de lobos solitários...

Guizzo – Basicamente você pertence à geração/45? Quantas fases atravessou sua poesia?

Manoel – Acho que não pertencço à Geração/45 senão cronologicamente. Não sofri aquelas reações de retesar os versos frouxos ou endireitar sintaxes tortas. A mim não me beliscava a volta ao soneto. Achava e acho ainda que não é hora de reconstrução. Sou mais a palavra arrombada a ponto de escombros. Sou mais a palavra a ponto de entulho ou traste. Li em Chestov que a partir de Dostoyevsky os escritores começam a lutar por destruir a realidade. Agora a nossa realidade se desmorona. Despençam-se deuses, valores paredes... Estamos entre ruínas. A nós, poetas destes tempos, cabe falar dos morcegos que voam por dentro dessas ruínas. Dos restos humanos fazendo discursos sozinhos nas ruas. A nós cabe falar do lixo sobrado e dos rios podres que correm por dentro de nós e das casas. Aos poetas do futuro caberá a reconstrução – se houver reconstrução. Porém a nós, – a nós, sem dúvida – resta falar dos fragmentos, do homem fragmentado que, perdendo suas crenças, perdeu sua unidade interior. É dever dos poetas de hoje falar de tudo que sobrou das ruínas e está cego. Cego e torto e nutrido de cinzas. Portanto, não tenho nada em comum com a Geração/45. E, se alguma alteração tem sofrido a minha poesia, é a de tornar-se, em cada livro, mais fragmentária. Mais obtida pelo escombros. Sendo assim, cada vez mais, o aproveitamento de materiais e passarinhos de uma demolição...

**DESARTICULADOS PARA VIOLA DE COCHO**

Compadre Amaro: – Vai churê, irimão?  
Compadre Ventura: – Preguê, irimão?  
Compadre Amaro: – Saracura tá cantando  
Compadre Ventura: – Uê, saracura é Deus? Se fosse imbusi sim...  
NETO BOTELHO, in Psicologia das mulatas do caxete, o vaqueiro metafísico, rosa escalafóbica e outras estórias demais.  
– Cumpadre antão me responde: quem coaxa exerce alguma raiz?  
– Sapo, cumpadre, enraizaste em estrumes de anta.  
– E lagar tixa, que no muro anda come o que?  
– Come a lagar tixá, o musgo que o muro. Senão.  
– E martelo grama de castela mobile estrela britão lua e campão valise nuse pulvis e aldrabas, que são?  
– Palabras.  
– E máquina de dor é de vapor? Brincar de amarelinha tem amarelo? as portelas do mundo varas tem? →

GRIFO – maio de 1979

51

Fonte: Revista *Grifo*- edição n.02, de Maio de 1979, p. 51.

Nas páginas em que a entrevista está exposta, há algumas mostras de trechos de alguns dos poemas de Manoel de Barros.

### “Noções de Rua

As ruas inventam poetas que já nasceram tristes.

As ruas descobrem esses cachorros gentis puxando suas donas para debaixo dos postes.

De um modo geral os cachorros são bonitinhos e as donas não compreendem,

O que é uma pena...

Há ruas que engendram casas

onde seus joelhos crescem

como nuvens...

Outras aguentam anos inteiros no subúrbio  
 Com a mesma pobreza e honradez de um homem só como Jó.  
 Até que um dia chega um seresteiro, desonra uma colegial no  
 terreno baldio,

e ela é encontrada no capim, de borco,  
 cheia de formiga nos olhos vidrados...

A rua pega fama  
 e deita na cama.

Certa feita  
 uma rua de subúrbio, há muitos anos,  
 botou no meu encalço uma de suas casas  
 com jardinzinho fronteiro  
 só pra me enternecer...  
 De fato: seu jardinzinho  
 seu gato  
 sua dona (os joelhos brancos à mostra)  
 o pé de manacá  
 e mais aquelas grades tão roídas de ferrugem, quase me arrebetam de  
 ternuras idiotas...

Que descontrole louco, meu Deus.  
 Se não me agacho me casava naqueles joelhos...

Essas doces ruínas mortas ou alamedas  
 esquecidas em sua tranquilidade de coisas anônimas,  
 - cuidado com elas – são infestadas de lobos solitários...” (BARROS, 1979,  
 p. 51)

#### “Dorowa

Homens bebem à mesa  
 de um cabaré de Curitiba.  
 A obesa Marcelle instalada  
 engole álcool de coxas flácidas.  
 A esquelética Lili  
 no fim d  
 a noite, exausta  
 fala mole e tomba  
 de grandes olheiras no chão.  
 Ó Dorowa teus 15 anos  
 entre ombros de homens bêbados  
 no cabaré de Curitiba.  
 Ó Dorowa teus 15 anos.

Lili, Marcelle, Dorowa...  
 Dorowa não, Doroty...  
 Ó vós que um dia chegardes  
 ao cabaré de Curitiba,  
 dormi com Dorowa

que está dentro de Doroty  
 Dormi com Dorowa  
 ela está no fundo de Doroty.  
 Sabei arrancá-la de lá  
 na pureza dos 15 anos.

Não deixeis Dorowa morrer...  
 É a alma que sustenta os poetas.  
 Não deixeis Dorowa morrer  
 como rosa em peito de suicida.” (BARROS, 1979, p. 53)

### “Pantanal

Viajando...  
 Apear à margem dos banhados  
 beber água dormida nos balcedos  
 dos aguapezais...

Viajando...  
 Despir-se à margem dos corixos  
 dar cangapés nas águas virgens, na ferrugem  
 das pedras-cangas...

Viajando...  
 Apear descalço à margem de uma sanga  
 aberta no cerrado  
 e adormecer a um tronco recostado...

Viajando...  
 Curvar-se até o chão  
 para sorver a água que irrompe de olheiros  
 na estrada...  
 Viajando...  
 morder pitanga!” (BARROS, 1979, p. 52)





de Janeiro, que então comemorava 70 anos, como a grande surpresa entre os restauradores brasileiros e estrangeiros que ali se empenhavam. A imprensa carioca teve sua atenção chamada para as dezesseis molduras de espelhos que foram talhadas em madeira cerejeira e ficavam no banheiro destinado ao Presidente da República. Soube-se ali se tratar de um artesão sul mato-grossense, de origem indígena e que nunca havia antes se aventurado fora de sua terra natal.

Índio foi levado ao Rio de Janeiro a convite de um amigo, o Tenente Castilho, que o incentivou e ajudou no início. Sua estadia por lá durou apenas um ano, o período em que trabalhou na restauração do Teatro Municipal e segundo seus relatos foi um ano incrível e alguns amigos que por lá fez tentavam fazer com que ali permanecesse:

“[...] muitos artistas que conheci no Rio aconselharam-me a ficar por lá mesmo. Me diziam que em pouco tempo poderia me tornar reconhecido, mas não quis. Se algum dia eu tiver que estourar, quero que isso aconteça no Mato Grosso, que é meu lugar” (ÍNDIO, 1979, p.65)

A partir daí José Carlos decidiu viver exclusivamente como escultor e ao retornar para seu lugar, aceitou várias obras por encomenda. A de maior dimensão entre elas é o busto de mármore de 500 kg que Índio esculpiu para a família Giordano, de Campo Grande. Essa obra levou um ano para ser concluída. A peça mais importante que Índio produziu encontrava-se na data da entrevista, em agosto de 1979, na residência do ex-presidente da república, Ernesto Geisel, em Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro. Índio deu a essa peça o nome de *Sensibilidade*, e explicou a *Grifo* que esse nome se devia a “um grito da própria madeira que eu esculpi contra a devastação da natureza” (ÍNDIO, 1979, p. 65).

Mas nem sempre os tempos foram fáceis para Índio, que não teve seu trabalho elevado aos holofotes da grande imprensa, nem mesmo caiu nas graças do grande público. O artista plástico passou por dificuldades, segundo sua fala, “tinha dias que eu saia com um punhado de estatuetas debaixo do braço, vendendo por 200 o que custava 800, porque tinha que trazer um pouco de feijão pra casa” (ÍNDIO, 1979, p.65)

Desde 1980, na entrada do Museu Histórico da cidade de Campo Grande, que leva o nome de seu fundador, “José Antônio Pereira”, há a imagem do casal de fundadores, José e sua esposa Anna Luiza, que recepciona os visitantes que ali chegam e que foi esculpida por Índio. Situado na avenida Guaicurus, na cidade de Campo Grande, nas terras que antes eram chamadas de Fazenda Bálsamo está o Museu “José Antônio Pereira”, que abriga muito das

histórias e da origem campo-grandense. O espaço foi tombado como patrimônio histórico municipal em 1983 e, em 1999, a prefeitura restaurou o local.

De acordo com nossa análise, não há impedimento algum para que possamos adiantar aqui os relatos que, na edição n. 5 da Revista *Grifo* nossa próxima referência, na sessão Arte & Cultura, nos conta sobre o Grande Prêmio do I Salão Estadual, promovido pelo Governo do Estado, do qual Índio foi o grande premiado. Tendo apresentado um único trabalho, intitulado “Fruto da mãe árvore”, Índio conquistou o Grande Prêmio Associação Artística e Cultural Sul-mato-grossense, ficando com a medalha de ouro da categoria escultura.

A escritora Maria da Glória de Sá Rosa, em seu livro “Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul” (2005), faz referência à arte de Índio e comenta que ele participou de inúmeras exposições em Mato Grosso do Sul e no Brasil, que lhe conferiram prêmios. Segundo Rosa,

José Carlos deixou em muitas residências de Campo Grande, portas e janelas esculpidas com a grandeza de quem dominava o ofício de entalhador. No I Salão de Artes Plásticas de MS, em 1987, cada trabalho chamava a atenção dos espectadores pelo cuidado na elaboração dos detalhes. Referências à fauna e à flora pantaneiras ganham tons de lirismo, quando inseridas nos entalhes em madeira (ROSA, 2005, p.152).

De acordo com as informações retiradas de ROSA (2005), infelizmente o escultor Índio veio a falecer, quando se preparava para mostrar produções na Europa. Em todas elas impera a grandeza do silêncio, a consciência do fazer artístico, sobrevivendo na fragilidade do barro e da madeira.

**FIGURA 23 – Os Fundadores**  
**Estátua de Anna Luiza e Antônio Luiz Pereira**



Obra do Escultor José Carlos da Silva (o "Índio"), 15/08/1980. Fonte Disponível em: <http://www.campograndems.net/fazbal/Estatua.htm> Acesso em: 06 mai 2018.

A revista *Grifo* na edição nº 05 de Setembro de 1979, traz uma reportagem rica em imagens e informações a respeito da cidade de Corumbá, com a retomada de sua história, bem como seu crescimento. Além de outros assuntos pertinentes ao interesse de seu público leitor da época, *Grifo* apresenta um dos filhos ilustres da cidade de Corumbá, o escritor Lobivar Matos, através da reportagem de José Octávio Guizzo, jornalista e um dos colaboradores da revista, que com primazia nos faz saber mais sobre aquele que, mesmo sem ser tão conhecido pelos holofotes da fama, teve seu nome registrado na história identitária da literatura sul mato-grossense, sendo um dos pioneiros na arte de escrever sobre o Pantanal. Como título a essa reportagem, Guizzo a ilustrou com a seguinte chamada: “Lobivar Matos – A ilusão e o destino do poeta desconhecido”, aquele que pronunciava no início de uma de suas crônicas

que “falar sobre arte em Campo Grande é ser ouvido por alguns pássaros que descansam à sombra da árvore” (MATOS, s/d apud GUIZZO, 1979, p. 58).

Nascido no dia 12 de janeiro do ano de 1915, Lobivar passou sua infância em Corumbá. Aos 13 anos de idade se mudou para a cidade de Campo Grande com sua mãe, que veio a falecer pouco depois, deixando-o órfão e passou a ser criado por sua avó. Iniciou seus estudos no Colégio Salesiano Santa Tereza e, segundo seu amigo de infância, o letrista Clio Proença, não era de muitas palavras, preferia mais ouvir. Jovem, nos idos de seus dezessete anos era admirador incondicional dos versos de Castro Alves, poeta que demonstrava em seus versos preocupações sociais, e também era fã de seu conterrâneo, o poeta corumbaense Pedro de Medeiros. Nutria por Pedro especial admiração e foi para ele, a quem chamava de Mestre, que Lobivar dedicou seu primeiro poema publicado na revista Folha da Serra, de fevereiro de 1932, n.V, ano I.

Corumbá deslumbrante. Dorme na harmonia  
O teu sono infinito,  
Nas rochas de granito,  
Sob a luz sombria do calor. (MATOS, 1932)

Nesta mesma reportagem apresentada por *Grifo*, há mais dois poemas de Lobivar, *O carnaval* e *Necrópole* que Guizzo cita como referências importantes ao escritor, que com apenas dezessete (17) anos de idade os havia escrito e publicado na Folha da Serra, no ano de 1932, mas que tiveram o infortúnio de mais tarde não fazer parte de nenhum dos dois livros que Lobivar viria a editar.

A partir de então passou a ser colaborador da Folha da Serra, junto com dois outros poetas, Cecílio Rocha e Iturbides Serra, tornaram-se a trindade de nossos precursores na poesia moderna. Guizzo tece ainda o comentário a respeito do poeta Manoel de Barros, ainda vivo na data da reportagem, dizendo que “logo a eles viria juntar-se Manoel de Barros, nosso maior poeta vivo” (GUIZZO, 1979, p.58).

O jornalista Guizzo discorre ainda sobre o compromisso de ser representante de uma nova fase, o que o poeta Lobivar soube bem fazer, pois, segundo Guizzo, compreendia o espírito de sua geração e que não haveria como fugir ao pensamento de uma época. É desconhecido, Lobivar havia mostrado ser das letras quando ainda menino e sabe-se que no início de seus anos juvenis escrevia seus primeiros versos livres, característicos da poesia moderna.

Aos 18 anos, após terminar o Colégio, Lobivar recebe de sua avó dinheiro suficiente para o custeio de uma viagem ao Rio de Janeiro. De acordo com as informações de Guizzo, havia Leônidas de Matos, interventor de Mato Grosso naquela época, que a pedido de um tio de Lobivar, conseguiu uma conexão do poeta com Filinto Müller, chefe de polícia da ditadura de Vargas no Distrito Federal, “que costumava apadrinhar os mato-grossenses sem recursos que para lá se dirigiam” (GUIZZO, 1979, p.58).

Na sequência, Guizzo discorre sobre o começo difícil, quando o poeta se instala numa pensão no subúrbio do Rio de Janeiro, passando por dificuldades nos ajustes de empregos até que passou a servir como burocrata no gabinete de Filinto. Mesmo enquanto se preparava para ingressar na Faculdade de Direito, Lobivar continuava a escrever seus poemas, agora carregados da saudade que sentia de sua terra e enviá-los para a Folha da Serra. Lobivar inicia o curso na Faculdade Nacional de Direito e começa um relacionamento com a filha do dono da pensão que morava, a jovem Nair Gomes de Araújo, com quem mais tarde viria a se casar e constituir família. Tiveram dois filhos, Sylvio e Sueli de Araújo Matos.

Em 1935, o livro de poemas do escritor é lançado, com o título de *Areôtorare*, nome incomum que o poeta, no preâmbulo do livro, explica o significado, “[...] é palavra de origem indígena. Entre os bororós, era todo índio privilegiado na aldeia onde vivia, como profeta, orador, historiador, contador de lendas, etc. À noite, em volta da fogueira assanhada ou à luz do luar, os bororós se reuniam para ouvi-lo” (MATOS, apud GUIZZO, 1979, p.59).

O anseio por voltar às suas origens falou mais alto e Lobivar se mudou para Corumbá com sua família a fim de advogar, mas em contato direto com os conflitos dos menos favorecidos, Lobivar abraça causas populares e empenha-se nas páginas da imprensa local em conseguir infra estrutura básica aos bairros da periferia. Porém, logo se mudam para Cuiabá, onde escreve seu outro livro “O Estado de Mato Grosso”, sobre crônicas e poemas.

Guizzo (1979) resume seus findos anos quando descreve a volta de Lobivar ao Rio de Janeiro, trabalhando como censor, escrevendo para a imprensa carioca. Continuava a escrever contos e poemas mesmo assim. A vida corrida e agitada corrobora para a fragilidade de sua saúde, onde acaba por contrair úlcera duodenal, que o levaria anos mais tarde à morte. No dia 27 de outubro de 1947, aos 32 anos de idade veio a falecer o poeta *Lolito*, como era chamado carinhosamente pelos mais íntimos.

Como pudemos perceber, Guizzo teceu brilhantemente o perfil daquele que foi um dos ícones da poesia modernista e representante do estado de Mato Grosso do Sul, ainda que esse reconhecimento póstumo venha tardiamente. Dos registros da memória de Lobivar Matos

pouco se encontra, mas dos que existem a riqueza de detalhes contribui para que essa memória não seja dizimada do espaço literário a que tem direito à cadeira cativa. No livro “A vida e a obra de Lobivar Matos: O modernista (des)conhecido”, a autora Susylene Dias de Araújo, e também orientadora deste projeto de pesquisa, cita em suas análises o texto de Guizzo, da edição da revista *Grifo*, sobre a vida e obra de Lobivar, o qual mais acima já expusemos como resultado das considerações da reportagem. Araújo (2014) cita também o texto de José Pereira Lins, hoje já falecido e que “foi um importante divulgador da literatura produzida em Mato Grosso do Sul e um dos grandes admiradores da obra de Lobivar Matos” (ARAÚJO, 2014, p. 29). Araújo (2014) se refere à Guizzo e Lins como importantes referências à memória e conhecimento sobre Lobivar Matos:

“Além disso, admito que ambos os críticos, cada um à sua maneira, foram importantes na propagação da produção literária de Mato Grosso do Sul, atuando assim como mantenedores da cultura do Estado. Dar voz à crítica lobivariana significa buscar um pouco do homem Lobivar Matos e assim restituir nos meios culturais fragmentos de sua vida” (ARAÚJO, 2014, p.29).

Dessa forma, mais uma vez é reforçada a ideia que as páginas das revistas *Grifo*, dedicadas à Literatura e às Artes sul mato-grossenses de um modo geral, trazem à tona resquícios de registros da história e identidade de um Estado que, gradativamente, consolidava sua autonomia, frente à apresentação de suas peculiaridades mostradas ao público em prosa e versos, seja na literatura, na música, nas esculturas.

As páginas de *Grifo* em que a entrevista é exibida trazem também trechos de alguns dos poemas de Lobivar Matos, que aqui deixaremos reproduzidos para apreciação de seu público leitor.

**“Sarobá**

Bairro dos negros,  
negros descalços, camisa riscada,  
beijolas caídas,  
cabelo carapinhá;  
negras carnudas rebolando as curvas,  
bebendo cachaça;  
negrinhos sugando as mamas murchas das negras,  
negrinhos correndo doidos dentro do mato,  
chorando de fome.

Bairro de negros,  
casinhas de lata,  
água na bica pingando, escorrendo, fazendo lama;  
roupa estendida na grama;

esteira suja no chão duro, socado;  
 lampião de querosene piscando no escuro;  
 negra abandonada na esteira tossindo  
 e batuque chiando no terreiro;  
 negra tuberculosa escarrando sangue,  
 afogando a tosse sêca no éco de uma voz mole  
 que se arrasta no escuro  
 pelo ar parado.

Bairro dos negros,  
 mulatas sapateando, parindo sombras magras,  
 negros gozando,  
 negros beijando,  
 negros apalpando carnes rijas;  
 negros pulando e estalando os dedos  
 em requebros descontrolados;  
 vozes roucas gritando sambas malucos  
 e sons esquisitos agarrando  
 e se enroscando nos nervos dos negros.

Bairro dos negros,  
 Chinfrin, bagunça,  
 Sarobá. (MATOS, 1936, p. 9-10 apud *GRIFO*, 1979, p. 59)

#### “Chevalier de Azeviche

Moleque sambista do beco de Nhá Joana  
 de gorro vermelho e sapatões de Carlito;

Moleque boêmio, tipo interessante,  
 Que sapateia, e dança, e pula, e canta;

Quando te vi no meio da rua,  
 cantando e dançando  
 dentro de um fraque verde-amarelo,  
 moleque cantador e alegre,  
 tive a impressão dolorosa  
 de que eras um pedaço de carvão humano  
 que ardia...

ardia...

ardia...

estridulamente,

crepitantemente,

no fogo intenso da vida. (MATOS, 1936 apud *GRIFO*, 1979, p. 60)

#### “São Sebastião<sup>5</sup>

Campo verde  
 São Sebastião no altar  
 rodeado de velas.  
 Nhô Juca na sala

<sup>5</sup> Poema em que Lobivar explora o folclore regional, através dos dizeres, das superstições que misturam o profano e a religiosidade.



rodeado de gente.

- Essa porcaria de chuva

vai atrapiar a festa do santo.

- É preciso rezar pra chuva parar de chover.

-Que rezá nada cumpadre!

Moreno,

faz uma cruz de cinza no terreiro

e crucifica o machado que é porrete.

- Não cumpadre. nada de cruz.

Põe um ovo num toco de pau

que São Pedro pensa que é a careca do bispo

e fecha a torneira depressa

prá mode o bispo não virá bode.

- Uma talagada, cumpadre

A noite vem chegando

e o capão verde vai ficando escuro.

A dança tá animada:

porca paraguaia, arára, Santa Fé, cururu.

Êta musga batuta

Harpa, sanfona, violão

E o Zazá soprando direitinho uma folha de laranjeira.

Nhô Juca, velho sapeca, cabeça branca

São Sebastião da moçada,

não para e chama os rapazes de molóides

porque não aguentam a virada.

- Não deixa amanhecer Nhô Juca,

segura a luz.

- Firmino, tira os sapatos, deixa de bobage.

Perto da cozinha, no galpão,

A negrada não aguenta mais, o porre é grande.

Só se vê cabra caído

E negras roliças soltando gaitadas.

- Me dá um beijo, Maria.

São Sebastião no altar

rodeado de velas.

Nhô Juca na sala

rodeado de gente.

Capão verde roncando

Nhô Juca roncando

- Que beijo gostoso.

Me dá mais um, Maria. (MATOS, 1936 apud *GRIFO*, 1979, p. 60)

FIGURA 24 – O poeta Lobivar Matos

corumbá

## Lobivar de Matos

### A ilusão e o destino do poeta desconhecido

Vivemos num mundo onde a transformação é o próprio sentido da História. Em 1922, centenário da independência política do País, eclovia em São Paulo a Semana da Arte Moderna, primeiro grito no caminho de nossa independência cultural. No terreno da Literatura, mais especificamente no da poesia, padrões estéticos inteiramente superados foram postos de lado. O verso livre (herança pós-simbolista), a busca da experimentação, a subversão sintática, a linguagem anti-retórica e a recriação da palavra eram algumas das idéias renovadoras que o movimento modernista iria incorporar à poesia nacional.

Assim como a notícia da proclamação da República chegara tardiamente em Mato Grosso (em Caiabá festejava-se, na ocasião, o aniversário do imperador), também aqueles preceitos indicadores de nossa evolução literária iriam refletir-se tardiamente entre nós. Sempre fora assim: quando o romantismo criava raízes no antigo Mato Grosso, no eixo Rio-São Paulo os postulados dos parnasianistas e simbolistas se faziam vitoriosos há muito tempo. Aliás, em termos regionais a literatura (pra não dizer toda a nossa manifestação cultural) era praticada quase que exclusivamente no Norte do Estado. Esse fenômeno era uma resultante do nosso processo de colonização e nem poderia ser de outra maneira, pois a mestra da vida não dá saltos. Somente após a Guerra do Paraguai, quando o mundo se debatia com o alvorecer da Primeira Grande Guerra, é que a região sul-matogrossense, solucionando de vez o seu grave problema de comunicação, passaria a intuir-se e integrar-se com os grandes centros. E isso se deu quando, em meados de 1914, a primeira locomotiva da Noroeste do Brasil chegou no sentido leste/oeste essa parte do território estadual.

No início do ano seguinte, ou seja, a 12 de janeiro de 1915, ano em que o modernismo explodia em Portugal, nasce na rua 13 de Maio, 615, em Corumbá, uma criança do sexo masculino, de cor branca, tipo mignon, de orelhas grandes, que no Cartório de Registro Civil daquela comarca seria registrada de maneira incomum. Acontece que seu pai, o então 2.º maquinista da Cia. Miguéis de Navegação, Manoel Augusto de Matos, no ato do registro dissera ao tabelião que seu filho se chamaria Lourival; no entanto, este, com a cachaia de cachaça, acabou redigindo um inusitado e sonoro Lobivar de Matos.

O letrista Clio Proença, seu amigo de infância, nos conta que ele fora um menino de mais ver e ouvir do que falar. Caroto mirrado, ele seguia a turma, sempre meio arreado, pelas barrancas do Paraguai, em cima-ares sem fim. Persegava por todos os bairros pobres da zona portuária, soltando papagaio, rodando pião e jogando bolita. Começou os estudos primários no Colégio Salesiano Santa Tereza, na sua cidade natal, e em 1928, aos 13 anos de idade, veio com a mãe, para Campo Grande (Corumbá, nesta época, já perdia o status de maior entreposto comercial do Sul do Estado, e Campo Grande, dia a dia, consolidava mais e mais a sua posição de capital econômica da região). Costureira por profissão, ela viera em busca de um melhor mercado de trabalho. Mas, infelizmente, encontrara-o por pouco tempo. Dois anos depois, no ano da revolução de 30, no qual Getúlio ascenderia ao poder, ela faleceu em nossa cidade, deixando o filho adolescente aos cuidados da tia Laura e a avó Teonília Nunes de Barros, responsáveis daí em diante pela educação do poeta. Aqui Lobivar faria o Admissão, no antigo Instituto Pestalozzi, mais tarde denominado Ginásio Municipal de Campo Grande, dirigido pelos padres salesianos. Neste estabelecimento Lobivar cursaria todas as séries ginasiais, sendo colega de Rachid Derzi, José Fontanillas Fragelli, Luiz Sá Carvalho, Manoel Ignácio de Souza Junior e tantos outros. Segundo os boletins de médias de arguições e trabalhos práticos, seu forte era o Português, matéria na qual sempre conseguia notas boas.

Por essa época, florescia o movimento modernista em diversas cidades interioranas e Lobivar já lia com entusiasmo incontido os versos de Castro Alves (ambos foram poetas com preocupações sociais, suas mães chamavam-se igualmente Brasília e ambas morreram prematuramente) e principalmente os de seu conterrâneo Pedro de Medeiros, por quem nutria especial admiração não só como poeta mas como condutor de massas e cujos passos daí em diante iria prosseguir com uma incrível fidelidade. E é justamente a ele, a quem chamava de Mestre, que iria dedicar, talvez o seu primeiro poema, publicado na Folha da Serra de fevereiro de 1932, n. V, ano I.

*Corumbá deslumbrante. Dorme no harmonia  
o teu sono infinito,  
nas rochas de granito,  
sob a luz sombria  
do calor.*

Lobivar em 1935

GRIFO – setembro de 1979

57

Fonte: Revista *Grifo*, edição de n.05, de Setembro de 1979.

A edição de nº 06 da revista *Grifo*, do mês de dezembro de 1979, traz como manchete de destaque a reportagem sobre “As ilusões e as reservas do Petróleo Pantaneiro”, para a qual dedica em seu interior mais de vinte e duas páginas. E mais adiante apresenta uma reportagem rica em imagens e informações sobre nossa vizinha de fronteira, a Bolívia e também sobre o Peru, chamando a atenção do leitor com o título “Muito além da fronteira”. Na sessão que cabe às nossas pesquisas, Arte e Cultura, estão destacados três artistas plásticos da região Centro-Oeste que apresentam em suas obras vestígios da identidade regional. São eles Humberto Espíndola, Paulo Fogaça e Alcides Pereira dos Santos.

Num primeiro momento, devemos salientar a importância em falarmos sobre o início das manifestações artísticas em regiões que ainda pertenciam ao estado de Mato Grosso, mas que já evidenciavam identidades peculiares de seus cidadãos. Seria incoerente e impossível se

pensássemos as manifestações culturais começando do zero, por conta da divisão do Estado, como se o que existisse antes pudesse se apagar e não tivesse relevância alguma. Esse passeio pelo (re)começo nos ajuda a reforçar o porquê em citarmos como nome expressivo das artes plásticas, hoje em Mato Grosso do Sul, o artista Humberto Espíndola, por exemplo. Segundo a crítica de arte e pesquisadora Maria Adélia Menegazzo (1992, p 235), “[...] as manifestações plásticas em Mato Grosso do Sul antecedem sua demarcação político-geográfica, ocorrida em 1977 [...]”. A escritora salientou a importância de não menosprezar e sim referenciar os artistas que, a seu modo, foram preparando “as bases sobre as quais se assentariam as futuras produções” (MENEGAZZO, 1992, p.236).

Antes mesmo da divisão do Estado, segundo Menegazzo (1992), se formou a Associação Mato-grossense de Artes – AMA, que transformou e fez crescer o movimento artístico em Mato Grosso, através de exposições, mostras e cursos de artes. Nomes como o de Aline Figueiredo, Humberto Espíndola e Adelaide Vieira deram início às atividades que resultaram na formação da AMA. Portanto, cabe ressaltar o mérito daqueles que:

“[...] optaram por aqui permanecerem, favorecendo o surgimento de novos grupos, entidades e, principalmente, o desenvolvimento de uma linguagem que expressasse, de modo direto, as mudanças que o momento histórico evidenciava [...] A busca por uma identidade própria com que configurar seu espaço cultural [...] em dois pólos: o do regionalismo forjado ingenuamente, desligado do passado ainda tão presente do aventureirismo” (MENEGAZZO, 1992, p.237).

As páginas de *Grifo* fazem referências a Humberto Espíndola como o artista representante de Campo Grande, que utiliza o boi como figura central de suas obras. Do artista nascido em 04 de abril do ano de 1943, contam um pouco de sua biografia ao narrarem sobre sua formação em Jornalismo, sobre seu engajamento nas artes plásticas no início dos anos de 1970. Segundo artigo publicado em *Grifo*, naquele tempo que representava o que poderíamos chamar de começo de sua carreira, Humberto já havia participado de mais de 40 mostras dentro e fora do país, destacando-se inclusive na XI Bienal de São Paulo, em 1971 e na XXXVI Bienal de Veneza, em 1972.

Em suas pesquisas, Maria Adélia Menegazzo afirma como um dos melhores representantes das artes plásticas em MS, Humberto Espíndola, que segundo a crítica de arte apresenta “retratos da identidade cultural do Estado”. Humberto usa como temática de seu trabalho a figura do boi, o que acabou por denominar de ‘bovinocultura’, onde utiliza o boi como metáfora para apresentar e, de certa forma representar, a história da vida coletiva e

individual do sul mato-grossense. Quando, numa entrevista, perguntado a ele sobre a escolha de seu objeto de inspiração, o boi, Humberto justifica a Bovinocultura como sendo um referencial para o entendimento do papel da arte em fundar uma identidade. Diz ele:

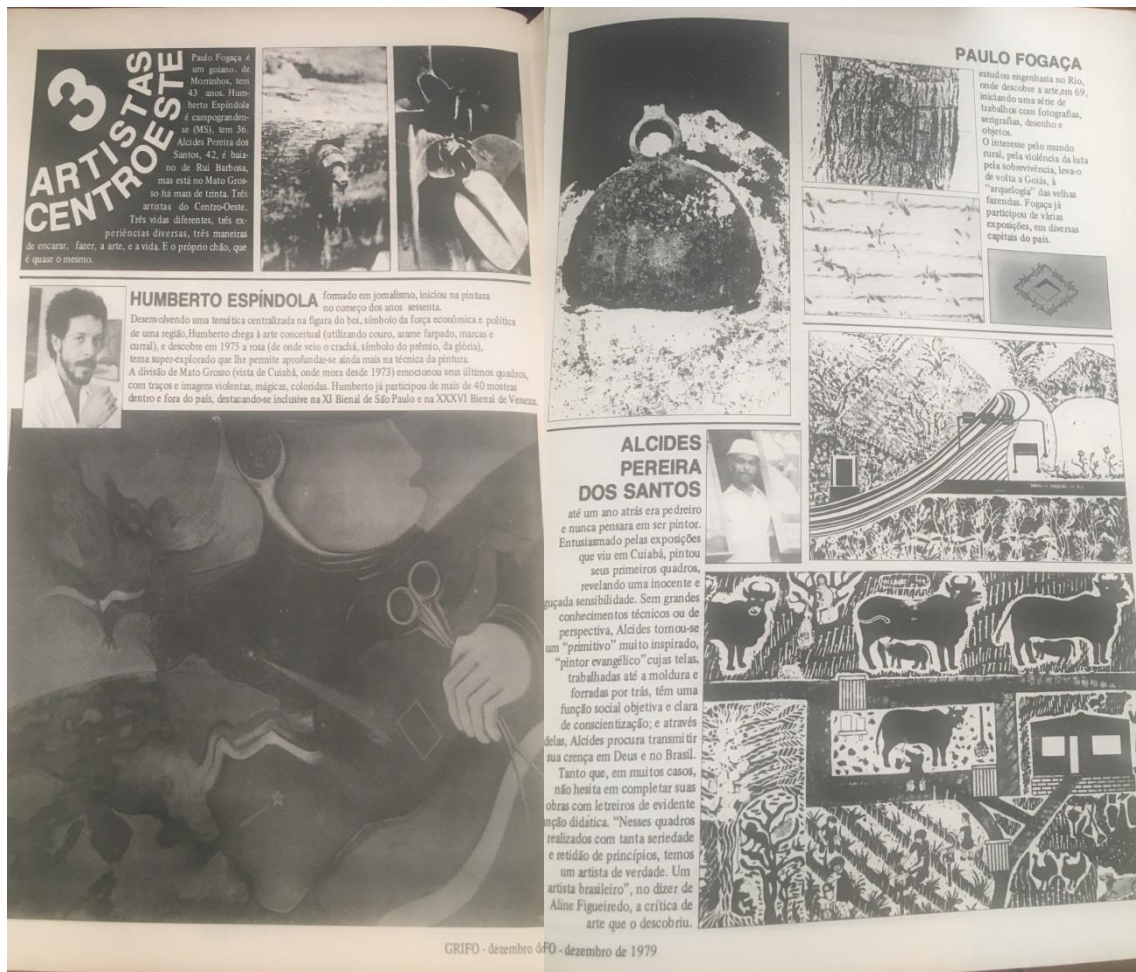
“[...] Por que pinto o boi? A resposta imediata seria porque acredito no artista, como alguém que deve revelar seu tempo [...] até que começou, na minha cabeça, a relação entre boi e dinheiro. Foi tudo mais ou menos simultâneo. Nesse momento, me pareceu ter encontrado o Ovo de Colombo. Vi de repente. E era aquilo mesmo. Foi simplesmente associar que toda nossa sociedade girava em torno dos fazendeiros. Desde os fatos mais banais, conversas sem compromisso, tudo girava em torno da figura do fazendeiro. No Bar do Zé, só se falava em negócio de fazenda. Foi uma explosão. É o boi, é a sociedade do boi! [...] Ele era um símbolo, um símbolo riquíssimo [...]. Para Mato Grosso do Sul, eu penso que o trabalho da Bovinocultura foi muito importante, [...] os fazendeiros começaram a me assumir. Mas também nunca tive ausente. [...] Eu, através do boi, fiz a pintura do meu Estado, projetei a sociedade do fazendeiro, dessa aristocracia bovina e a transformei numa aristocracia real através da sensibilidade (sic)” (ESPÍNDOLA, 1992, p.251-5).

Durante nossas pesquisas a respeito da continuidade dos trabalhos artísticos de Humberto Espíndola, tomamos nota que a crítica em arte, Maria Adélia Menegazzo, no ano de 2017, apresentou como uma das programações para a comemoração dos 40 anos de emancipação do Estado de Mato Grosso do Sul, no museu “Morada dos Baís”, a exposição “Humberto Espíndola, 50 anos de bovinocultura, panorama comemorativo”. Como curadora do evento, Menegazzo faz uma ressalva sobre a importância da exposição quando diz tratar-se de “[...] um artista que consegue sintetizar a cultura local dando uma dimensão humana para as coisas com muita propriedade. Comemorar os 50 anos da Bovinocultura e os 40 anos do Estado é uma coincidência que não se pode perder” (MENEGAZZO, 2017, p.01).

Na sessão de Arte e Cultura desta edição de n.06 de *Grifo*, são citados mais dois importantes artistas, Paulo Fogaça, um goiano de Morrinhos e Alcides Pereira dos Santos, baiano da cidade de Rui Barbosa, mas que residia há mais de trinta anos em Campo Grande. Paulo Fogaça estudou engenharia no Rio de Janeiro, onde descobriu a arte no ano de 1969, quando iniciou uma série de trabalhos com fotografias, serigrafias, desenho e objeto. Seu interesse pelo mundo rural, pela violência da luta pela sobrevivência, leva-o de volta a Goiá, à arqueologia das velhas fazendas. Fogaça já havia participado de várias exposições em diversas capitais do país. O terceiro artista é Alcides Pereira dos Santos, que na data da reportagem, dezembro de 1979, fazia pouco mais de um ano que havia engajado na vida artística, como pintor, antes atuava como pedreiro. Entusiasmado pelas exposições que pode

presenciar em Cuiabá, passou a pintar seus primeiros quadros, que segundo dados da *Grifo* revelavam uma aguçada e inocente sensibilidade. Sem grandes conhecimentos técnicos ou de perspectiva, Alcides tornou-se um ‘primitivo’ muito inspirado, “pintor evangélico” cujas telas, trabalhadas até a moldura e forradas por trás, têm uma função social objetiva e clara de conscientização; e através delas, Alcides procura transmitir sua crença em Deus e no Brasil.

**FIGURA 25 – Os artistas do Centro-Oeste**



Fonte: Revista *Grifo*, edição de n. 06, dezembro de 1979, p.78-79.



**FIGURA 26 – A arte de Humberto Espíndola**



Imagem da obra que ilustra o artigo sobre Espíndola, na edição n. 06 de dezembro de 1979. “O passeio do general” – Humberto Espíndola, 1978.

Disponível em: < <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2016/09/humberto-espindola-serie-divisao-do.html> > Acesso: 19 abr. 2018.

A figura do boi não foi exclusividade das obras de Espíndola, também esteve presente em muitas estrofes de compositores musicais de Mato Grosso do Sul, além dos versos de seus poetas, provavelmente por ser um dos símbolos representativos da identidade do Estado. O artista plástico Humberto Espíndola, aproveita do fato real da divisão do Estado e da bovinocultura criada por ele para recriar nas obras da Série “Divisão de Mato Grosso”. Humberto Espíndola buscou através do conjunto de suas obras intitulado ‘Séries’, traçar a representação das relações existentes entre o sujeito sul-mato-grossense e a cultura do boi.

“[...] enquanto narrador privilegiado, um campo-grandense que se encontrava em Cuiabá quando da divisão, Humberto Espíndola oferece um verdadeiro roteiro estético-histórico do fato, através da pintura, desafiando seus limites, reforçando a autonomia da linguagem artística e humanizando o sentimento popular. A importância dessas obras não pode ser desprezada, uma vez que os quadros da série Divisão de Mato Grosso são parte fundamental da história e da cultura sul-mato-grossense e que, pensamos, deveriam ser de domínio público” (MENEGAZZO, 2007, p. 2-3).

Assim, podemos dizer que mesmo sendo somente sete, as edições de *Grifo* souberam apresentar em suas reportagens, em seus artigos e suas entrevistas temáticas esclarecedoras a seus leitores. Com propriedade, retrataram os costumes, os valores e as expectativas dos cidadãos recém nomeados sul mato-grossenses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas calorosas congratulações pela circulação do número de março da conceituada revista ‘GRIFO’ sob a direção e orientação de uma equipe jovem, culta e idealista, a qual veio enriquecer a valorosa Imprensa da terra dadivosa de José Antônio Pereira. Sem jogar confetes, sem demagogia e sem incenso, incluo-me no rol daqueles que amam a boa leitura, valorizam os trabalhos literários, admiram uma equipe talentosa como a dirigente da ‘GRIFO’ [...].

(Assaf Trad – Cônsul Honorário do Líbano, edição n.02, de Maio de 1979.)

Ao concluirmos nosso trabalho de pesquisa, deixamos a ressalva a respeito do nome das revistas analisadas: *Grifo*. Não foi um nome dado a esmo a um projeto jornalístico, contudo, antes necessitavam de um nome que representasse o momento histórico pelo qual passava o estado recém-formado de Mato Grosso do Sul. A situação pedia por uma designação que pudesse dar significado a fase que iniciava. *Grifo*, de acordo com o dicionário Houaiss: “ da mitologia - Animal fabuloso, com cabeça, bico e asas de águia e corpo de leão [...] ; simboliza a força e a sabedoria [...]; questão ou assunto obscuro; enigma [...]; seção num jornal ou revista, composta em grifo ou itálico[...]” . Ao considerarmos o título da revista *Grifo* e o contexto histórico, cultural e político no qual esta foi criada, podemos concluir que *Grifo* reforça a ideia de marcar, sublinhar, grifar o novo, no caso, o novo Estado que nascia ao mesmo tempo em que o grupo de intelectuais lembrados ao longo desse trabalho concebia *Grifo* como revista.

Esta dissertação teve sua estrutura dividida em três capítulos, sendo que o primeiro apresentou as considerações de Cevalco (2003) sobre os Estudos Culturais e sua formação; em sequência, no segundo capítulo percorremos as teorias de Stuart Hall sobre definições de cultura e identidade. Neste mesmo capítulo, para nos aproximarmos mais do recorte de nossa pesquisa, fizemos leituras das páginas de livros que nos remeteram às épocas iniciais das revistas e periódicos no Brasil. E, para concluir, passamos a analisar cada edição da revista *Grifo* e nos dedicamos especialmente às sessões nas quais destacavam-se a arte, a cultura e literatura sul mato-grossense.

Os Estudos Culturais, concebidos pela perspectiva de Maria Elisa Cevalco (2003), iluminaram nossa compreensão sobre a comunicação entre as diversas culturas. Estes Estudos, nos ajudaram a entender a construção e a organização das identidades culturais, tanto em grupos ou quanto individualmente. O movimento dos Estudos Culturais que surgiu nos



anos de 1950, na Grã-Bretanha, através da escola de Birmingham, chegou ao nosso conhecimento através de estudos e pesquisas de seus fundadores, especialmente Raymond Williams e seus discípulos Richard Hoggart e Edward P. Thompson. Estes pesquisadores, mesmo respeitando e não descartando as tradições da cultura de classes mais ricas, tiveram o senso em perceber sobre a necessidade de acabar com as divisões sociais e de que outras interpretações de ‘cultura’ fossem inseridas nos Estudos Literários, por exemplo. De acordo com Hollanda (2013), no Brasil os Estudos Culturais têm mais força na área de literatura.

Ao longo da pesquisa, este trabalho visitou textos de escritores que, em ampla abordagem mencionam os Estudos Culturais desde sua concepção mais longínqua até sua afirmação e permanência nas salas das universidades brasileiras.

Em sequência, apresentamos Stuart Hall, que em “A identidade cultural da pós-modernidade” (2006), disserta sobre a crise de identidade do sujeito; a ‘descentração’ do sujeito; a questão das identidades nacionais e a influência da globalização no hibridismo e reforço das identidades. Segundo Hall (2006), em consequência das migrações de diferentes culturas advindas dos mais variados lugares do mundo, tornou impossível manter as identidades culturais intactas e o não enfraquecimento das identidades nacionais.

“Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12).

A partir desse aporte, nossa pesquisa se desenvolveu no intuito de revisitarmos as páginas das Revistas *Grifo*, datada na parte final da década de 1970, exatamente na época da consolidação de Mato Grosso do Sul como o novo estado brasileiro. No decorrer da pesquisa, pudemos perceber a importância da recuperação dos aspectos estéticos, literários, artístico e culturais contidos na referida publicação como possibilidade de divulgação do novo estado.

Ao analisarmos os textos verbais e não verbais publicados ao longo das páginas de *Grifo*, nosso recorte foi constituído como um substancial objeto de estudo, revelador da afirmação cultural e identitária de Mato Grosso do Sul. Nomes de respaldo da Literatura Brasileira, como os poetas modernistas Manoel de Barros e Lobivar Matos foram postulados

nas páginas de *Grifo*, nas palavras bem escritas de um de seus colaboradores, do jornalista e pesquisador José Octávio Guizzo. Soubemos da importância da música regional para a formação identitária da gente sul mato-grossense; *Grifo* registrou o surgimento dos primeiros festivais musicais do Estado, que dispuseram ao conhecimento público vozes antes desconhecidas, como a do “Grupo Acaba”, que até os tempos atuais é referência nacional da música pantaneira, além de nomes não menos relevantes como os de Almir Sater, Tetê Espíndola, que em seu cantar trouxeram também a representatividade indígena e pantaneira.

Quanto às revistas *Grifo*, podemos afirmar que, apesar de sua curta existência, sete edições ao todo em um único ano, deixaram sua marca na história da imprensa de Mato Grosso do Sul, não apenas por retratar os acontecimentos políticos e culturais da época, mesmo com a dificuldade da liberdade de expressão por estarem inseridos em um tempo de ditadura, mas pela tentativa de se aproximar das expectativas do cidadão sul mato-grossense em sua essência e por ter sido a primeira revista do recém-formado estado. Com *Grifo*, Mato Grosso do Sul se inscreve no rol de produção do chamado jornalismo cultural voltado ao interesse público e produzido para enfatizar aspectos culturais regionais enaltecendo os costumes de sua gente.

Colocar um sonho em prática, reunir vontade e ânimo para trabalhar na impressão de uma revista, em sua constituição, fazia parte da idealização dos jovens jornalistas Marília C. Leite e seu esposo Mário Marques Ramires, que contaram com a ajuda de outros colegas de profissão, José Márcio Licerre, Neuza Chacha, José Octávio Guizzo. Este sonho trazia alguns critérios a serem considerados por estes jovens, desde a formação de sua equipe à estrutura a ser apresentada, como organização de conteúdo, preocupação com a informação direta e de fundo verídico e responsável para os leitores, patrocínios financeiros para sua manutenção. Todos os cuidados dedicados a *Grifo* traziam implícito o desejo de que a publicação funcionasse. Porém, os motivos financeiros pesaram e como consequência veio a triste decisão de encerrar o sonho destes jornalistas. Em memória a essa luta e busca pela permanência de *Grifo* na história da memória de nosso Estado, torna considerável o registro deste trabalho de pesquisa. Que este seja o ponto de partida e apoio para novas inspirações na área da Historiografia Literária Sul Mato-Grossense.

Os registros da identidade de um povo, de uma região, dos acontecimentos que marcam sua história são documentos importantes, como aqueles álbuns de fotografias de família, em que cada imagem traz a representatividade de um momento vivido junto aos seus. No tempo da imagem digital, podemos pensar que as edições de *Grifo*, nos moldes destes

registros antigos, estavam esquecidas em algum canto empoeirado do armário da história. No momento em que as encontramos, as lembranças trazem de volta personagens apagados pelo tempo, conduzidos pela memória. Ao invés do esquecimento, fica o desejo de que esse álbum seja folheado por outros leitores em busca de um retrato de parte do centro-oeste brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVEZ, André Luiz. Kananciuê – Liberdade e Diversidade. **Correio do Estado**, Campo Grande, 12 dez. 2013. Disponível em: <<https://linhaslivres.wordpress.com/2013/12/18/kananciuê-texto-de-andre-luiz-alvez/>> Acesso em: 17 abr. 2018.

ARAÚJO, Susylene Dias de. **A vida e a obra de Lobivar Matos: O modernista (des)conhecido**. Campo Grande: Life Editora, 2014.

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: a construção de um estado**. Poder político e elites dirigentes sul-mato-grossenses. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Mato Grosso do Sul: a construção de um estado**. Regionalismo e divisionismo no Sul de Mato Grosso. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. 1 v.

BRITES, Fausto. 118 ANOS DE CAMPO GRANDE: Do cinzel do Índio "nascer" os que fizeram Campo Grande nascer. **Rede Zero Um Informa**. 22 agost. 2017. Disponível em: <<http://www.zerouminforma.com.br/especial/118-anos-de-campo-grande-do-cinzel-do-indio-nascer-quem-fez-campo-grande-nascer/>> Acesso em: 08 mai. 2018.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAETANO, Gilmar Lima. **A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul**: Questões a partir da musicologia histórica. 2012. 177f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.

CANONICE, Bruhmer Cesar Forone. **Normas e padrões para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 2.ed. Maringá: Eduem, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 5ªed. 2011.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro.** São Paulo: Alameda, 2012.

DAL MORO, Nataniél et al. Pedro Medeiros – Vida e Obra de um poeta pantaneiro. **Interfaces Científicas.** v.5 n.01, p. 45 – 56. 2016 Disponível em: < <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/2516> > Acesso em: 24 abr. 2018.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Editoria UNESP, 2005.

ELIOT, T. S. **Notes towards the definition of culture.** Londres: 1948.

ESPÍNDOLA, Humberto. Entrevista. In: ROSA, Maria da G. Sá; MENEGAZZO, Maria A.; RODRIGUES, Idara N. Duncan. **Memória da arte em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: UFMS/CECITEC, p. 251 -55, 1992.

FERNANDES, Mário Luiz; ZAMPIERI, Gustavo. *Grifo*: marcas da primeira revista de Mato Grosso do Sul. In: ALCAR - ENCONTRO CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3, 2016, Campo Grande, **Anais.** Campo Grande: UFMS, 2016.

GEISEL, Governo Ernesto. Biografia. **Biblioteca Presidência da República.** Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernestogeisel/biografia>> Acesso em: 01 mai.. 2018.

GINMAN, Marian e STERNBERG, Sarah. Brief Communication - Cartoons as information. **Journal of Information Science**, 2003, Volume 29: 69-75. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555150302900109>> Acesso em: 20 abr. 2018.

GRIFO - Catálogo de assuntos publicados em edições da Revista *Grifo*, registrados na **ARCA** – Arquivo Histórico de Campo Grande. Disponível em: <<http://portal.capital.ms.gov.br/arca/canaistexto?id.can-4036> >. Acesso em: 15/05/2018.

GUIZZO, José Octávio. Manoel de Barros – Sobreviver pela palavra. Ramires, Mário (editor). **Revista Grifo.** Campo Grande, nº. 2, Maio de 1979, p. 50-53.

\_\_\_\_\_, José Octávio. Lobivar de Matos: a ilusão e o destino do poeta desconhecido. Ramires, Mário (editor). **Revista Grifo.** Campo Grande, nº. 5, setembro, 1979, p. 57-60.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **A questão do mútuo impacto entre a Historiografia Literária e os Estudos Culturais**, 2015, p.01. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-questao-do-mutuo-impacto-entre-a-historiografia-literaria-e-os-estudos-culturais-2/>> Acesso em: 22 dez.2017.

LACERDA, Moacir. Entrevista. In: ROSA, Maria da G. Sá; MENEGAZZO, Maria A.; RODRIGUES, Idara N. DUNCAN. **Memória da Arte em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS/CECITEC, p. 120-22, 1992.

MARTINS, Ana Luiza. Revistas na emergência da grande imprensa: entre práticas e representações (1890 – 1930). In: **Cultura letrada no Brasil – Objetos e práticas**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 247 – 256.

MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004. 215 p.

MB – FUNDAÇÃO MANOEL DE BARROS. **O poeta**. 2014. Disponível em: <<http://www.fmb.org.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MENEGAZZO, Maria A. In: Midiamax. **Exposição com 50 anos de acervo de Humberto Espíndola**. Campo Grande, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.midiamax.com.br/midiamais/2017/exposicao-com-50-anos-de-acervo-de-humberto-espindola-sera-exibida-ate-dia-30/>>. Acesso em: 16 de mai 2018.

MOURÃO, Marlene. **MariaDadô, o livro**. São Paulo: Scortecci, 2012.

\_\_\_\_\_, Marlene. Primeiro café literário do Sesc Corumbá será com a artista plástica e escritora Peninha. **Acrítica.net**. 2016. Disponível em: <<http://www.acritica.net/editorias/cultura/primeiro-cafe-literario-do-sesc-corumba-sera-com-a-artista/160629/>> Acesso em: 20 abr. 2018.

NUNES, Mário. **Vídeo aula EVC – Mód. 3 - USP**. Identidade e diferença, sob a perspectiva de Stuart Hall. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JJvliwiLHuM&t=315s>> Acesso em: 20 nov. 2017.

O BOI e a arte – Humberto Espíndola, o pintor dos bois. Disponível em: <[http://oficinasdeindividuação.blogspot.com.br/2011/02/24-o-boi-e-arte-humberto-espindolao\\_15.html](http://oficinasdeindividuação.blogspot.com.br/2011/02/24-o-boi-e-arte-humberto-espindolao_15.html)> Acesso em: 24 de abril de 2018.

PENA, Rodolfo F. Alves. **11 de outubro – Fundação do Mato Grosso do Sul** in: Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/mato-grosso-sulfundacao.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2018.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas**. Campinas: Mercado de letras, 1998.

\_\_\_\_\_, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. Notas sobre divisionismo e identidades em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. **Revista Raído**, Dourados, nº 1, p. 137-163, 1º semestre. 2007. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/60/70>> Acesso em: 18 abr. 2018.

ROCHA, Eunice Ayala. **A Festa de São João em Corumbá**. São Paulo: EditorAção, 1997.

RODRIGUES, Tchiago Inague. **As páginas de Rubem Braga na revista Manchete (1953 – 1957)**. 2018 223f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis – SP, 2018.

ROSA, Maria da Glória Sá; MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara N. DUNCAN. **Memória da arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida**. Campo Grande, MS: UFMS/ CECITEC, 1992.

\_\_\_\_\_, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; PENTEADO, Yara. **Artes plásticas em Mato Grosso do Sul**. Fundação de cultura. MS Cultura. Campo Grande – MS, 2005.

\_\_\_\_\_, Maria da Glória Sá. O olhar do artista reinventa o meio ambiente de Mato Grosso do Sul. In: RIGOTTI, Paulo Roberto (Org.). **UNIARTE: textos escolhidos**. Dourados, MS: UNIGRAN, 2009. p. 113-116.

ROSA, Maria da Glória Sá. Fundação de cultura. **MS Cultura**. Campo Grande, ano II, p. 41-2, 1986.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 4ª ed. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** /Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 15ª ed. 2014.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007.

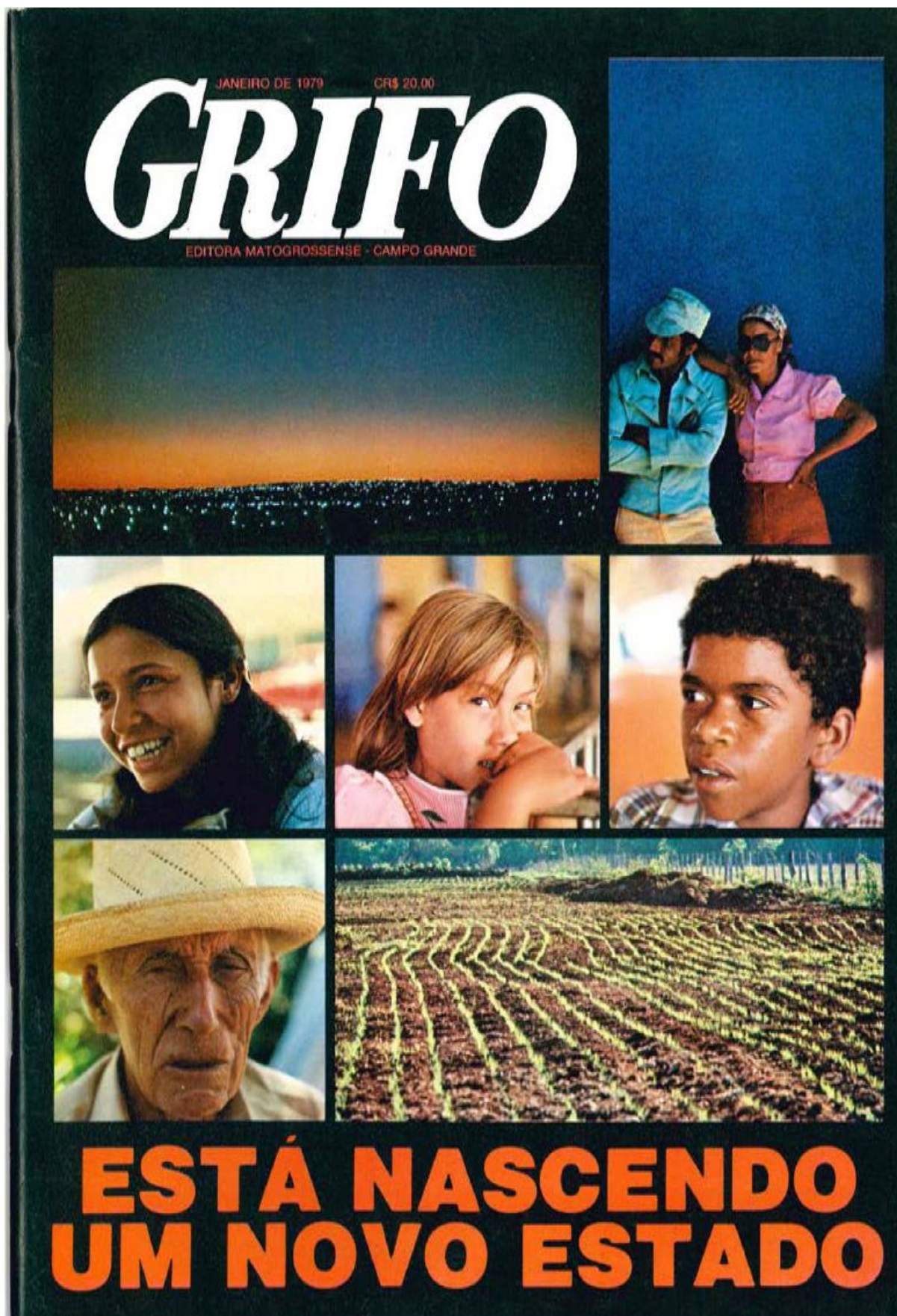
VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

WILLIAMS, R. **Culture and Society 1780-1950**. Harmondsworth: Penguin Books, 1958, p.334.

ZILIANI, José Carlos. A produção cultural como lugar e tentativa de produção de identidades em Mato Grosso do Sul. In: BORGES, M. C.; OLIVEIRA, V. W. N. de (Org.). **Cultura, Trabalho e Memória** – Faces da Pesquisa em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2006. P. 93 -116.

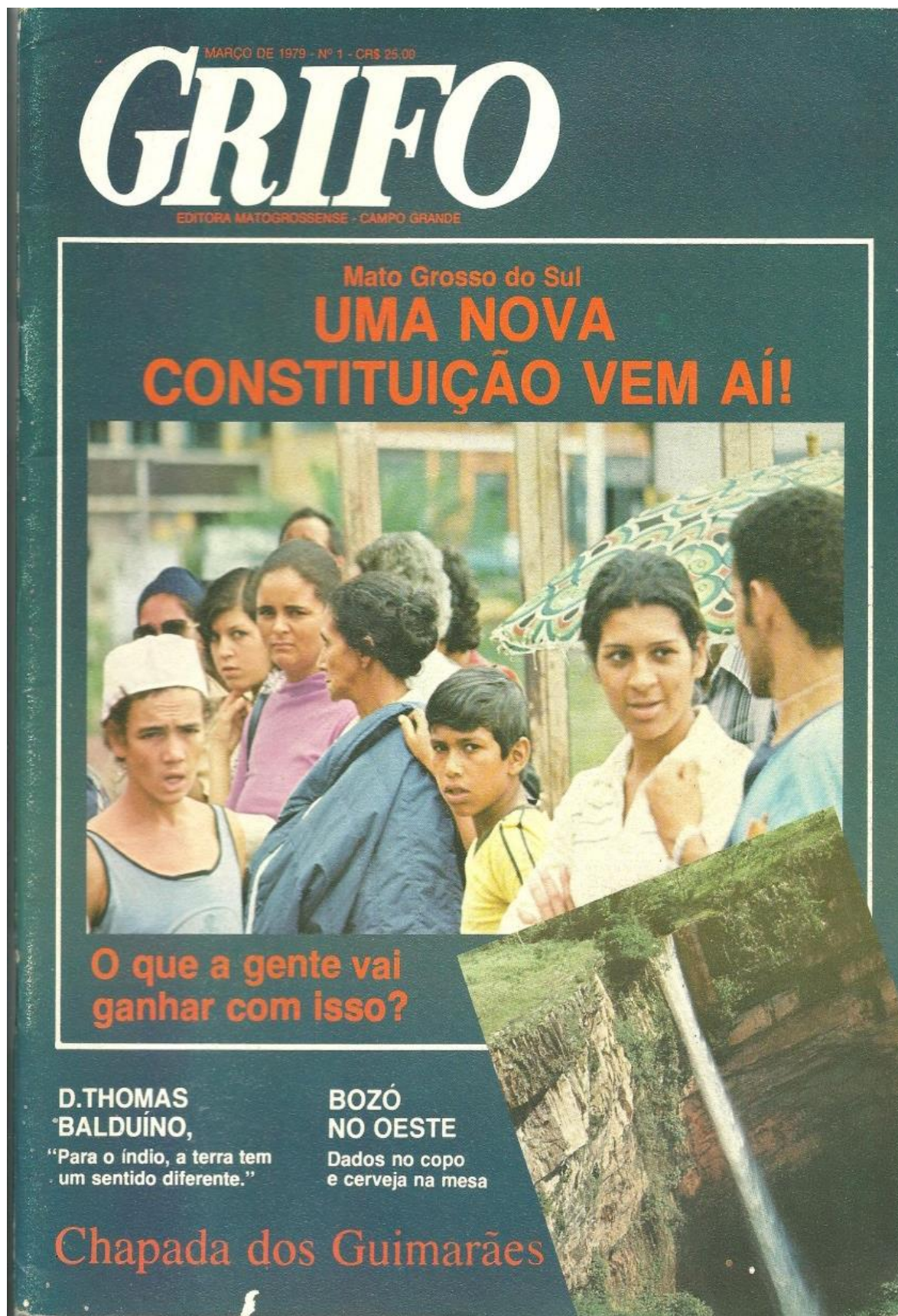


**ANEXOS**



Capa da Revista *Grifo* – edição nº 00, de Janeiro de 1979.





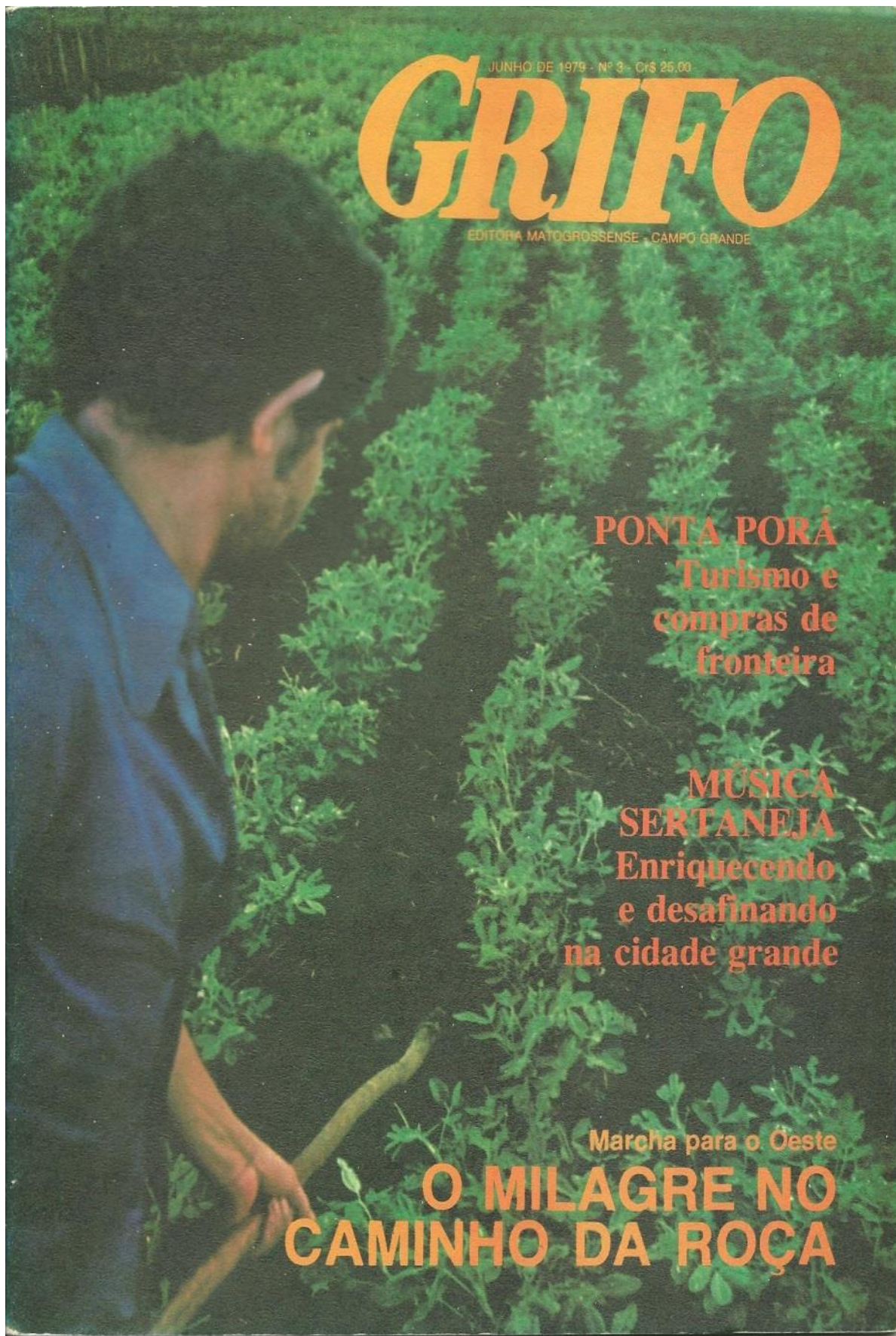
Capa da Revista *Grifo* – edição nº 01, de Março de 1979.





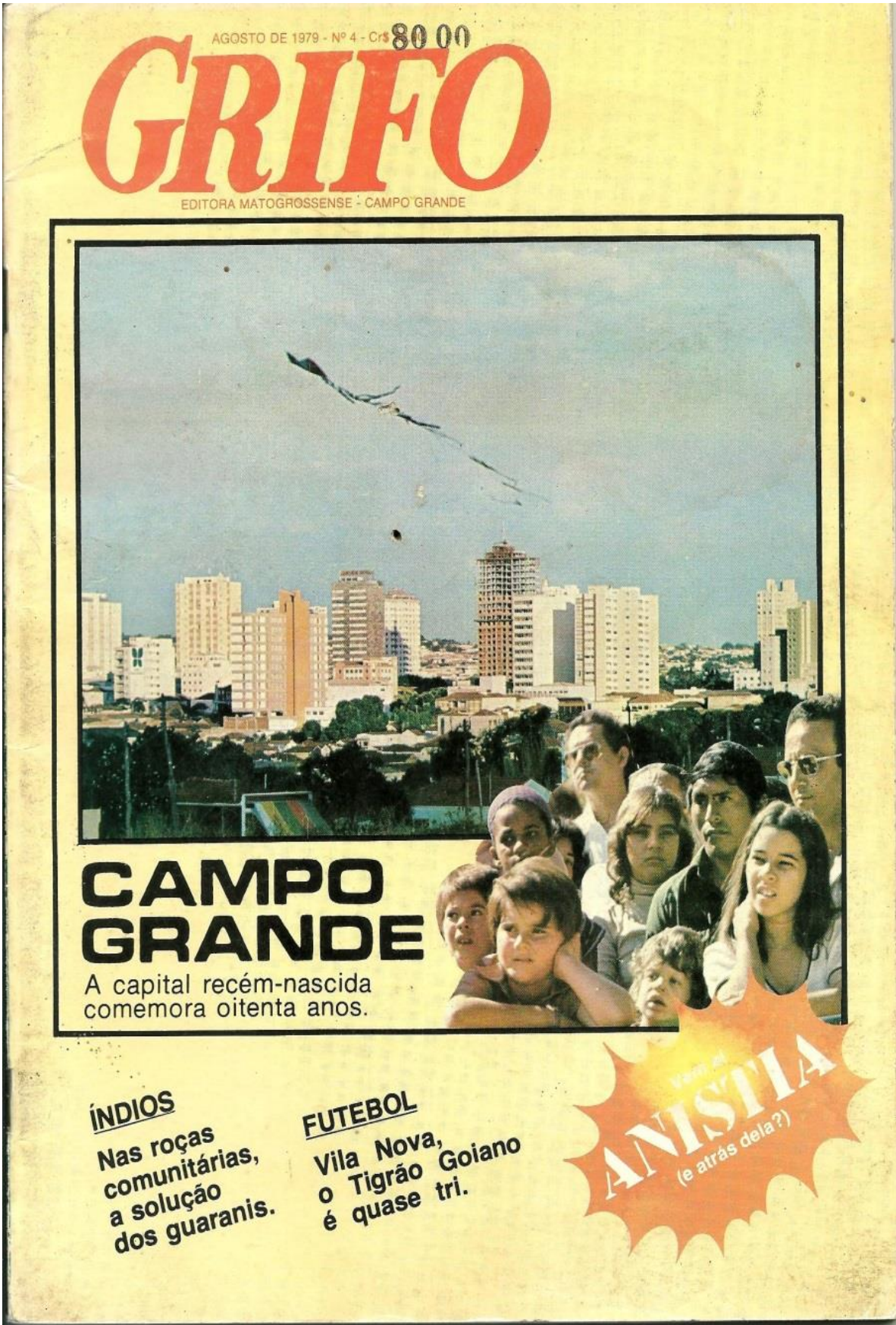
Capa da Revista *Grifo* – edição nº 02, de Maio de 1979.





Capa da Revista *Grifo* - edição nº 03, de Junho de 1979.





AGOSTO DE 1979 - Nº 4 - Cr\$ 80 00

# GRIFO

EDITORA MATOGROSSENSE - CAMPO GRANDE



## CAMPO GRANDE

A capital recém-nascida comemora oitenta anos.

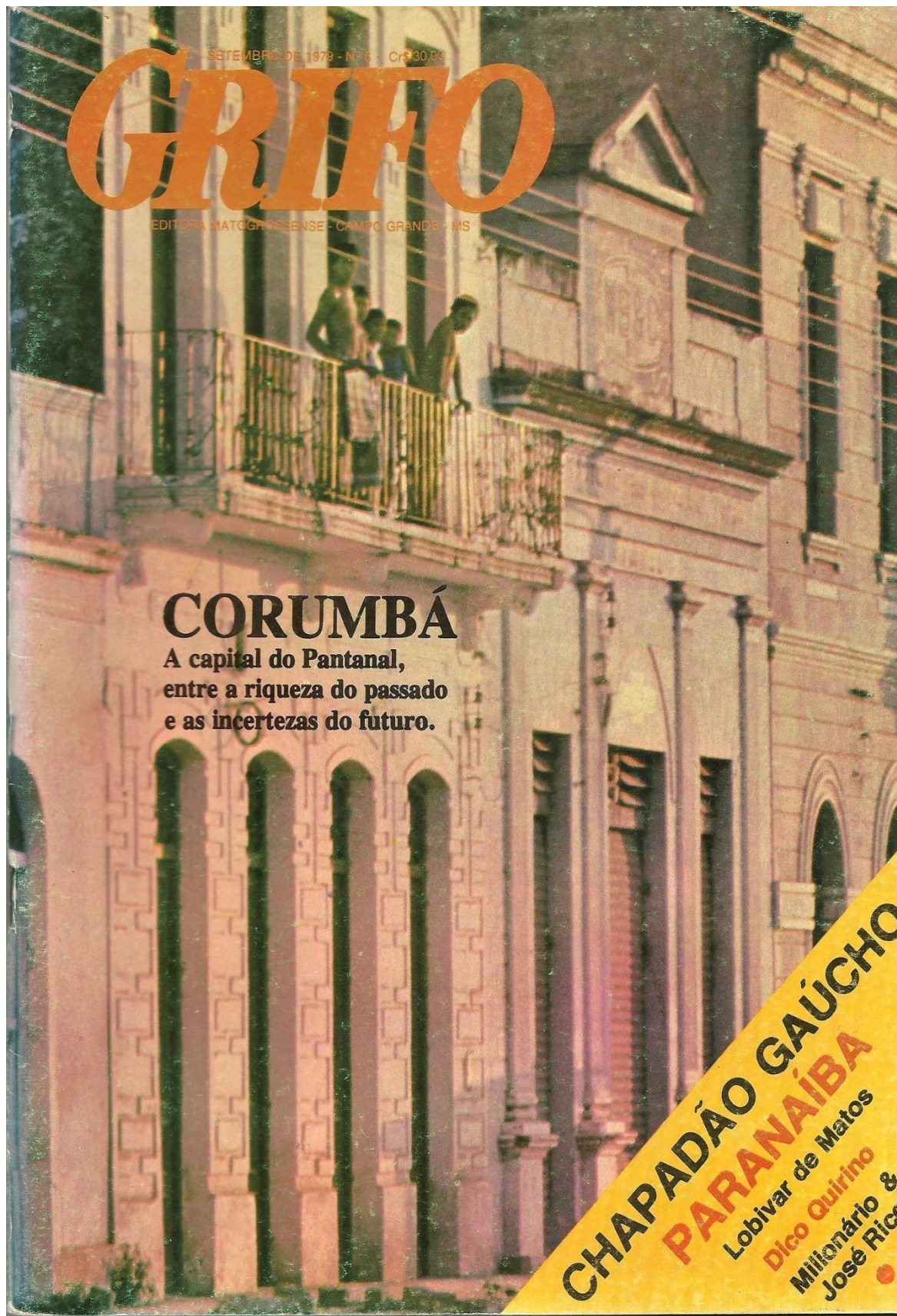
**ÍNDIOS**  
Nas roças comunitárias, a solução dos guaranis.

**FUTEBOL**  
Vila Nova, o Tigrão Goiano é quase tri.

**ANISTIA**  
(e atrás dela?)

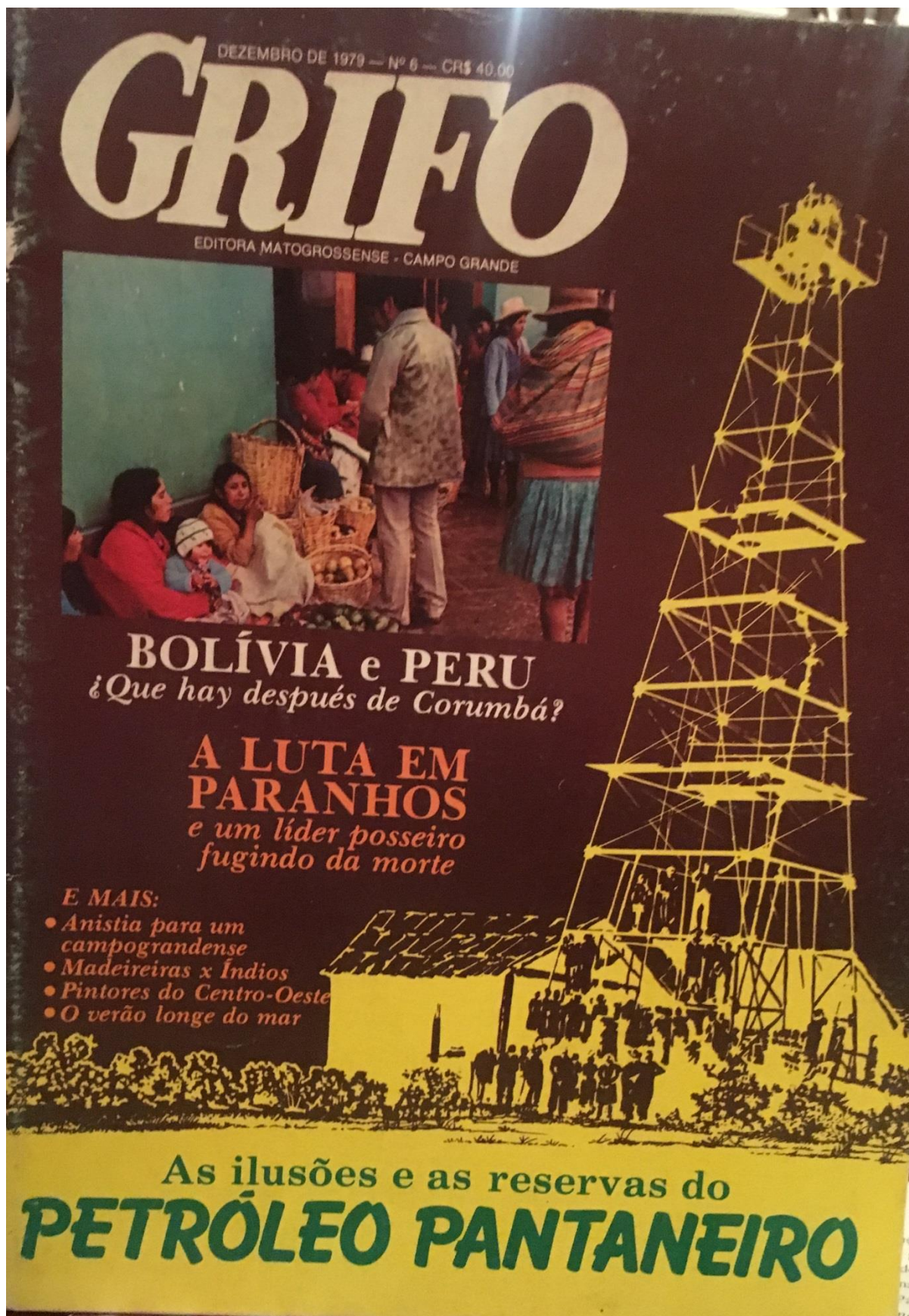
Capa da Revista Grifo edição nº.04, de Agosto de 1979.





Capa da Revista *Grifo* edição n.05, de Setembro de 1979.





Capa da Revista *Grifo* edição nº06, de Dezembro de 1979.



**GRIFO**

Catálogo de assuntos publicados em edições da Revista *Grifo*, integrantes do acervo do Arca - Arquivo Histórico de Campo Grande.

<b>R E V I S T A   G R I F O</b>	
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.1 – GRIFO – JANEIRO / 1979 – Nº 00</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	- Amorim – Harry – O começo
	- Bode na arena, zebra no Estado
	- Os subversivos de 32 são os heróis do novo estado
	- Harry – A maneira de fazer o que é diferente
	- Marcelo – Sou contra o Prefeito nomeado
	- O que muda na igreja, no exército e na justiça
	- Com a palavra, as associações e as entidades de classe
	- A gruta do Lago ou buraco das araras
	- Anistia também aqui
	- A carne é fraca na terra do gado
	- Não há saúde sem democracia – Wilson Fadul
	- Mato Grosso do Sul foi criado por acaso
	- Índio sem-terra não é Índio
	- Cultura Sul-mato-grossense
	- Dançar, dançar, dançar, ninguém pode parar?
	- Poucos Lucram destruindo o que é de todos
- O Pantanal é nosso?	
- Divisão também no esporte	
- Guerra do Paraguai no Cinema nacional	
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.1</b>
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.2 - GRIFO – MARÇO / 1979 – Nº 01</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	- Constituição – O que ela vai trazer de bom para o Estado?
	- Enchentes – O pior está por vir
	- Chapada dos Guimarães
	- Os Índios estão assumindo sua própria luta
	- A Universidade Existe
	- Um futuro mais humano para Campo Grande
	- O eterno fascínio do diamante...
	- Eventos
	- O que dizer aos torcedores deste time
	- General – Bozó
	- Cinema
	- Encontro de Teatro Amador em Goiânia – Teatro que vem do Maranhão
- 1º Festival Sul-mato-grossense da Canção	

	- Burle Marx – Conservacionista romântico?
	- Trote a o Calouro: cultura
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.2</b>
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.3 – GRIFO – MAIO / 1979 – Nº 02</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	- O Tirano de Uganda. Exagero?
	- Lições da Greve
	- Delfim Neto - 10 Questões para o Sr. Ministro
	- Do outro lado da cheia
	- Indústria e agropecuária na 41º Expogrande
	- Definição em torno de Harry
	- MS um estado pobre
	- Congresso debate Empobrecimento dos Municípios
	- Movimento Mato-grossense pela Anistia
	- Defensivos Agrícolas são suspensos
	- Festa do MS na praça dos Três Poderes
	- Cuiabá não quer o trem... ou é trem que nunca vem?
	- Cavalhadas – Mouros e cristãos na festa do Divino
	- Ninguém pode ser super mãe ou menos mãe...
	- Manoel de Barros – sobreviver pela palavra
	- Grupo ACABA – Cantadores do Pantanal
	- Jovem arte em Cuiabá
- Festival da Canção Sertaneja	
- Quermesse de São Benedito	
- Feira do Povo e Artesanato	
- Operário deu a volta por cima	
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.3</b>
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.4 – GRIFO – JUNHO / 1979 – Nº 03</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	- As ditaduras e aberturas da América Latina
	- Com qual Partido o povo fica?
	- Porto Murtinho. 1979
	- A Retomada de Corumbá (1867)
	- No Horto Florestal o Centro Cultural de Campo Grande
	- Três Lagoas Meu Amor
	- Agricultura – Uma saída para salvar a Pátria
	- O ciclo da Soja
	- Ponta Porã: Bienvenido al Paraguay
	- Música Sertaneja – De Sertão mesmo só saudade
	- Em outras palavras somos muito românticos
	- Festa de São João em Camapuã
- 1º Festão Sertanejo	

	- São João Carnavalesco em Corumbá
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.4</b>
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.5 – GRIFO – AGOSTO / 1979 – Nº 04</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	- Nicarágua – um ditador e menos na América
	- Agora, a Anistia
	- Cuidado com o fogo!
	- A Missão da Ordem dos Advogados
	- Marcelo Miranda – Política é dialogo
	- Comunidades Indígenas – A organização do trabalho para sobrevivência do Grupo
	- O que mudou no Governo do Estado
	- Campo Grande 80 Anos – A cidade se acendeu iluminando o Sertão
	- História de Campo Grande
	- Como Crescer sem Perder?
	- A cidade hoje
	- O que diz Jaime Lerner
	- Lazer em Campo Grande
	- Um novo Jockey Club para Campo Grande
- Aqueles alegres rapazes – por José Octávio Guizzo	
- Índio – Artesão	
- Filme de Wulfes para o Museu	
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.5</b>
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.6 - GRIFO – SETEMBRO / 1979 – Nº 05</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	- A volta do Exilados
	- Concessão de Área de garimpo – Poxoréo
	- Campo Grande – Construção de um Centro social urbano
	- Chapadão Gaúcho
	- Fazenda Empresarial – modelo de ocupação do Chapadão
	- A história epopeia da primeira imigração libanesa para o Mato Grosso
	- Paranaíba – Cidade
	- O secretário expõe o orçamento de 80
	- A história de Mato Grosso do Sul começa em Corumbá
	- Lobivar de Matos – Poeta
	- Milionário e José Rico – Estra da vida
	- Agostinho Neto: morreu o grande estadista negro
	- Em Campo Grande a construção de um centro social – urbano

	<p>modelo</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O secretário expõe orçamento de 80 e conclui: Estamos bem mas nem tanto</li> <li>- Corumbá e agora?</li> <li>- A História de Mato Grosso do Sul começa em Corumbá</li> <li>- O Pantanal 220 mil Km de vida natural</li> <li>- Arte e Cultura: Grande Prêmio do I Salão ficou com Índio</li> </ul>
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.6</b>
<b>TÍTULO DA REVISTA</b>	<b>R 3.7 – GRIFO – DEZEMBRO / 1979 – Nº 06</b>
<b>PRINCIPAIS ASSUNTOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Presidente Figueiredo Prometeu: apoio aos prefeitos da região</li> <li>- A Igreja e as imigrações</li> <li>- A luta pela terra em Paranhos</li> <li>- Turismo: Muito além do Pantanal</li> <li>- Roteiro econômico para a terra dos Incas</li> <li>- Estão roubando madeira dos índios</li> <li>- Por que a Petrobras não fura mais?</li> <li>- Petróleo no Pantanal</li> <li>- Rede Mato-Grossense de televisão</li> <li>- Fim do brejo: Anhanduí está sendo urbanizado</li> <li>- O movimento artístico em Campo Grande no 1º ano do MS</li> </ul>
<b>LOCALIZAÇÃO DA REVISTA</b>	<b>PRATELEIRA DE REVISTAS, PASTA R3, REVISTA 3.7</b>